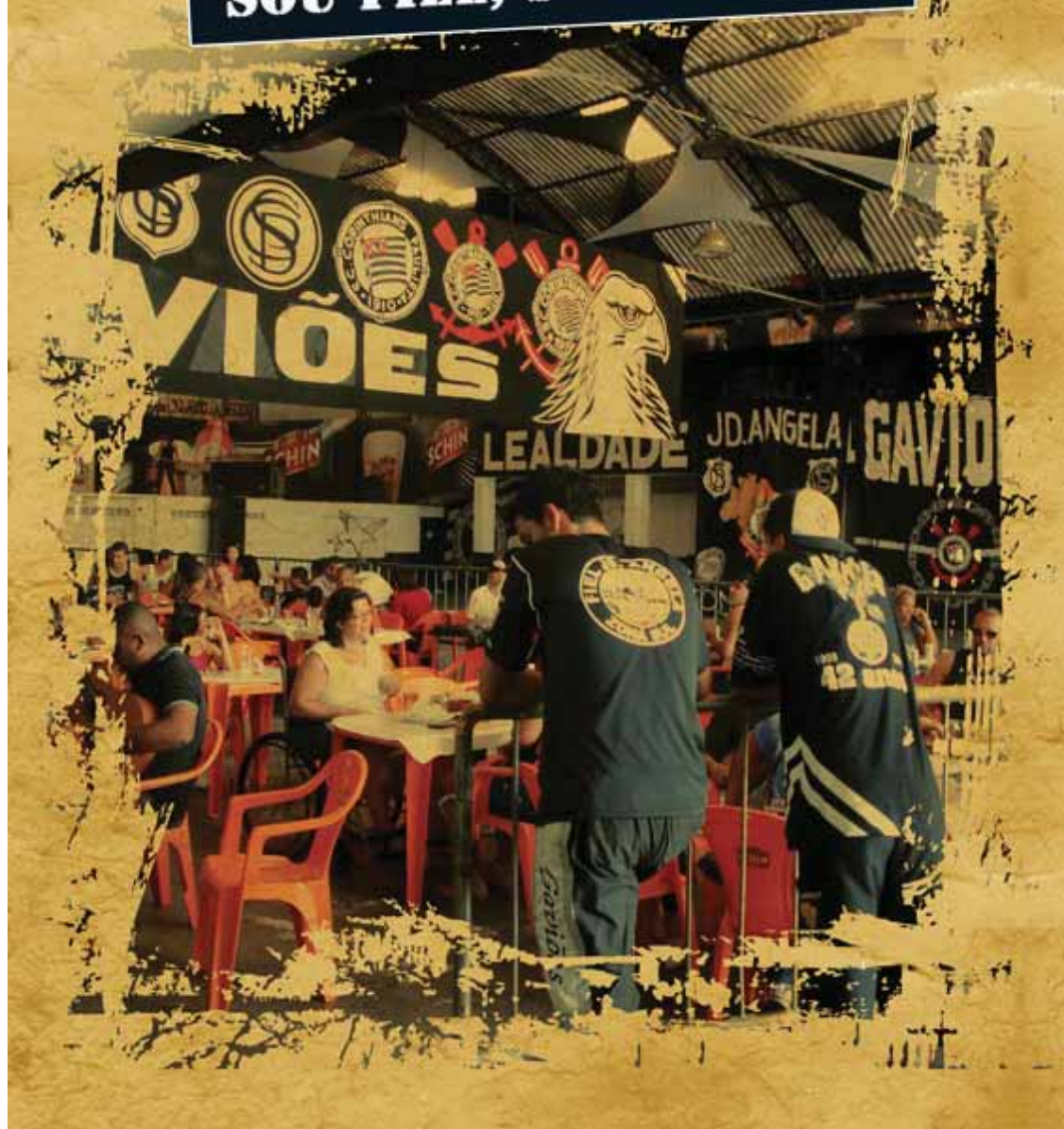


EU VOU DE ARQUIBANCADA

"SOU FIEL, SOU GAVIÃO"





Carolina Bortoleto Firmino é graduanda em Jomalismo pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Até a adolescência, não sabia o que era torcer. Hoje, tem certeza de que escolheu as três melhores cores para carregar no peito. Neste livro, você descobre quais são.

**EU VOU DE
ARQUIBANCADA
“SOU FIEL,
SOU GAVIÃO”**

CAROLINA BORTOLETO FIRMINO

Firmino, Carolina Bortoleto

Eu vou de arquibancada: sou Fiel, sou Gavião/ Carolina Bortoleto Firmino.
Unesp, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru, 2011.

Capa - Papel Cartão Triplex Royal 250

Miolo - Papel Off 7 - 75g - Tamanho A5

Projeto Gráfico: Alexandre Sueishi

Capa: Aline Santos

Fotografia: Carolina Firmino

*"A mente que se abre a uma nova ideia,
jamais voltará ao seu tamanho original."*

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

Agradecer não exige esforço, exige memória. Os primeiros da fila são minha família, de quem recebi apoio e amor: a minha mãe, o agradecimento pela compreensão e ligações diárias – das quais eu reclamo, mas não viveria sem; ao meu pai, por me apresentar o mundo tão cedo, com os olhos de quem conhece a História; ao meu irmão, por inspirar minhas trilhas sonoras nos dias em que nada parecia funcionar e a minha avó, por ser o meu ponto de equilíbrio.

Gostaria de agradecer a Carolina Vieira – minha quase irmã e amiga – e a todos os “aleatórios”, sem os quais minha felicidade não seria completa nestes quatro anos de graduação; ao melhor tamborim da Naumteria, Vanessa Silva, com quem partilhei cada momento de alegria e preocupação na produção deste livro; às amigas que fiz na Editora Alto Astral, principalmente a minha equipe, que soube lidar com o desafio de ter uma estagiária capricorniana; e a Aline Santos e Alexandre Sueishi, porque, sem eles, este livro não sairia do papel A4.

Agradeço também a todos que me apoiaram na realização deste projeto e a meu orientador, José Carlos Marques, por me guiar durante as etapas do processo de criação do livro-reportagem e viabilizar o seu desenvolvimento.

Por fim, um agradecimento especial à família que eu escolhi para fazer parte da minha história. Torcida Organizada Febre Amarela, os amigos mais insanos que eu poderia ter: “amor, podes crê, sou unespiano até morrer!”

APRESENTAÇÃO

Torcidas organizadas de futebol são mocinhas ou vilãs na história chamada Futebol? Ou melhor: quem são os personagens que podem dar respostas – ou pelo menos indícios – de quem elas são? É o que este livro tenta mostrar por meio das peças de um quebra-cabeça bem difícil de ser montado. Tivemos como base duas das maiores organizadas do Brasil: a Gaviões da Fiel, ligada ao Corinthians, e a Torcida Tricolor Independente, ligada ao São Paulo. Para que uma não fosse classificada como maior, melhor ou mais importante do que a outra, o leitor escolhe por qual das duas começa seu mergulho neste mar agitado e repleto de discussões calorosas.

O Corinthians é conhecido como o time do povo e possui a maior torcida organizada do país: a Gaviões da Fiel, que surgiu em meio à ditadura militar com o objetivo de questionar a situação política e administrativa de seu clube do coração. Por viver em um período de controle da liberdade de expressão, sofreu diversas perseguições, ainda assim, hoje são mais de 90 mil sócios em uma história que já dura 42 anos.

A maioria das versões para contar a trajetória da torcida alvinegra é essa. A minha eu ainda queria ser capaz de contar. Acredito que, para saber falar sobre uma coisa, é preciso vê-la de perto – e foi o que eu fiz: a primeira vez que estive em São Paulo a passeio, foi para conhecer o Museu do Ipiranga. Na outra, dez anos depois, meu objetivo seria visitar a sede da Gaviões da Fiel. Ótima oportunidade para um teste: ser imparcial. Por quê? Óbvio: eu não sou corintiana. Além disso, o fato de fazer parte da torcida que representa o campus da minha universidade em jogos universitários também poderia influenciar minha opinião.

O desafio, no entanto, estava lançado: conviver em meio a uma nação de mais de 30 milhões de loucos da qual eu não fazia parte. Meu objetivo era encontrar pessoas que pudessem mostrar diferentes olhares sobre a Gaviões da Fiel: presidente, membro mais antigo, a mulher torcedora, o vendedor de lanches, o policial, o jogador e outros. Queria conhecer quem fazia parte deste universo e viver um pouco daquela realidade.

Na primeira parte do livro você encontrará toda aventura que vivi ao lado dos torcedores alvinegros. Para quem chegar até o final da primeira parte, uma surpresa o aguarda: será que as torcidas organizadas são tão diferentes uma da outra?

A minha versão sobre a maior torcida organizada do país eu consegui contar no livro. Agora, convido você a conhecê-la e, por que não, criar a sua própria.

Boa leitura!

ÍNDICE

PARTE I

Cap. 1: Todo gavião tem seu ninho	15
Cap. 2: Galinha não, Gavião, maloqueiro, sofredor	19
Cap. 3: Protagonistas de uma história.....	25
Cap. 4: Vozes.....	43
Cap. 5: A torcida no sambódromo.....	55
Cap. 6: Sport Club Corinthians Paulista: seja bem-vindo!	61
Cap. 7: “Eu vou de arquibancada pra sentir mais emoção”	71

PARTE II

NOVAS VERSÕES, RESPOSTAS E ENTREVISTAS	81
Luiz Henrique de Toledo.....	81
Carlos Alberto Máximo Pimenta	84
Polícia Militar do Estado de São Paulo	87
Confederação Nacional das Torcidas Organizadas – CONATORG	89
Rodrigo Braghetto.....	92
Cel. Marinho.....	97
Sérgio Rizzo	103

PARTE I



*“Desde que eu me entendo por gente,
Coloquei na minha mente,
Sou Fiel, sou Gavião”
Eu nasci corintiano*

CAPÍTULO 1

TODO GAVIÃO TEM SEU NINHO

*“Colorido em preto e branco
Sem preconceito de cor”
Meus vinte anos*

Quem passa pelo bairro do Bom Retiro, em São Paulo, reconhece de longe a muralha preta que se ergueu ali. Não bastasse um quarteirão inteiro, são dois para compor esse cenário: um para a sede da torcida e outro para o barracão da escola de samba. De um lado, poucas casas e algumas lojas de comércio; do lado oposto, uma rua sem saída com muros pichados que avisam quem são os donos daquele lugar: “Fiel Morrão.”, “Diadema”, “Zona Norte”, “FEBEM” e “Vila Moraes”.

Os Gaviões vieram de vários cantos da cidade e marcaram seu território. Do alto daquela construção, é possível ver uma ave esculpida em pedra, com olhos que parecem cuidar de cada movimento. No entanto, a sensação de ser observada surge de duas formas: ameaça – no meu caso – e proteção. Apesar dos portões que se abrem como um convite, eu não era nenhuma convidada de honra. Ainda assim, intimidada por uma realidade distante da minha, o primeiro contato com a sede da maior organizada do país foi digno de uma frase famosa:

– Tinha que ser corintiano!

Domingo de manhã e um grupo de pessoas me recebeu na calçada em frente à quadra. Eu não sabia a quem perguntar qualquer coisa, já que pareciam alterados pelo álcool. Mesmo assim, um homem sem camisa se aproximou para ouvir o que eu queria:

– Por favor, quem poderia conversar comigo a respeito de um trabalho que estou fazendo sobre a torcida?

Mal terminei a frase e mais três deles vieram até mim: descalços, sujos, consumindo a cerveja que restava ali. Tentaram começar um diálogo, mas não saía nenhuma palavra que fizesse sentido. Uma mulher, de sandália na mão e maquiagem pós-festa resolveu interromper:

– A gente teve aniversário da torcida, é melhor você voltar amanhã. Tamo aqui desde ontem!

Não insisti, mas também não perdi a oportunidade de espiar dentro da sede.

Atravessei a rua e fui até a calçada, onde uma senhora se esforçava para limpar a bagunça do dia anterior e juntava as latinhas vazias que se acumularam. Mas o chão molhado e escorregadio me pareceu uma armadilha naquele mundinho preto e branco; e eu resolvi voltar outro dia, com autorização para pisar ali. No entanto, meu primeiro contato com a Gaviões começou bem antes. A primeira tentativa foi por e-mail – um verdadeiro fracasso. Acredite se quiser, mas a burocracia também chegou por lá.

A torcida é representada por assessores que, visivelmente, não se comunicam bem entre si. Daria para formar quase uma semana inteira com todos os dias desperdiçados em idas a Gaviões sem nenhuma resposta positiva. Apesar de se mostrar ativa – em relação a seus membros, promovendo palestras e eventos – ninguém fala nada sem autorização.

Durante uma semana foi assim: ia à sede e voltava sem conseguir falar com ninguém. Um telefonema. Dois telefonemas. Outra visita. Mais uma. Nem meu agasalho verde – que usei sem saber que poderia significar um problema para mim, mesmo só descobrindo depois – fez efeito nos gaviões:

– Você não pode vir na quinta? É que quarta é dia de jogo, nós vamos para o Rio de Janeiro – explicava a assessora.

– Claro, posso sim.

Quinta-feira e eu estava lá:

– Olá, combinamos que eu viria hoje, posso conversar com o pessoal?

– Então, é que tá todo mundo de saída. A gente tem uma reunião no Ministério Público, você não quer voltar amanhã, eu vou estar aqui.

E lá vou eu de volta pra casa. No dia seguinte, para não perder a viagem, resolvi ligar para ter certeza de que teria a autorização que precisava para começar minhas entrevistas. Nada feito:

– Olha, vem aqui no final de semana. É melhor, talvez eu não esteja, mas aí você pode conversar com pessoal.

Perdi as contas de quantas foram as tentativas, mas o novo encontro veio como a resposta tipicamente corintiana – de que sempre tem razão. Sede cheia, pagode de primeira e, finalmente, gente disposta a falar comigo.

Muros pichados com imagens que relembram a história do Corinthians. Símbolos, frases e rostos que revelam a arte das ruas. O nome da torcida em letras prateadas: GAVIÕES DA FIEL. Sim, todas maiúsculas, que é para qualquer um enxergar. O prédio é grande, movimentado e, naquele dia, tinha cheiro de feijão preto no fogão.

Logo na entrada, fica a lojinha onde são vendidos os artigos da torcida e oferecidas informações a quem ainda chega sem saber o que procurar. São camisetas, chinelos, adesivos, bolsas, enfim, tudo o que compõe o figurino de um verdadeiro torcedor organizado.

No canto, uma caixa com os agasalhos da última campanha feita pela torcida para ajudar as pessoas que sofrem com o frio. Ainda ali dentro, um cartaz colocado ao lado da porta de vidro, contém as informações sobre as datas de jogos e cada adversário. Não é difícil descobrir quem são eles: lambaris, porcos, bambizada, todos contra o timão!

A minha direita, está o desenho de um gavião vestindo a camiseta da torcida. Na pintura, que toma a parede inteira, ele tremula uma bandeira com o retrato de São Jorge, ao lado da frase: “Os Gaviões apavoram o Brasil”. Outras figuras, lemas e bandeiras também estão estampados por todos os lados, além de um teto decorado com lycra preta e branca. Ao fundo, o palco onde se apresentam os enredos da escola de samba completa o ambiente festivo para os torcedores que usufruem da área social.

São Jorge, o santo guerreiro associado à história do clube, também ganhou seu espaço em um pequeno altar com flores, velas e imagens de cerâmica. Mas me pareceu um pouco esquecido: blusas, capacetes e uma cadeira também compunham o cenário, como se há muito tempo ninguém tivesse gastado seu tempo ali.

Durante quase uma hora, fiquei apenas observando o movimento, como fazia o gavião dos olhos de pedra com quem vinha da rua. Sempre que chegava uma nova família, a feijoada era posta à mesa e as crianças corriam até o espaço reservado para o futebol. Na hora de matar a sede, no entanto, apenas uma marca era vendida ali dentro. De refrigerante à cerveja, um provável patrocinador, com a imagem do logotipo nos refletores de luz, nas faixas que enfeitavam o fundo do palco e nos camarotes no alto de toda a quadra. Para subir até lá, o caminho era uma escada estreita, a mesma que levava até a sala da presidência – com uma visão ainda mais privilegiada que a do gavião, conseguindo ver dentro e fora da sede, como num forte de guerra.

Uma caminhada curta e chego bem ao centro da quadra. Um símbolo gigante do Corinthians está sob os meus pés. O comportamento de quem torcia por time nenhum me proporcionou esse luxo sem medo. Afinal, quantos corintianos sabiam qual era diferença entre ter aquele brasão embaixo de seus próprios pés ou dos meus, que tentavam seguir imparciais? Sábado de ironias para mim. Mas meu bom-senso jornalístico sabia que era hora de aguçar o faro e dar um passo à frente.

CAPÍTULO 2

GALINHA NÃO. GAVIÃO, MALOQUEIRO E SOFREDOR

*“Doutor, eu não me engano,
Meu coração é Corintiano”
Coração Corintiano*

– A gente sempre foi povão mesmo!

A resposta veio melhor do que eu esperava a uma pergunta que demorei a conversa inteira para fazer:

– Todo corintiano é sofredor, mas todo corintiano é maloqueiro?

Nessa hora, estava ali na rua mais preta e branca do Bom Retiro, um número suficiente de torcedores para considerar meu questionamento quase uma tentativa de suicídio – mesmo que para uma são-paulina bem intencionada. Atrás do carro onde eu e o ex-presidente da torcida estávamos, um grupo de Gaviões observava a conversa: era uma mão na latinha de cerveja, outra no cigarro, um olhar para o nosso lado, o outro meio perdido. Do tipo que ameaça apenas com a presença, já que as mãos estão ocupadas.

– Mas por que maloqueiro e sofredor?

– A gente surgiu numa época de 23 anos de fila, o clube tava devendo pra todo mundo, não tinha nem ônibus pra ir pro jogo. Então, o corintiano é maloqueiro e sofredor desde essa época, porque ele sofreu muitos anos, para que o Corinthians se tornasse uma grande potência, com o centro de treinamento que tem hoje e com um futuro estádio. Esse sempre foi o nosso sonho, de 30 anos atrás.

O pouco de cabelo branco que resta na quase careca de Dentinho pode comprovar a experiência de aproximadamente 40 anos de Gaviões. A sobriedade com que ele fala a respeito da imagem de sua torcida diante das outras, demonstra um jeito maduro de encarar a participação dos Gaviões no futebol:

– As torcidas cresceram demais e fugiram do foco de torcer pelo seu clube e respeitar o adversário. Perdeu-se o respeito para se vestir a camisa do seu time e buscar o confronto. A rivalidade virou extra-futebol, extra-torcida e, a partir daí, acabou o sentido de uma organizada. Muitas acabaram ou voltaram com outro nome, a Gaviões não, porque a gente sempre manteve a linha e a nossa postura.

Manter-se na linha é algo difícil de acreditar. Ao observar a movimentação que acontecia bem atrás de mim, no quarteirão em frente à sede, percebi que o

muro da construção que já tinha me tomado certo tempo de caminhada, funcionava praticamente como um divisor de mundos. Dentro da quadra, amigos em volta da mesa, o almoço preparado cozinha, os marmanjos jogando bola com as crianças: a torcida que Dentinho conhecia. Uma Gaviões da Fiel que tenta se colocar como uma organização voltada à família. O objetivo? Não deixar que seu nome seja relacionado à violência dentro e fora dos estádios e ao tráfico. No entanto, do lado de fora, a realidade era outra. Maconha. Nenhuma novidade se for pensar o momento cultural – onde tudo é permitido e o consumo de drogas torna-se cada vez mais recorrente – que vivemos hoje, mas nada compatível com a imagem adotada pela organização. Só que disso tudo ele sabe. É difícil controlar uma torcida com mais de 90 mil associados que, apesar de partirem de uma só ideologia – Lealdade, Igualdade e Procedimento – possuem valores diferentes, aqueles desenvolvidos ao longo da vida.

Outra realidade trazida por Dentinho e desconhecida por grande parte dos torcedores é a do futebol romântico. Ganhar não era o mais importante. O esporte existia pelo prazer de competir, de ir ao estádio ver o show das torcidas e arte nos pés dos jogadores. O puro amor à camisa, ao manto sagrado. A verdadeira representação cultural da sociedade. Nada do que se vê hoje: a intervenção do mercado; a briga de clubes por atletas disputados a muitos milhões; a corrupção presente nas diretorias; a concorrência desleal entre redes de televisão para adquirir os direitos de transmissão dos jogos; ingressos a preços altos e o desrespeito com o torcedor. O resultado? Dentinho me contou. O futebol moderno mudou o que era a Gaviões da Fiel.

– Como se deu a formação da Gaviões?

– A gente lutava contra uma ditadura no time. Eram os estudantes da época, que já tinham alguma participação em outros movimentos no país. Eu mesmo me identifiquei porque já tinha uma atitude idealista, contra os militares e o regime da época. A gente não ia só pra arquibancada pra torcer, existia uma luta política também!

Muito diferente da situação política vivida hoje no país e, principalmente, da relação com o atual presidente do Sport Club Corinthians Paulista, Andrés Navarros Sanches. Apesar da tentativa da Gaviões de mostrar que se mantém independente – nas decisões e nas finanças – da diretoria do clube que representa, a “camaradagem” parece rolar solta. Andrés já foi membro da maior torcida corinthiana e, no mural da sede, está lá para quem quiser ver: a trajetória brilhante do ex-Gavião até a presidência do Corinthians. Uma figura inusitada para quem vê

de longe – o que é o meu caso, já que não cogitei uma entrevista por acreditar que a possibilidade era remota. Não faz mal. Os jornais e revistas servem para mostrar um pouco do que a gente não pode conferir com os próprios olhos.

Andrés tornou-se presidente do Sport Clube Corinthians Paulista em 2007, pouco antes do rebaixamento do time para a série B do Campeonato Brasileiro. Desde então, sua atuação no clube ganha visibilidade na mídia a cada nova polêmica envolvendo o nome do cartola: amigo íntimo de Lula e de Ronaldo – o fenômeno –, filiado ao Partido Trabalhista, responsável pelo centro de treinamento mais moderno da América Latina, dono de uma lealdade suspeita a Ricardo Teixeira, o presidente da Comissão Brasileira de Futebol (CBF), fez do Corinthians uma marca com o maior valor de passe do mercado e terá um estádio próprio na Zona Leste de São Paulo.¹

Não é pouca coisa. No entanto, sua relação com a torcida corintiana também chama a atenção. Andrés costuma atender os torcedores antes e depois de jogos e se considera um “cara da torcida” na presidência do Corinthians. Porém, dentro da Gaviões, a opinião a respeito do cartola não é unânime – como veremos em outro capítulo na fala do presidente da torcida. “Rabo preso”? Não sei, desconfo. O momento parece realmente não pedir o tipo de movimentação da qual Dentinho se orgulha. Atualmente, pouco de política existe no futebol brasileiro e quando algo vira notícia, dificilmente atinge o público em sua maioria – um exemplo foi a pouca visibilidade dada ao ato “fora Ricardo Teixeira” realizado em 2011 por torcidas organizadas de todo o país.

A história agora é outra. O jovem que busca uma organizada parece querer proteção e um grupo para ser aceito. Ir para o estádio sozinho não é o problema. Pelo contrário, o perigo está perto de casa, nos bairros, onde não se pode mais ser um torcedor comum. Por isso, andar com a camisa do time acaba significando muito para quem busca uma maneira de criar a própria identidade. E eu não precisei nem de cinco minutos para perceber isso. Os modelos ficam a gosto do freguês, mas tem camiseta, bermuda e chinelos estilizados. Minha tentativa de escolher uma cor neutra de roupa, para não me destacar tanto naquela multidão branca e preta foi uma boa opção. Um cinza não foi tão ruim e acabou ficando no meio termo, mas, ainda assim, parecia incomodar.

Não posso deixar de dizer que o incômodo também era um pouco meu. Ali

¹ Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2011/09/andres-sanchez-preto-no-branco.html>

eu não podia ter um time e, torcer, só se fosse para o Corinthians. Questionar ficava tão difícil quanto concordar:

- Como você vê a ação da Polícia Militar na trajetória da Gaviões?
- No início, até 81, não existia contato ou acordo nenhum com a Polícia, você ia pra o estádio de futebol e eles determinavam os fatos, as maneiras, as colocações, as divisões, sem conversa nenhuma. E, quando surgíamos na imprensa, a mídia também não ajudava, generalizava tudo. Se alguns quebravam o metrô, não eram os Gaviões, eram elementos que quebravam o ônibus ou vandalizavam qualquer outro lugar. A Gaviões é uma instituição séria, com uma diretoria para controlar isso.
- E o que melhorou de lá pra cá?
- Começaram a criar formas de amenizar a situação e controlar com cadastramento, divisões, reuniões e, com o tempo, a polícia foi aprendendo a trabalhar com o torcedor.

Dentinho que me desculpasse, mas, naquele momento, abaixar a cabeça não significou partilhar da mesma opinião que ele. Um grupo com mais de 100 mil pessoas precisa ser contido em suas manifestações que ultrapassem o limite do aceitável e a diretoria dos Gaviões não é o suficiente para controlá-las. Mas, mesmo com essa troca de favores, a relação entre Polícia e torcida não me convence: a organizada aceita e cede, mas porque não quer deixar de comparecer; a Polícia se adéqua, mas é para facilitar o próprio trabalho. Ninguém quer dever nada pra ninguém, porque um já conheceu do que o outro é capaz.

SURPRESAS

Nossa conversa foi longa e, mesmo com um som animado que tocava dentro da sede, o ex-presidente, José Carlos de A. Moraes não trocou nossa entrevista pelo pagode. Mais falou do que me deixou perguntar e parecia empolgado em contar uma história que não se limitava apenas àquela rua.

- Qual acontecimento mais marcou você durante todos esses anos na torcida?
- Em 76, a grande invasão² do Maracanã por 80 mil corintianos. Eu participei e carreguei isso como um orgulho. Eu era diretor apenas, ajudei a levar os ôni-

² Em dezembro de 1976, aproximadamente 80 mil corintianos invadem o Maracanã no clássico Fluminense X Corinthians, pelo Campeonato Brasileiro. O jogo termina em um a um e o Corinthians é classificado nos pênaltis, por quatro a um.

bus e houve uma grande mobilização nacional, com o pessoal saindo aqui de São Paulo, né. Nunca vai existir um número de torcedores tão grande como o desses grupos que se deslocaram para outro estado só para torcer pelo clube.

Meu sentimento ao ouvir essa e outras histórias era como uma compreensão cheia de esforço, apesar de sincera. Mas, desde o começo, a reação daquele grupo que parecia fingir não escutar a nossa conversa era diferente. Ao fim de minha entrevista, isso se comprovou. Um dos homens, que intercalava sua atenção entre o bate-papo na roda de amigos e as palavras de Dentinho, veio até nós. Não me passava pela cabeça o que ele iria fazer. E aconteceu o mais inesperado: um abraço. Não em mim, mas no meu entrevistado, que retribuiu com o sorriso de quem sabia o porquê daquele gesto. Gratidão, talvez. A mim, até imagino o que esse homem tinha vontade de dizer:

– Vê se aprende alguma coisa, menina!

CAPÍTULO 3

PROTAGONISTAS DE UMA HISTÓRIA

“Quando falar do Corinthians, vê se fala certo

Vê se não tem nenhum Gavião por perto”

Quando falar do Corinthians, vê se fala certo

Muito do meu interesse sobre o que une paixão e esporte é resultado da curiosidade em saber quem são as pessoas que fazem parte desse universo. São rostos, timbres de voz e personalidades variadas à frente da maior torcida organizada do mundo. Ouvir as histórias e a opinião de quem vive esse dia a dia é como observar um retrato feito por uma câmera de lentes únicas, que não são iguais, mas resultam em uma só realidade. No caso da Gaviões da Fiel, seu protagonistas tinham objetivo comum de apoiar o Corinthians e representar a sua torcida. Alguns deles carregavam poder da decisão, outros tinham o da influência – ou seja, podiam não decidir, mas sabiam exatamente o que falar.

Quando cheguei à sede, senti o receio normal de qualquer pessoa que pisa em território inimigo. Àquela altura, eu tinha passe-livre no ninho dos Gaviões, mas toda dificuldade dos primeiros dias de contato deixavam meus pensamentos agitados, com perguntas que eu fazia a mim mesma: com quem conversar? Por quem perguntar? Com ou sem gravador? Enfim, lá vou eu. Quero saber dessas pessoas e suas histórias.

ZÉ DA LOJINHA

Na loja onde são vendidos os produtos com a “marca” da Gaviões é que se concentra o maior fluxo de pessoas todos os dias. Ela funciona como uma recepção da torcida e todo mundo que entra na quadra da sede acaba passando por ali, seja para olhar, comprar ou perguntar por alguém. Olhando a vitrine, foi como conheci o Zé, que trabalha atendendo as pessoas ali e já tinha se acostumado com a minha presença insistente por lá.

Impossível não prestar atenção nos olhos verdes de José Carlos da Silva Júnior que, apesar de certa timidez, atende com um sorriso.

– Pois não, posso ajudar?

Eu diria que ele está mais para modelo, se não fossem os óculos espelhados

um pouco fora de moda que ele deixava sempre sobre a cabeça. Aos 19 anos, ele é responsável pelo Departamento de Bandeiras e está há três na torcida, tempo suficiente para sua mãe se acostumar em vê-lo fora de casa. Zé me acompanhou até o lado de fora da lojinha e paramos próximo ao grupo que era orientado por ele a organizar o material para o jogo daquela tarde.

– Como é sua rotina em dias de jogo?

– Quando o Corinthians joga, chego bem cedo na sede para fazer a seleção das bandeiras e separar os instrumentos que vamos levar. Mas tudo depende de onde vai ser o jogo e quem é o time adversário

Isso acontece porque algumas leis que regulamentam a ação das torcidas organizadas mudam de um estado para o outro. Um exemplo disso é a utilização das bandeiras de mastro nos estádios: em São Paulo não pode, no Rio de Janeiro sim. A proibição existe desde o incidente envolvendo a torcida Independente (do São Paulo) e a Mancha Verde (do Palmeiras) no estádio do Pacaembu, em 1995 – episódio abordado por mim em outro capítulo e pela minha amiga Vanessa no livro referente à torcida tricolor.

Apesar da proibição, recentemente, houve uma tentativa de aprovar a volta das bandeiras de mastro aos estádios paulistas. Em agosto de 2011, a Assembléia Legislativa de São Paulo teve a maioria de votos a favor da utilização do artefato nas arquibancadas. Um projeto do deputado Ênio Tato (PT), com apoio do Ministério Público, previa o cadastramento dos torcedores que entrassem com as bandeiras no estádio, possibilitando, portanto, a punição em caso de conflitos. Porém, a lei foi vetada em outubro do mesmo ano pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), que justificou a decisão afirmando que os mastros poderiam ser utilizados novamente em brigas entre torcedores.³

Nossa conversa terminou rápido e ele passou a bola para outro companheiro de torcida:

– Conversa com o Bruno, ele vai falar bastante com você!

Com toda pressa de um Gavião no pré-jogo, Zé saiu de fininho.

GAVIÃO CONSCIENTE

Meu novo entrevistado era bem diferente do anterior. Nada de pressa. Uma

³ Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/10/12/alckmin-veta-lei-que-permitiria-a-volta-das-bandeiras-aos-estadios.htm>

fala pausada, para que não houvesse dúvida sobre nenhuma resposta. Bruno também era do Departamento de Bandeiras e usava uma camiseta com o desenho de um ponto de interrogação e o nome “Bandeirão 3”, a bandeira de sua responsabilidade. O boné da Gaviões, que ele usava com a aba tão baixa, não fez com ele desviasse o olhar ao responder minhas perguntas :

- Quem trouxe você até aqui?
- Eu já acompanhava os jogos no estádio e com 22 anos resolvi entrar.
- Mas foi tranquilo?
- Não, no começo teve uma resistência da família e até da minha namorada, que é são-paulina, porque toma muito tempo, né?

Fiquei na dúvida: resistência porque toma muito tempo ou porque a namorada é são-paulina? As duas coisas, provavelmente. Ele não usa vermelho, ela não usa preto e branco. Ele pede a São Jorge, ela a São Paulo. A família quer o filho no almoço de domingo, o filho quer ir para o estádio. A mãe pede que ele não volte tarde durante a semana, ele sai e só chega depois do jogo. Demora, mas Bruno avisa que todos acabam aceitando.

No entanto, ele conta que não demorou muito para que a aceitação acontecesse, foi natural. A visão dele sobre o jovem inserido na torcida é a de que existem pessoas responsáveis por ajudar na formação desse indivíduo: fazem com que ele pense melhor antes de se envolver em confrontos e começar a brigar. Aproveita e tenta limpar uma imagem já desgastada:

- Gaviões é uma torcida que não age contra ninguém, apenas reage às ameaças. Não, não me convenceu. O Gavião foi escolhido como ave-símbolo da torcida alvinegra justamente por ser um animal que não erra a sua presa. Meu entrevistado consciente estava se deixando levar pela paixão:
- E a participação feminina, como fica aqui dentro?
- A torcida é um patrimônio dos homens, e apenas ocupações como secretaria ou comunicação são conduzidas por mulheres.
- Por quê? Em outras torcidas elas costumam ter um espaço maior.
- Não sei, é tradição. Mulher não entra na sala das bandeiras, não pode tocar qualquer instrumento no estádio e, no ônibus, senta só do meio pra frente, essas coisas.

A opinião de Bruno é a mesma de toda a Gaviões. Se me incomodou? Muito! As mulheres buscam uma participação efetiva nos diversos setores da sociedade e consegue. Na maior torcida organizada do país, que se diz fruto de uma ditadura e da luta por seus interesses, a mulher ainda tem sua liberdade de expressão poda-

da e se vê ocupando funções “femininas”, classificadas assim por puro machismo. No entanto, era apenas eu a incomodada. Nenhuma delas parecia estar disposta a se colocar contra uma tradição.

O ar machista e a ausência de voz de parte dos seus integrantes são quase imperceptíveis diante do clima de união que parece acontecer ali dentro. São famílias inteiras presentes na sede, aproveitando tudo que o espaço pode proporcionar, como na política do “pão e circo”: oferecem atrativos como a facilidade em adquirir ingressos, a diversão do final de semana e o status de torcedor organizado, em troca do apoio geral e incontestável.

Apesar de fazer parte dessa massa, Bruno tenta se destacar de outras maneiras. Para ele, manter-se longe do grupo que gosta de promover confrontos já é sair do lugar comum que generaliza esses torcedores:

- Alguns brigam apenas para sustentar seu status e fazer um marketing pessoal, como os torcedores da Zona Leste.

- Brigam com quem? Quem são esses inimigos?

- A gente carrega o lema de força independente e respeita algumas torcidas, como a do Avaí (SC), mas não se envolve com elas. Aqui em São Paulo a gente só tem um inimigo, que é a Mancha Alviverde. Fora daqui, só o Vasco.

- E quem são os aliados?

- Não sei quem são as outras organizadas irmãs ou rivais, mas eu não uso camisas com brasões que não são os meus.

Na verdade, nenhum Gavião usava a camisa de outro time. Por opção? Por ser uma lei? O motivo eu não sei, mas arrisco: o ego do torcedor corintiano não permite que ele se espelhe ninguém, tamanha a certeza sobre sua superioridade – mas essa é só a minha opinião. Durante toda a conversa, Bruno demonstrou facilidade em responder às minhas perguntas. Antes de conhecê-lo, imaginei que seria difícil o diálogo com os mais jovens, por conta do envolvimento estreito com tudo naquele universo. Pelo contrário, ele parecia à vontade e querendo me ajudar. Pronto, agora eu precisava assumir que tinha simpatia por mais um corintiano.

O SONHO CORINTIANO

Uma timidez que se denuncia na dificuldade de conversar. Minha primeira impressão sobre Cléber foi essa. O olhar era calmo, assim como o da maioria dos garotos da torcida que eu havia conhecido, mas seu esforço em fazer parte da-

quele cenário me comovia. Fanho e com a língua presa. O estereótipo de menino que sofreria bullying na escola, era membro da maior torcida organizada do país e muito respeitado entre seus colegas do Departamento de Bandeiras. Em 2008, chegou ali com um amigo do trabalho e não saiu mais:

– Sua família te apoiou quando você decidiu fazer parte da Gaviões?
– Na verdade, eles só costumam ficar em cima, porque a torcida ocupa 50% do tempo né? E a gente gasta muito dinheiro também.

– Por quê?
– Ah, são muitos jogos e, às vezes, eu preciso deixar de ir a alguns. Quando a situação aperta, preciso manejar, das 38 partidas do Brasileirão, vou a 30.

Pouca coisa? Mas não para um Gavião. Cléber conversava comigo com dificuldade. Mesmo assim, dava respostas de quem sabia o que estava fazendo naquele lugar e tinha escolhido estar ali. Mas eu não imaginava aquele garoto envolvido com outros tão expressivos em seus gritos e manifestações.

Mero engano. Quando precisava defender os interesses dos Gaviões e do seu time do coração, a voz não desafinava:

– Você concorda com a fama de briguentos?
– Não, a torcida não é briguenta não. A gente se manifesta quando há coisas erradas, como na eliminação para o Tolima⁴ no começo do ano.

Não resisti. Aproveitei para fazer uma pergunta – já sabendo a resposta – sem ter a certeza de que este corintiano deixaria seu orgulho ser vencido pela minha certeza:

– O que falta para o Corinthians?
– Ah, a Libertadores, né? Mas é uma competição que precisa de raça, tanto por parte dos jogadores, como pela própria torcida.
Pronto, venci!

UM MOTOBOY NA VICE-PRESIDÊNCIA

Meu encontro com Wagner aconteceu na segunda vez em que estive na sede. Quando vi longe o tamanho do homem com quem eu precisava conversar, fiquei insegura. Parecia um lutador de vale-tudo ou, no máximo, segurança de casa noturna. Motoboy? Era difícil acreditar:

⁴ Corinthians foi o primeiro clube brasileiro eliminado na pré-Libertadores. Perdeu por dois a zero para o Tolima (da Colômbia), no estádio Manuel Murillo Toro, na cidade de Ibagué.

– Olá, você é o Wagner?

– Sou sim.

– Eu já estive aqui e estou fazendo um trabalho sobre torcidas organizadas, nós poderíamos conversar um pouco?

– Vamos até a minha sala, que o barulho não atrapalha.

Subimos uma escada estreita, a mesma que dava para os camarotes. Wagner sentou-se de frente para mim, como se eu fosse a entrevistada. Um tanto intimidador, com seu 1m90 de altura, aproximadamente. O moreno alto – e atraente – de poucas palavras, ao contrário de mim, não se intimidou:

– Como você começou na Gaviões?

– Estou aqui desde 90, indo pra jogos e acompanhando o Corinthians desde moleque.

– Mas você veio sozinho, como foi?

– Ah, paixão, né? Via a Gaviões nos estádios e tinha vontade de conhecer.

– Sua família apoiou?

Nesse momento, a feição dele mudou, era como se achasse que nossa entrevista fosse tomar um rumo diferente do que ele queria.

Pergunta errada? Não sei, mas a resposta veio curta:

– Ah, tipo, tranquilo, de boa!

Aproveitei o silêncio entre a minha pergunta e a resposta de Wagner para observar aquele lugar. Atrás da mesa onde ele estava apoiado, um quadro com a fotografia do time tinha o adesivo com a frase “Fora Dualib!”⁵, possivelmente, colada sobre o rosto do ex-presidente do Corinthians. Um sofá ao canto e um cofre, onde deveria ficar uma parte do dinheiro da torcida. Nada fora do comum. Insisti:

– Mas a maioria dos pais se vê com receio em ter um filho em uma organizada.

– Na realidade isso não é nem uma situação da torcida, é da própria sociedade. Se você for acompanhar mesmo, a violência não está inserida só nas organizações. É só pegar alguns levantamentos e ver: há quanto tempo não acontece uma morte nas torcidas e quantas não aconteceram esse ano em saída de baladas? Então, meus pais acompanham um pouco, mas acham que isso aí não é problema.

⁵ O “Movimento Fora Dulib” foi responsável pela campanha contra a administração de Alberto Dualib no Corinthians. Com a pressão dos torcedores, o presidente foi afastado pelo Conselho em 2007.

– E o Estatuto do Torcedor, pode ser uma solução pra essa violência que tenta avançar?

– Eu vejo que é o trabalho preventivo feito dentro das torcidas que tem segurado um pouco a violência. A gente controla, faz reuniões e se envolve com todos os órgãos relacionados ao futebol, e isso é o que vem trazendo resultados.

O motoboy pareceu descontente a respeito da nova “arma” do Ministério Público que regulamenta os torcedores e procura caminhar junto com as organizadas. Mas, para minha surpresa, não esboçou nenhuma opinião contrária ao trabalho do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar de São Paulo, responsável pelo controle da ação das torcidas em dias de jogos.

– E o papel da PM? A gente ouve muito sobre violência gratuita conta vocês...

– Algumas vezes eles podem até agir errado, mas não totalmente, podemos dizer que ambas as partes são erradas. Mas, no estado de São Paulo, a polícia é muito mais preparada que em outros lugares do Brasil, não tem muito problema.

Wagner pensa assim, mas a relação da Polícia Militar com as torcidas de maior representatividade no país carrega um peso diferente. Torcedores organizados são sempre culpados: perdem a cabeça e não sabem por que brigam. A grande mídia, que deveria desmistificar certos estereótipos, acaba se apoiando ainda mais neles e determinando quem são as vítimas.

– E a mídia, colabora ou prejudica esse trabalho feito em conjunto?

– É o que mais atrapalha, né? Hoje mesmo a gente vai ter o jantar de Dia dos Pais. Também vai ter evento no Dia das Crianças, quando ocorreram as enchentes do Rio, fizemos uma campanha, só que, infelizmente, isso não da ibope, né? A mídia acaba abordando o que é interessante pra ela. Alguns programas até tentam mostrar o dia-a-dia da torcida, mas tem outras pessoas aí que falam pro torcedor não ir ao estádio, e tentar chamar a atenção praquilo.

– Mas, às vezes, precisa mostrar algumas coisas, como o consumo de drogas. De alguma maneira, vocês tentam educar o jovem que entra aqui em relação a isso?

Antes da resposta, o vice-presidente esboçou um sorriso. Culpa ou apenas uma censura a minha pergunta? Eu não sabia se Wagner era usuário de drogas ou qual era sua opinião a respeito, mas precisava perguntar. No tempo em que eu havia passado na sede, percebi que o uso de substâncias ilícitas era feito apenas do lado de fora, o que me surpreendeu. Voltei o olhar para o meu próprio espaço: quantos estudantes não fazem uso de drogas dentro da universidade e não são punidos? De certa forma, a restrição acaba não atingindo a todos. No entanto,

no período da minha visita a Gaviões, motos e viaturas da Polícia também passaram por lá, mas não pararam. Não houve punidos. O motoboy respondeu, mas isentou a torcida da culpa:

– Tanto a violência quanto a droga estão na sociedade. Hoje, molecada de 14 anos já toma cerveja e tudo mais. Aqui, a gente até tenta proibir, tenta puxar a orelha, mas o que ele não faz aqui, ele faz fora, infelizmente.

Wagner é só mais um motoboy entre os quase 140 mil que existem em São Paulo. De capacete na cabeça, ninguém o reconheceria. Porém, assumir o papel de vice-presidente obriga-o a cuidar da posição que ocupa e responder com a mesma responsabilidade que um político deveria ter, já que responde por toda uma nação – no caso dele, a corintiana:

– No que a Gaviões é diferente das outras torcidas?

– Em tudo, principalmente no tamanho da entidade, ela é maior que qualquer outra. O nome Gaviões da Fiel é muito forte também. A gente sabe que a velha-guarda passou aqui e fez um trabalho muito bom. Agora, cabe à gente continuar essa trajetória.

Uma trajetória que ninguém ousasse atrapalhar. Mas dessa vez, ele foi obrigado a deixar a seriedade de lado para responder:

– Você tem namorada?

– Tenho sim.

– E ela também é corintiana?

– É sim.

– Mas e se ela fosse palmeirense e pedisse que você deixasse a torcida?

– Olha, nunca aconteceu isso comigo! Mas se ela falar qualquer coisa pode ter certeza de que não vai me ver mais não! – respondeu sorrindo, talvez pensando na impossibilidade disso acontecer.

Também não segurei o riso.

Era a minha deixa.

O GAVIÃO-REAL

– Não era você que tava lá no Corinthians aquele dia?

Meia dúzia de palavras e Antonio Alan Silva, o Donizete – presidente da Gaviões da Fiel – já estava de saída. Ele tinha se lembrado de mim, mas tivemos que marcar outro encontro.

Uma nova ida à sede. Era dia de jogo contra o Ceará, no Pacaembu, e

eu iria acompanhar a torcida até lá. Desde cedo, observando a movimentação, perguntei pelo presidente, que chegou bem em cima da hora, junto com o ônibus que nos levaria ao estádio. Uma latinha de cerveja na mão, uniforme da organizada, cantarolando as músicas que embalam os corintianos. E eu percebendo que ele não estava muito a fim de se lembrar de mim.

Entrei no ônibus e me sentei logo nos primeiros bancos, como manda a lei dos Gaviões. Donizete passou por mim e foi para o fundo, onde ficam os homens. No estádio, acabei me separando do grupo em que ele estava e não nos encontramos mais. Só voltei a vê-lo na sede. Ele me deu um cartão, perguntou se eu voltaria, mas seria difícil. Então, combinamos uma conversa por telefone – também porque já era tarde da noite e, depois de um dia todo de latinhas de cerveja, ele estava visivelmente sem condições de falar.

Eu ligaria, se ele não tivesse ligado. Sim, o presidente da Gaviões da Fiel me ligou! Provavelmente tinha o número gravado no celular, depois de insistentes ligações no dia combinado:

– Alô, quem fala?

– Carolina, quem é?

– Oi Carolina, é o Donizete, da Gaviões, você me ligou?

E antes que eu menos esperasse, começava a minha entrevista.

Mas, antes de responder às minhas perguntas, Donizete quis saber quais seriam elas e o porquê:

– O que você vai perguntar aí? Sobre o que é?

– Nada demais, quero saber como aconteceu seu envolvimento com a torcida, o seu papel na torcida, a relação com o time, só isso.

Não era só isso, mas eu também não precisava falar.

Logo no começo, ele já foi mostrando o motivo de ocupar o lugar de presidente:

– Fala mais baixo aí, ou! A menina da faculdade vai gravar aqui!

Achei engraçado e continuei:

– Há quanto tempo você faz parte da torcida e o que o trouxe até aqui?

– Eu tô na torcida há 15 anos e o que trouxe até aqui foi a paixão mesmo, pelo meu time. Mas não vim sozinho. Eu tinha um primo que era corintiano e foi minha influência maior, porque meu pai e minha mãe torce pra outro time. Eu até tive um probleminha com meu pai, mas hoje em dia tá tudo resolvido.

Ameacei perguntar qual tinha sido esse problema, mas Donizete me respondeu como se colocasse um ponto final, sem espaço para reticências ou explica-

ções. Para mim, a história envolvia uma tradicional família tricolor da grande São Paulo. O filho ovelha-negra, além de contrariar, torcendo por outro time, ainda reforça sua rebeldia seguindo o primo mais velho e entrando para uma torcida organizada. Devaneios meus.

Doni – como é chamado pelos amigos – começou seu mandato em 2011, e a presidência era um assunto que me interessava mais. Apesar de ser algo novo, ele parecia lidar muito bem com isso, principalmente com a responsabilidade, que tende a aumentar. No entanto, ocupar uma posição de destaque como a dele é complicado.

A ideia de viver com um alvo desenhado na testa deve ser semelhante a responder por uma organizada inteira. São muitas pessoas envolvidas, além do próprio ego, contra quem é preciso lutar na maioria das vezes:

– O que mudou como presidente?

– Não mudou nada, a cabeça é a mesma e o amor também. Só importa o Corinthians. Pra nós é mais do que um time, né? É uma religião. Não dá nem pra comprar com os outros times ou outras torcidas.

Que besteira fazer qualquer comparação com outras organizadas:

– Apesar de terem a maior torcida, vocês não são considerados os torcedores mais violentos. Como você encara isso?

– Olha, eu só vou falar da Gaviões, ok?

E aí vieram as explicações:

– A gente sente, mas não se abala. A gente sabe que tem uma participação importante na sociedade e na vida do jovem. Nessa idade ele tá com a cabeça a milhão, querendo pegar tudo o que vem pela frente. Mas nós estamos, graças a Deus, bem estruturados.

– Bem estruturados em que sentido?

– A gente dá essa estrutura psicológica, põe na cabeça dele que ele é apenas mais um corintiano e que nosso intuito maior é participar dos jogos, incentivar o Corinthians e fazer a festa. A gente também tem quatro projetos sociais. As pessoas, às vezes, conhecem a Gaviões pela violência, mas a gente faz a nossa parte! A violência é um problema social, não nosso. A gente tem nossa escolinha instrumental, escolinha de futebol e forma o jovem aqui para o mercado de trabalho. Mas a gente faz isso não é pra inglês vê não! A gente faz isso porque num é mais que nossa obrigação. São mais de 90 mil associados na mão, isso é mais que uma comunidade!

Só faltou terminar com “e tenho dito!”

Assim como a função de um presidente é defender o seu país, Doni também fez o papel de defensor daquilo que parece ser o seu mundo. As justificativas vieram para tudo, como num jogo de ataque e defesa.

– E qual é o papel da mídia nessa história?

– Como as pessoas só vivem atrás de bochicho, acreditam em tudo que vêem na tevê. A mídia podia tá ajudando a acabar com o problema (da violência), mas é onde tá o maior incentivo. Preferem passar uma briga na arquibancada, do que a Gaviões da Fiel entregando um brinquedo pra uma criança.

As palavras vinham cada vez mais firmes. Não agressivas. Mas em uma fala de quem não tinha medo de dizer nada:

– A relação das organizadas com seus respectivos clubes também costuma ser questionada...

– A gente não ganha nada do Corinthians, não tem rabo preso com ninguém, nem com o presidente! O dia que a gente tiver que cobrar alguma coisa, nós vai lá e vira a mesa na cabeça dele!

Será que vira? Não sei. Ao contrário de outras torcidas, a Gaviões da Fiel possui um ex-membro dentro do Corinthians e vive uma situação muito mais diplomática. Que Andrés não ouvisse o que me falou Donizete, mas que também ninguém ousasse duvidar da grandeza desse time ou de sua torcida:

– Por exemplo, vocês não têm um estádio, isso dificulta as coisas?

– Nós nunca moramos na rua! A gente já sabe que tem um estádio novo tá saindo e agora é outra história. Mas pra quem não conhece, é a Fazendinha⁶, e o Pacaembu sempre foi nossa segunda casa.

O novo estádio do Corinthians, que fará a abertura da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, e em construção na Zona Leste de São Paulo, surge envolto a muitas polêmicas. O Itaquerão vai custar R\$820 milhões, sendo que R\$400 milhões virão do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), um órgão vinculado ao Ministério do Desenvolvimento – portanto, um órgão público. Já o restante do dinheiro para erguer a “casa” dos Gaviões chegará ao Corinthians como forma de incentivos fiscais. A maior crítica a esse fato vem da diretoria são-paulina, que gostaria de ver o Morumbi como palco da abertura da Copa.

Quanto ao estádio, Donizete se mostrou tranquilo. Para ele, era só uma ques-

⁶ Fazendinha é o nome popular do estádio Alfredo Shurig, pertencente ao Sport Club Corinthians Paulista. Ele tem capacidade para, aproximadamente, 16 mil pessoas e localiza-se dentro do Parque São Jorge, na região leste de São Paulo.

tão de tempo. No entanto, acredita que o Estatuto do Torcedor seja o grande vilão do espetáculo nas arquibancadas e na diminuição da ida dos torcedores ao estádio. Na opinião dele, o estatuto só veio para dificultar:

– Só serve quando é contra os nossos direitos. O estatuto precisa de uma ouvidoria, mas aí tem um problema, você procura a ouvidoria e nunca acha! No estádio, é no ingresso, é no preço de um lanche, de um refrigerante, é na fila do banheiro, tudo do nosso lado, que num é atendido. Mas quando é pra ferir nossos direitos, eles vêm com dois pés!

Algo que não parece desanimar Doni.

Uma coisa nessa entrevista eu percebi: Gavião que é Gavião voa e se defende, mas, quando precisa, parte pro ataque!

DO ALÉM

Alguém como o Mateus não existe em qualquer lugar. Aparência simplória, uma calça jeans suja, camiseta preta e um sorriso amigo – que eu ainda não tinha visto em nenhum dos meus entrevistados. Matusa – como é conhecido entre os colegas da sede – observou a ascensão da primeira torcida organizada da história, acompanhando seus altos e baixos. Alguns podem até amar, torcer, vibrar, mas, igual a esse corintiano? Parece difícil. Bastou olhar na multidão de Gaviões presentes na sede da torcida e ver que ele, de alguma maneira, se destacava:

– Qual é sua profissão?

– Sou dogueiro motorizado, um cara que vende hot-dog em veículo adaptado na cidade de São Paulo e corintiano há 49 anos, dois meses e 29 dias. Exatamente.

Nosso diálogo foi mais pra monólogo e aconteceu enquanto ele assava os espetinhos de carne que costuma vender na quadra da torcida. Ouvir as histórias dessa figura foi o episódio mais engraçado, dramático, exagerado, sincero e fora do comum daquela tarde – assim como ele:

– Quando você começou a ter contato com o Corinthians e a Gaviões?

– Minha mãe se tornou corintiana em virtude do meu pai. Porque ela, originalmente, era bambi, aí teve filho, e num sei o que, Corinthians, Corinthians, Corinthians, aí pronto! Na Gaviões eu me filiei quando ainda era lá na Santa Efigênia, por volta de 1975, daí vinha aqui depois, quando a sede mudou pra cá. E o pessoal brinca muito comigo, né, porque eu sou sócio 4040. Nenhum diretor atual é sócio tão antigo!

E ele se orgulha muito disso. Matusa é corintiano de nascença e não tem

quem duvide. No entanto, ele acredita que hoje tudo é diferente para os novos torcedores:

– O lance de torcida organizada hoje tem uma questão de moda e de aceitação em grupo. Eu vejo muito essa coisa da mulecada que entra pra torcida só pra dizer “pô, eu sou fodão!”, saca? Acaba vestindo uma camisa pra se enturmar e tentar virar homem! Na minha época a gente pegava o boné do cara da torcida adversária e saía correndo, sabe? Depois ele pegava de volta e saía correndo pra lá!

Mas ele tem consciência dessa diferença. Tanto que conversa sobre violência com total responsabilidade e de maneira bem crítica, diferente do que eu já tinha ouvido até então:

– De 2000 pra cá começou um mata-mata, beirando o inaceitável, que as torcidas, juntamente com o poder público, arrumaram uma forma de voltar a conversar. Naquela época, porra, a gente pegava busão público, aqui no Anhangabaú e, na volta, era o busão do Corinthians aqui e do adversário do lado! As guerras? E você vai falar, ‘que nojo’, eram de cuspe! Saca? Pô, hoje tá acontecendo alguma coisa você já tem chamar o IML!

Matusa tem razão e fala com essa certeza. O tom de voz que oscila conforme a emoção lhe toma conta, denuncia o olhar indignado sobre parte da realidade que prevalece nas torcidas organizadas atualmente. Apesar da violência entre elas ter sofrido uma queda nos últimos anos, talvez por conta de uma melhor organização interna ou até dos órgãos responsáveis pela sua regulamentação, casos isolados ainda põe em risco a vida de quem vai ao estádio ou de quem anda por aí vestindo a camiseta de uma organizada. O difícil é saber qual é o estopim dessa violência. É uma fagulha, um fósforo riscado, um pingo d’água que cai nos olhos e deixa invisível tudo pela frente. Aí não se enxerga mais nada, é só partir pra briga.

Mas para ele, algo muito maior motiva essa rivalidade, uma coisa que ninguém percebe:

– O maldito futebol moderno! E eu vou colocar como marco do futebol moderno o advento Parmalat. Ali foi uma mudança radical, porque, porra, alugaram o manto, velho! Tudo bem! É do nosso inimigo lá, mas nós que torcemos, nossa, eu fico mal quando eu me lembro disso! Porque eles começaram lá, aí essa porra desse Rosenberg⁷, 12 anos depois, fudeu tudo mano, transformando os manto em macacão de Fórmula 1!

⁷ Luís Paulo Rosenberg é diretor de marketing do Corinthians.

No chamado futebol moderno, o esporte torna-se fruto do capitalismo. Não existe mais uma relação direta com o time. Pelo contrário, o jogador passa a ser um prestador de serviços, ou seja, possui um “passe” e qualquer um – empresa, grupo ou outro jogador – pode ter uma porcentagem sobre ele. Os atletas jogam por uma marca e não por um time: vivem o que determinam seus empresários. Os interesses, neste caso, baseiam-se em lucro e os clubes, por sua vez, vivem de pura especulação. Apesar de entender o significado do futebol moderno, ainda era difícil acompanhar o raciocínio de Matusa:

– Mas no que isso se relaciona com a rivalidade?

– É que assim, quando começou o futebol moderno a competitividade ficou maior, entende? É aí que você começa a pegar onde foram aumentando as separações de torcida. Nós chegamos a ter coisa absurda no Chiqueirão, que é aquela parte principal da arquibancada, vazia! O que acontecia, tinha lá a parte da frente pra torcida visitante, aí tinha que deixar 50 metros de distância. Por quê? Porque nós somos vândalos né, um bando de animais, bárbaros, né? E aí vinha a outra galera depois. Inacreditável!

– Então foi nesse momento que a rivalidade deixou de ser saudável.

– Sim, com certeza! Tanto é que você pega um Flávio Prado⁸ da vida, que diz “não vá em estádio, não vá em estádio, não vá em estádio!”. Durante um tempo eu concordei com ele, hoje eu já discordo. Em virtude dessa radicalizada que deram, de ter apenas 10% de torcida adversária, meu, não dá mais pra você falar de treta em estádio!

Mateus falava sobre a não tão nova medida adotada pelos clubes de futebol. Antigamente, os estádios eram divididos em 50% para cada uma das torcidas. Hoje isso não acontece. O objetivo é evitar que ocorram confrontos entre torcedores, portanto, apenas uma parte das arquibancadas é reservada para os visitantes, e ainda existem aqueles que defendem a ideia de uma torcida única.

A forma espontânea como Matusa conversava comigo me trazia tranquilidade. Se um pós-doutorando em Corinthians ainda não tinha perguntado sobre o meu time, é porque eu não tinha dado pinta nenhuma. Olhar para aquele homem era como ver uma caricatura com vida, do tipo que só aparece em desenho animado. A cada pergunta minha, ele respirava fundo e arregalava os olhos como se precisasse de uma preparação para responder:

⁸ Flávio Prado é comentarista esportivo da rádio Jovem Pan e apresentador do Mesa Redonda da TV Gazeta.

– Pra você, o que a Gaviões tem de diferente das outras?

– Bom, deixa primeiro eu respirar que é pra tentar ficar um pouquinho imparcial, tá? Mas vamos pegar alguns fatos: Gaviões da Fiel Torcida é a primeira. Já começa por aí, é a primeira torcida organizada, apenas, do mundo! Fuck you porcos, fuck you bambis, fuck you todos vocês, nós somos os primeiros!

Não fiquei com raiva, pelo contrário, achei engraçado, mas tive que segurar uma resposta, e deixei Matusa continuar:

– Daí outra coisa, por que razão, ter ânimo para montar uma torcida, no meio da ditadura, saca? E ainda com o slogan que “nascemos pra reivindicar” e chegar em pleno meio de 70 e alguma coisa, em um jogo de futebol com “anistia ampla geração.”... Ô meu, não é qualquer um que faz isso não, me desculpe! Ah, vocês do Corinthians são arrogantes, são metidos? Nós somos mesmo! – completei meu entrevistado e eu não pude deixar de concordar.

Mas eu não conseguia sentir nada mais além desse incômodo do momento. Aquele Gavião apaixonado pelo seu time já tinha minha simpatia. Só o que eu conseguia enxergar nele era uma devoção diferente de todas que eu já havia presenciado até aquele momento. O puro exagero misturado com sinceridade, totalmente além do normal:

– Não adianta, não adianta! Tem essa coisa corintiana que corre aqui dentro e nós somos doentes! Não sei, tem uma porra de um viruzinho preto e branco que corre na veia e nos deixa viver esse negócio, entendeu? É ilógico! Não tem lógica! Eu sou criticado na minha família!

– Mesmo eles torcendo pelo Corinthians também?

– Nossa, minha filha sempre fala: “porra, mano, que merda que é esse negócio com verde!”.

– Sério? Você não usa verde?

– É! Eu sou neurótico com verde, pô!

– Na sua casa não tem nada verde? Nem planta?

– Não tem meu, não tem! Por mim a natureza era cinza! Imagina que lindo que ia ser, se fosse tudo assim, em tom de preto e branco?

Desviei o olhar e, na parede pichada atrás do meu entrevistado, uma lagartixa preta passava, como se a natureza desse um presente aquele torcedor. Impressionante. Mesmo com uma pontinha de inveja, eu quis saber:

– E agora, você vê nos jovens torcedores essa mesma paixão?

Diferente do que pensa Dentinho – que vê um desvio de foco da molecada – Matusa acredita que esse sentimento existe:

– Tem sim e acho que até um pouquinho mais, porque as coisas ficaram, por falta de outro adjetivo, mais radicalizadas. Agora é assim, se eu sou corintiano torcedor, eu sou até a morte!

Nossa conversa já tinha tomado outro rumo. Mesmo assim, ele insistiu em continuar me explicando porque a Gaviões era diferente das outras torcidas. Tinha todo tempo do mundo para ouvi-lo, só não sabia que o papo ia virar contra mim:

– Gaviões da Fiel Força Independente, esse é o nome da primeira torcida organizada do mundo. Vamos tirar o “Gaviões da Fiel Força”, sobrou uma palavra, qual foi?

Pensei, respondo ou não respondo? Respondi:

– Independente.

– Será que isso lembra alguma coisa pra você? Será que alguém usou o nosso nome pra criar uma torcida de outro time? Não é muita viadagem? Porra isso aí foi lá do lado dos bambi!

Exatamente nesse momento alguém apareceu pedindo um espetinho e salvou a minha pele. Minha testa que começava a enrugar e meu olhar cheio de censura estavam prestes a denunciar uma indignação incomum para quem não torcia por ninguém. Não podia me entregar. Mudei de assunto, mas nem assim deu certo, ele queria falar sobre o São Paulo, como se desconfiasse de alguma coisa:

– E a relação da torcida com o clube, também é diferente das outras?

– Até aonde eu sei, pelo menos até a década de 90, essa coisa de dinheiro de lá pra cá, não vem não! No máximo, uma vantagenzinha nos ingressos, no tanto que tinha que pagar, enfim. Diferente do que acontece nas outras torcidas, tipo essa daí que eu tava te falando, eu tenho conhecimento que sim, porque, na época, eu frequentava muito aquelas galerias, e conheci o segurança da torcida! Na época da TAM, aquela coisa lá que foi a grande armação do futebol brasileiro.

– Por que você diz isso?

– Vocês não acham estranho, certo time aí, entrar num torneio como a Libertadores, com o seu técnico dizendo: “Libertadores é um torneio de carta marcada”, e esse time ganhar de um que ninguém nunca viu na vida? E torcedor indo com viagem paga? Por isso que você vê essa coisa de diretoria e comissão técnica refém de torcida nos outros clubes. No nosso não!

– Então como é com vocês?

– Ué, o que você vê aqui é o seguinte, quando o bicho tá pegando, a galera tá

indo em cima, como foi na época do Dualib, e tá lá pressionando. Não é aquela conversinha de, “tamo chegando e vocês tão ligado que tem o rabo preso com a gente”. Aqui e no Parque São Jorge isso não acontece! Ó, pode até ter rolado algumas coisinhas porque o Andrés é malacão, o Rosenberg também, mas até a página dois né, porque você viu como ficou o negócio com o Tolima.

Aquela conversa cheia de revelações, que eu nem sabia se eram realmente verdadeiras, estava me interessando. Mas ele falava com tanta certeza que resolvi segurar a respiração – técnica que aprendi com ele – e investir na imparcialidade:

– Você falou muito sobre o São Paulo...

– Não, eu falei sobre os bambis. Você não ouviu as palavras que você pronunciou saindo da minha boca.

Não ouvi mesmo. Morumbi virava “panetone”, palmeirenses eram “porcos” e São Paulo era o “time da Barra Funda – quando Matusa fazia qualquer referência a outro time que não fosse o Corinthians, agia como se pronunciar as palavras verdadeiras fosse proibido.

Gaguejei:

– Enfim, você falou muito sobre esse time.

– Falei porque eles são o oposto do Itaquera, sabe? Afe, eles? Bicho, um bando de veado! Para, velho, aquilo lá não é nada! Pra você ver a insignificância deles, em 2001, nós tiramos eles do Torneio Rio-São Paulo, da Copa do Brasil, de tudo! Tudo que eles apareceram na frente, é isso aí meu, insignificantes, só tão lá porque a gente existe!

Não resisti:

– Ah, então vocês são melhores?

– Mas é claro! Aonde você viu uma torcida sair na rua pra vibrar um vice-campeonato? É nós mano, nós é que começamos com essa porra de festa na Paulista! Aí tá a resposta! Vem dizer, “ah vocês são uns folgados”! Sou folgado sim, sabe por quê? Aí, torcedor de outro time, você fez isso, porra? Não fez! Então cala a boca e num fica falando de nós, saca?

Nessa briga para saber quem é melhor, resolvi respeitar os mais velhos. Deixei que Matusa vibrasse, para saber até onde chegava esse amor. Meus sentimentos se confundiam em um misto de euforia jornalística, por ter encontrado um torcedor único como ele, e negação, pela dificuldade de aceitar todos aqueles ataques corintianos:

– E aí? Quem toma o gol, a torcida levanta e canta “Timão, êo!!!”? Quem, quem? É por isso que eu fico exaltado mesmo, e não é besteira não. Nós somos

doentes, ponto. Nós somos doentes! Tem um vírus aqui comigo e eu sou doente!

Ele estava em pé na minha frente, andando de um lado para o outro e gritando emocionado aos quatro cantos. Depois de todo aquele discurso, eu nem tentei discordar. Mas provoquei:

– E esse vírus não tem cura?

Matusa voltou à sobriedade de Mateus, o “dogueiro motorizado”, e respirou fundo, como fez outras vezes:

– Olha, nem a morte cura. Porque eu acredito em vida pós-morte, e gente que eu não conheci aqui, eu vou bater uma bola do lado de lá.

CAPÍTULO 4

VOZES

*“Com amor e devoção
Sou fiel, sou gavião”*

Samba Enredo 2008:

Nas Asas dos Gaviões, Rumo ao Portal dos Sertões

Muitas pessoas tiveram seu papel na história da Gaviões da Fiel e se fizeram notar: presidente, sócio mais antigo, diretor de bandeira e outros juntaram as peças que formam essa realidade e colocaram no lugar cada uma delas, resultando no que vemos hoje. No entanto, cada torcedor corintiano também é responsável por manter essas peças unidas e funcionando. São nomes diferentes, amizades recentes e famílias inteiras frequentando aquele lugar por um só fator que as une: o Corinthians. É gente que faz parte da torcida, mas só vê pelo lado de fora porque não decide nada. Vidas que se confundem com tantas outras ali dentro. Mas eu queria conhecer essas pessoas, dar voz a quem, muitas vezes, não tinha.

PROGRAMA EM FAMÍLIA

Mal me apresentei ao meu entrevistado e ele já respondeu, como se estivesse se explicando:

– Minha única diversão é o Corinthians.

Ainda não sabia qual efeito essa frase causaria em mim. Questionei em pensamento o porquê. Mas logo eu entenderia:

– A gente vai se atrasar! O ônibus já tá vindo!

Joelma, que apressava suas crianças, é empregada doméstica e está na torcida desde 2002. O marido acredita que essa presença feminina se deu justamente pelo homem gostar de ir ao estádio:

– Ou ela vai com o homem ou fica em casa, né? Melhor ir com ele!

O ajudante de motorista se tornou membro da Gaviões da Fiel em 1996 e acredita que, desde então, as coisas mudaram:

– Na minha época os estádios eram divididos igualmente, com torcidas inflamadas, loucas para ver qual festa era a mais bonita!

– Mas você acha que piorou de lá pra cá?

– Não é isso, é só que hoje tem mais molecada, mas espero que eles estejam aí pra continuar esse trabalho! Os filhos – que eu logo saberia os nomes – corriam de um lado para o outro, brincando com as pessoas que estavam ali. Quando fizeram uma pausa, perguntei aos três:

– Vocês gostam daqui?

As respostas de Brendo, Bruna e Ricardo vieram em uma mistura de sons que pareciam significar um “sim” bem animado. O pai olhou orgulhoso:

– Adoraria ver meus filhos na torcida!

A maioria dos pais não queria ver os seus filhos envolvidos com uma organizada. Outra vez, questionei, mas em voz alta:

– Muitos não gostariam de ver seus filhos aqui. Por que você pensa diferente?

– Na verdade, a Gaviões hoje é um espaço mais família, que permite isso. Outra coisa é que a quadra agora tem uma estrutura maior e, com isso, diminui a violência, porque o que eles precisam, eles encontram aqui.

A conversa foi tão rápida que só consegui assimilar as informações do meu entrevistado algum tempo depois. De longe, eu apenas observava o ônibus que ia para o estádio, pois, nesse dia, não poderia acompanhá-los. Um domingo chuvoso, sem nada de especial, fazia aquela família feliz. Afinal, para as crianças de Ricardo, esse era um passeio, talvez um dos poucos. Vê-lo satisfeito em proporcionar essa alegria aos pequenos me fez entender o porquê daquela frase dita logo que começamos a conversar. Uma doméstica e um ajudante de motorista com três filhos. Uma vida que denunciava suas dificuldades nos trajes humildes que vestiam. Uma realidade de muitos naquele lugar: sua única diversão era o Corinthians.

OS GAVIÕES APAVORAM O BRASIL

Na sede da torcida, nesse mesmo dia, enquanto observava as pessoas que entravam e saíam de lá, conheci duas garotas. Eu era uma estranha ali e precisava encontrar uma maneira de abordá-las:

– Olá, meninas! Sou estudante de jornalismo, estou fazendo um trabalho sobre torcidas, posso conversar um pouquinho com vocês?

As duas se entreolharam, com a vergonha típica de quem nunca tinha dado uma entrevista. Mas a resposta foi positiva:

– Pode sim.

Emily era mais falante. Denunciava sua vaidade nas unhas pintadas e na ma-

quiagem prata, que combinava com a roupa preta da Gaviões. Giselyda – a amiga do nome “diferente” – falava menos, usava uma calça da torcida e tinha jeito de quem não deixaria nenhum desaforo passar:

- Há quanto tempo vocês estão aqui?
- Quase dois anos – respondeu Emily.
- Faz pouco tempo, minha mãe não deixava antes – completou Giselyda.
- Sério? É muito comum os pais não deixarem?
- Quando não conhece é sim, né, acham que é lugar só pra homem. Só deixa depois de uma idade, agora a gente tem 17.
- Mas, de certa forma, vocês realmente ainda não têm o espaço que os meninos têm aqui dentro.

Um dos meus primeiros entrevistados já havia comentado sobre o tratamento em relação às mulheres. E, em um cantinho perto do mural de recados da torcida, quando nós já estávamos mais à vontade para conversar, Emily passou a responder pelas duas:

- Mas a gente tá acostumada.
- Mesmo assim, em outras torcidas existem os comandos femininos, aqui ainda não tem?
- Não, ainda não existiu um espaço pra isso. Só tem as meninas que sempre estão nos jogos, tocam na bateria e tentam acompanhar mais de perto.

Fiquei intrigada. Por que elas não se incomodavam? Afinal, se em outras torcidas era possível uma participação mais expressiva, por que na Gaviões não era? A resposta para minha dúvida parecia estar na tradição, muito valorizada entre todos:

- Já é assim há anos, a gente não vai chegar e mudar! Se quem tá aqui não mudou nada, por que vai partir da gente?

Eu não tinha uma resposta para essas duas garotas, mas percebi que elas também não procuravam:

- Mas vocês se sentem à vontade assim?
- A gente sabe o que pode ou não fazer. Por exemplo, mulher não toca qualquer instrumento, só tamborim e chocalho na escola de samba. A gente também não entra na sala de bandeiras, isso é coisa deles, sabe?

Eu não sabia, mas também demorei a acreditar que elas concordavam com essa situação. Giselyda resolveu falar:

- Eu sei que lá na “bixarada” é diferente mesmo, mas elas fazem isso porque querem aparecer, às vezes marcam brigas. A gente ouve direto umas histórias delas com a Mancha.

– Mas e vocês nessa rivalidade toda? Acontecem mesmo os encontros combinados pela internet, existem essas provocações?

– Tem sim. Mas a gente pelo menos fica só no Orkut e tal, uma xinga, a outra revida. Às vezes, acaba encontrando no metrô e fica de olho, só marcando, ainda mais se a gente estiver fardada.

– Fardada?

– Com a roupa da torcida.

Nessa hora, o ônibus que iria para o estádio estacionou em frente à sede. Ia demorar, mas Emily parecia com pressa. Antes que elas se dispersassem, propus uma foto. Em uma das mãos, o punho fechado, na outra, os dedos formavam um L: a pose estava pronta. No click da câmera, elas gritaram juntas:

– Os Gaviões apavoram o Brasil!

Elas entraram no clima, foi divertido. Eu não me sentia apavorada e gostei da forma descontraída como aconteceu a entrevista, diferente das minhas expectativas no início. Antes que eu pudesse continuar, uma garota chamava para um tipo de concentração que acontecia na calçada. Emily insistiu:

– Acho melhor a gente ir! Hoje tem que fazer “rateio”, senão a gente não entra!

Um palavrão interno e que diabos isso significava? Elas explicaram:

– Quando a gente não tem dinheiro, em dia de jogo, a gente faz vaquinha pra comprar o ingresso. Sai pedindo um real aqui, outro ali, os meninos sempre ajudam. Quando eles não têm dinheiro, também fazem rifa de objetos pessoais, tipo relógio, tênis, tudo pra não perder de ver Corinthians.

Calça de lycra preta, sandália plataforma e vários centímetros a mais que eu de altura. Já do lado de fora, a amiga das meninas se empolgou mesmo foi com a presença de uma “repórter” na sede. Perguntou, completou antes mesmo de eu responder e se perdeu na multidão de torcedores:

– Você tá fazendo isso só aqui ou nas outras torcidas também? Se tiver, manda um recado lá pra “bixarada”, avisa que nós vai pegar elas, pode esperar que nós vai pegar!

É, dessa vez, nada de Orkut!

PAI É PAI

Um sábado na sede da torcida alvinegra é parada obrigatória para corintianos. Mas como nada em mim denunciava uma paixão por um time adversário, foi

tranquilo chegar sozinha. Mais uma vez, o que eu tinha a fazer era observar, antes de qualquer investida. Na véspera do dia dos pais, a sede estava cheia. Eu via uma mulher que estava acompanhada de um senhor e tratava-o carinhosamente. Aquilo me chamou atenção, pareciam pai e filha. Ela era loira, usava óculos de sol e se vestia muito bem, com roupas de marcas esportivas famosas. Ele era um homem baixo, gordinho, de pouco cabelo e calça-jeans na boca do estômago – estereótipo da maioria dos pais na terceira idade.

Mais uma vez, me apresentei e quis conversar. A resposta foi simpática, mas me pegou de surpresa:

– Mas por que comigo? Já sei, está se perguntando o que uma loira como eu está fazendo na Gaviões?

Fiquei sem jeito, claro. Ela tinha total razão:

– Quase isso! – respondi para não dar na cara

Analú, de 41 anos, é publicitária. Ela se dispôs a me contar um pouco sobre sua história na Gaviões e, para fugir do barulho de dentro da sede, fomos até a calçada:

– Qual foi o seu primeiro contato com a torcida?

– Ah, foi através das redes sociais, né.

– E como foi isso? Você conheceu o pessoal por comunidades?

– Hoje em dia é assim mesmo, você participa de comunidades do Corinthians ou da Gaviões e vai começando a conhecer as pessoas, aí fica mais fácil o acesso. Depois de uma semana na quadra, eu já estava fazendo minha carteirinha e, naquele mesmo ano, eu já saí na escola de samba. Então, eu acho que um dos canais é mesmo o contato nas redes sociais.

– Você veio mais pela escola de samba? Ou também para acompanhar a torcida ao estádio?

– Em primeiro lugar, quem é corintiano tem paixão, tem fanatismo. Então, a escola de samba é legal porque não é apenas uma escola de samba. Ela é associada a uma torcida, que é do Corinthians e que é uma paixão. Eu mesma não gosto de futebol e não escuto pagode, meu lance é outro!

– Mas, então, por que você está aqui?

– Em casa, eu não escuto samba, mas eu desfilo pela Gaviões porque é Corinthians.

Não era difícil perceber que Analú custava a se enquadrar naquele ambiente. Sua fala ficava longe do coloquial e era cheia de estratégias para me convencer da beleza de sua torcida. No entanto, a vontade de pertencer àquilo também se

fazia notar e ela se misturava no meio das tantas outras pessoas buscando assuntos em comum. Uma mulher, aparentemente bem-sucedida e independente, em um lugar estranho à sua personalidade, pelo menos para quem via de fora:

– Você é uma mulher em uma torcida organizada. A participação feminina tem aumentado?

– Está crescendo sim. Hoje em dia você vê mulher discutindo de futebol no mesmo nível que o homem. Já é possível ver comentaristas mulheres na televisão e é muito legal. A Gaviões da Fiel dá essa abertura, porque aqui elas entendem de futebol. Nós vamos ao estádio, temos nossas opções respeitadas, e estamos ganhando mais espaço sim.

– Mesmo assim, aqui ainda não existe o chamado “comando feminino”, né?

– Não tem. Mas nós somos muito unidas, viu? A gente consegue se reunir aqui dentro e consegue conversar sim.

– E a diretoria pode influenciar de alguma forma? Às vezes, por ser mais fechada, a participação da mulher diminui, por exemplo.

– Eu acho que não. Hoje nós estamos passando por um momento de transição, mas a diretoria da Gaviões não influencia nos torcedores. Independente da diretoria, o povo vai vir, estando bom ou ruim.

– Mas existe uma cobrança, né? Pelo menos com o clube, chegando até à violência algumas vezes...

– Quem é de uma torcida organizada, o nome já diz, é organizada. Nós estamos aqui para fazer o bem, sem violência, sem drogas, sem nada. Quando acontece alguma coisa no estádio ou fora, os caras, às vezes, usam a camisa de uma torcida organizada, mas isso não tem a ver com a gente. Se você chega aqui na quadra, você vai ver harmonia. Na verdade, o que acontece lá fora são fatos isolados, de arruaceiros que têm em qualquer torcida, em qualquer manifestação.

Praticamente um discurso publicitário. O pai acompanhava de perto as respostas da filha como se fosse um ambiente desconhecido para ele. E era mesmo. Uma visita no final de semana do dia dos pais e um presente de grego: passear na sede de uma torcida adversária. Mas a intenção não era mesmo presentear:

– Na verdade, meu pai torce pela Portuguesa. Ele mora em Curitiba e veio passar uma semana aqui com a família. Então, eu falei: “pai, vamos lá?”, porque eu queria que ele conhecesse. Meu pai vê que eu vou aos estádios, às festas da Gaviões e fica preocupado, né?

– Mas ele teria motivos pra essa preocupação?

– Quando acaba vendo imagens de violência ou coisas negativas na mídia,

tem sim. Por isso eu quis que ele viesse ver que não tem nada disse, ver como é o ambiente que eu frequento. Aqui você vê famílias inteiras, crianças se divertindo e harmonia.

Mas nem todos pensam assim, e o preconceito em relação às torcidas é muito mais real do que a admiração. O aposentado Antônio Tomé se preocupa com a filha, mas se esforça para abandonar os preconceitos:

– Eu concordo. Quando a gente ouve falar das torcidas, dá impressão de que é um bando de desorganizados, mas não é não. Por ela e outros aqui, eu percebi que não é bem assim, eles têm certa disciplina, órgãos que fiscalizam. Quer dizer, já foi pior, viu!

Não pudemos conter as risadas. O meu pai faz o mesmo: se esforça e defende, para não deixar de ter razão no fim. Depois de agradecer, a publicitária ficou livre para continuar a sua missão do dia, porque não é fácil fazer um pai abandonar suas convicções. O meu também sabia da minha visita à sede da Gaviões, mas tenho certeza de que não era só fato de ser um torcedor do Santos que o deixava de cabelo em pé!

GRAÇAS A DEUS!

Na primeira vez em que fui à sede da Gaviões, me surpreendi com a presença de muitas famílias, mas não tanto como naquela véspera de dia dos pais. O clima era de passeio do final de semana para muitas delas: podiam jogar futebol, almoçar fora de casa e encontrar os amigos. De bermuda esportiva, camiseta da Gaviões e gel no cabelo, Érico William também estava aproveitando aquele sábado com a mulher e os filhos. O operador de máquinas é membro da torcida desde 96 e, pelo jeito, se vê como um abençoado:

– Eu nasci corintiano, graças a Deus!

Naquela hora eu só conseguia pensar em uma resposta: “olha, preciso avisar, mas Deus não torce pelo Corinthians!”. Melhor não. Era loucura contrariá-lo em meio a todos aqueles torcedores “divinos”:

– Sei. E como você conheceu a Gaviões, veio por meio de amigos?

– Eu moro na Zona Leste de São Paulo, no Jardim Tietê, periferia, um bairro onde tem muito corintiano, né? Zona Leste é reduto corintiano, e sempre tinha o pessoal mais velho que ia pra jogos. Daí a gente queria participar daquilo de alguma forma, mas como tinha pouca idade não podia. A partir dos 11 anos é que minha mãe começou a deixar ir pro estádio.

- Então sua mãe aceitava numa boa, mesmo tão cedo?
- Na verdade, a minha mãe não queria que eu fizesse a carteirinha nessa época. Só consegui convencê-la aos 13. Aí comecei a freqüentar mesmo a quadra da torcida, entre para o Departamento de Bandeiras, fiquei lá durante sete anos. Mas hoje tamo aí, a cada dia que passa querendo melhorar o convívio.
- Você quer dizer entre os sócios?
- Isso, é um ambiente bem familiar mesmo, eu venho com a minha família, trago minha esposa, meu filho e minha filhinha, que já era sócia antes mesmo de fazer um ano de idade.
- Já é sócia? Minha hipótese de que, daqui a alguns anos, não só os nomes, mas também os times virão registrados na Certidão de Nascimento, está cada vez mais próxima de ser comprovada. E se, aos 10 anos, ela decidisse ser torcedora do Palmeiras ou do São Paulo? Como lidar com uma decisão feita pelos pais antes mesmo de ter capacidade para definir o que você quer? Com os garotos é ainda mais comum: o avô, o pai, os tios, todos torcem pelo mesmo time. Consequência? Todo menino da família segue pelo mesmo caminho. Censurei mesmo. Mas depois mordi a língua. Dei-me conta de que também queria ver os meus filhos vestindo a cor do meu time e levá-los ao nosso estádio aos domingos.
- Tive que respeitar. Os Gaviões também tinham suas tradições e eu queria conhecer:
- Você está aqui há muito tempo. O que mudou?
- Essa torcida é assim, a gente aprende de um jeito e procura ser sempre aquilo ali, né? Nunca sair da ideologia em que ela se formou desde 1969. Mas, claro, é impossível uma coisa permanecer por muito tempo da mesma maneira. Só que a gente tá sempre fazendo o possível pra nunca fugir dessa característica, né? Que é acompanhar e encontrar o Corinthians sempre 100%. Procurar fiscalizar e saber o que se passa ali dentro entendeu?
- Então vocês conseguem acompanhar de perto o que acontece dentro do clube?
- Hoje em dia nós temos um relacionamento melhor, justamente porque o Gaviões foi fundado pra fiscalizar o Corinthians, mas antes a gente sofreu muito com a ditadura da época em que a torcida foi fundada. Muitos dos nossos membros foram censurados e perseguidos, correndo até o risco de ser preso. Agora a gente tem um diálogo melhor com o Andrés, a gente expõe nossas ideias, vê o que eles querem expor também, pra poder representar toda essa nação.
- Uma nação cada vez mais dividida, né? Porque agora a gente vê muitas mulheres também.

– Ah, sim. Esse negócio de que futebol é coisa de homem não existe mais, acabou isso aí. Os Gaviões têm que ver que o estádio agora é um ambiente familiar e passar essa ideologia aí pra frente. A gente existe pra acompanhar o Corinthians durante 90 minutos, entendeu? Independente de onde for ou como for que seja em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Minas Gerais. É isso que eu procuro seguir e é isso o que eu quero passar pra minha família.

– Mas, em algum momento, você já pensou que pode estar colocando a vida da sua família em risco? Por que existem vários episódios de violência, então, o que acontece?

– Nós sabemos que amor e ódio andam lado a lado. Mas isso não pode ficar restrito só à torcida. Hoje a gente vive uma sociedade violenta e muito é culpa da desigualdade social. É impossível dizer que nunca vai acontecer nenhum fato, mas eles são isolados, as brigas acontecem longe do perímetro do estádio e, infelizmente, aqui da sede fica difícil pra controlar todo mundo.

– Então esse seria o papel da polícia? Eles dão conta?

– Não tá do jeito que deveria, mas ainda assim tá melhor do que era. Primeiro porque a gente também teve muitas palestras com o comandante Marinho, pra gente também aprender como devemos nos portar. Só que eles ainda não tão preparados pra tomar conta nem do estádio, nem da sociedade em geral. Nós temos muita corrupção aí no meio; e outra coisa: o pessoal confunde torcedor com bandido e, infelizmente, é essa a imagem que o povo tem da gente.

Nesse ponto Érico está certo. Quem nunca ouviu ou leu notícias que se inspiravam no termo “quadrilha organizada” para falar das torcidas? Ou utilizavam a palavra “facção” não apenas com o sinônimo de grupo? Não é uma regra, claro. Mas a cobertura tendenciosa está presente na mídia e, muitas vezes, passa de maneira imperceptível, talvez por conta do costume das pessoas de se deixar induzir pelo senso comum. Mesmo assim, meu entrevistado me surpreendeu ao esclarecer que não acreditava nessa culpa exclusiva dos meios de comunicação e, sem saber, concordou comigo:

– Todo mundo tem a sua parcela de culpa, seria hipócrita da minha parte dizer que é só a mídia, entendeu?

Muita ingenuidade minha acreditar que ele pensaria o contrário. Uma coisa de que os Gaviões não abrem mão é do cuidado com sua imagem e representatividade:

– Precisamos de pessoas que nos representem e façam jus a uma nação de 30 milhões de torcedores, nós somos a maior torcida organizada do país e temos que fazer o nosso papel.

MÃE-PÁSSARO

Quem entra e sai da Gaviões pode não perceber uma barraquinha de lanches que fica bem em frente à sede. Mas o cheiro de linguiça na chapa e o queijo derretendo em cima do pão são de dar água na boca e fazem com que ela seja frequentada pelos Gaviões há nada menos que duas décadas. Sônia Cardenas tem 45 anos e não é corintiana de nascença como outros torcedores fiéis, mas aprendeu a admirar o time ao longo do tempo. Tanto que acumula elogios e explicações para tudo que se relaciona à torcida alvinegra, fazendo o papel de mãe que não entrega o filho e colocando-o acima de qualquer suspeita.

No começo, foi difícil ganhar a atenção dela:

– Mas porque você quer falar comigo? Eu não entendo nada de futebol ou torcida, é melhor falar com os meninos.

Quando percebi que essa era a maneira carinhosa e próxima como ela chamava os diretores e membros mais antigos, que conhecia desde pequenos, tive certeza de que aquela mulher sabia muito, ao contrário do que havia me dito. Não só sabia como também tinha o que dizer sobre quase tudo o que acontecia nesse universo:

– Já vi muitos casamentos acabarem por causa disso aqui, não tem jeito, para progredir na vida, você precisa sair desse lugar. Eu gosto deles, mas não queria ver um filho meu entrar na torcida.

Por um momento, quase mudei de ideia, e achei que poderia estar errada sobre a forma afetuosa como Sônia os enxergava. Mas logo me dei conta de que, mais uma vez, ela fazia o papel de mãe que defende o filho, mas endurece quando precisa. As olheiras cansadas e profundas revelavam toda uma vida de trabalho árduo e dedicado na rua sem saída do Bom Retiro e, a certa altura do nosso diálogo, ela não mais se comportava como observadora dessa história, mas como parte dela:

– Eu comecei a fazer lanche em frente aos estádios já faz muito tempo. E lembro que quando meu filho tinha cinco anos, os meninos passavam por lá e pediam: “tia, deixa a gente levar ele pra ver o jogo?”. Mas eu só deixava enquanto eu estava lá fora, porque é complicado. Agora eu só trabalho por aqui mesmo.

Não era desconfiança, pelo menos não parecia. Era a opinião de quem sabia tinha admiração, mas sabia dos perigos recorrentes daquela realidade:

– Todo corintiano é apaixonado, principalmente os membros mais antigos. Ele é presente, vai ao estádio inclusive quando o time está na 2ª divisão.

– Mas os outros torcedores também não são assim? Ou você acha que tem diferença?

– Ah, tem diferença sim. Não é igual são-paulino playboy, que só pensa em Libertadores e não quer saber de outros campeonatos.

Sem querer, acabei oferecendo espaço para que a principal torcida tricolor passasse a ser alvo de críticas. Sônia me surpreendeu:

– Na Independente eles não têm consideração por ninguém, são maloqueiros. Vê se em jogo do Corinthians têm arrastão? Não tem não, só tem em jogo do São Paulo.

Eu me sentia cada vez menos à vontade e ela respondia com justificativas:

– Eu tenho uma amiga que trabalhou muitos anos pra eles, em festas da torcida, fazendo o mesmo que eu. Ela sempre me falava que lá eles não respeitam ninguém. Aqui não é assim, eu vi esses garotos crescerem. Essa diretoria que está aí, o Donizete, eu o conheço desde criança, amo esse menino. Ele e os outros têm muito respeito pela gente.

Mesmo com essas revelações, seu jeito de mãe me desarmava. Eu continuava vendo Sônia como a representação de um pássaro fêmea que tenta proteger sua ninhada. Mas eu percebia que suas críticas não se baseavam apenas em conversas de ponto de ônibus. Um fato no mínimo traumático reforçava a opinião dela:

– Algo que me marcou muito foi a batalha⁹ entre são-paulinos e palmeirenses no Pacaembu, em 95. Naquele dia, eu estava lá, eu via o desespero nas pessoas. Depois disso, nunca mais voltei a vender lanches em frente ao estádio.

O episódio que ficou conhecido como “Guerra do Pacaembu” é uma passagem impossível de ser apagada da história tricolor, em especial de quem estava lá quando tudo aconteceu – no texto de minha colega Vanessa, que trata da Independente, o fato também será tratado, possibilitando um novo olhar.

Os dois rapazes que aguardavam seus lanches ficarem prontos também ouviram toda nossa conversa atentamente. Eles pareciam surpresos com as revelações de alguém que, provavelmente nunca foi ouvido – apesar de viver aquilo há tanto tempo.

⁹ Em 20 de agosto de 1995, um dos estádios de futebol mais tradicionais do país, o Pacaembu, foi palco de uma batalha entre são-paulinos e palmeirenses após jogo da extinta Supercopa de Futebol Júnior. A rivalidade entre as torcidas ultrapassou as arquibancadas e chegou até o gramado, quando torcedores munidos de paus entraram a campo para se atacar. O saldo da briga foi de 101 feridos, um adolescente são-paulino morto e uma sequência de confrontos que continuariam depois, resultando em vários espancamentos. Depois desse episódio, a lei que proíbe o uso de bandeiras de mastro nos estádios foi aprovada, voltando a ser discutida este ano

Sônia continuava abastecendo a chapa com linguiças e cortando os pães que usaria para preparar os lanches dos torcedores. De longe, ela olhava os Gaviões que saíam da sede e vinham em nossa direção, como se fossem atraídos pelo cheiro – que também agradava o meu estômago. E antes que eu pudesse esboçar um fim à entrevista, Sônia fez isso por mim:

– Isso aqui é igual ou pior que droga, mas só que muitos percebem tarde demais.

Ou nem chegam a perceber, pensei.

CAPÍTULO 5

A TORCIDA NO SAMBÓDROMO

*“Olha pra mim abre o teu sorriso
É carnaval sou rei do riso
Vou gargalhar, quero alegria
Lavar a alma com o som da bateria
Me dê a mão
Me dê a mão, me abraça”*
**Samba enredo 1995:
O que é bom é para sempre**

No país do samba e do futebol, nada mais justo do que vê-los caminhando juntos. Não acreditei que seria diferente na Gaviões da Fiel. Mas foi: assim como o futebol, o samba também ganhou caráter comercial e reconheceu as torcidas organizadas e o carnaval como dois de seus produtos; então, eles também caminharão juntos já é outra história.

A primeira participação da torcida no desfile do carnaval paulistano aconteceu em 1975, com uma visibilidade bem menor em relação a que possui hoje. O primeiro samba-enredo vencedor foi o “Vai Corinthians!”, de 1976, que deu o pontapé inicial à ascensão da torcida como escola de samba e motivou outras organizadas a se movimentarem com o objetivo de seguir pelo mesmo caminho. Atualmente, ela participa do grupo especial e é reconhecida como uma das maiores escolas de samba do país, tendo conquistado por 19 vezes o título de campeã – somando os títulos nos Blocos Especiais, no Grupo de Acesso e no Grupo Especial.

Com vários samba-enredos de sucesso, chama a atenção tanto no carnaval paulistano quanto no carioca. São temas que trataram de jogo de xadrez, fazendo duras críticas a políticas sociais (2002), das cinco regiões do Brasil (2003), dos 450 anos da cidade de São Paulo (2004) e até do Padre José de Anchieta (2007), a quem prestou uma homenagem.

O homenageado da vez, no entanto, é uma figura próxima da torcida alvinegra. A Gaviões da Fiel prepara-se para entrar no sambódromo em 2012 com um desfile que vai retratar a trajetória do ex-presidente, Luís Inácio Lula da Silva, com o samba-enredo “Verás que o filho não foge à luta: Lula, o retrato de uma nação”. No site da torcida, os Gaviões justificam sua escolha explicando que o

antigo operário representa todo o povo: “o hoje homenageado é filho fiel que não foge à luta. É o Luiz Inácio Lula da Silva. Ou, simplesmente, Lula; um ícone da nação brasileira e, por que não dizer, da nação corintiana.”¹⁰

A história do ex-presidente com o Corinthians é antiga, já que além de ser um torcedor fanático, possui uma relação estreita com o clube e a própria Gaviões. Durante o processo de escolha do local que sediará a abertura da Copa do Mundo, em 2014, no Brasil, Lula chegou, inclusive, a ser acusado de desfavorecer o estádio do Morumbi nesse processo. Nada comprovado, mas suspeito pela grande massa de torcedores anti-Corinthians.

Já deu para perceber que torcida, futebol e samba se confundem, é óbvio. Entrar na sede da Gaviões da Fiel também significa se deparar com vários artigos que, com certeza, foram utilizados nos carros que desfilaram pelo sambódromo. No entanto, as ironias que acompanhavam minhas visitas àquele lugar deram sentido a algo que percebi logo na primeira vez que estive lá: só uma rua separava o barracão da escola de samba do salão social da torcida – os dois quarteirões que eu já havia falado no primeiro capítulo. Eram espaços divididos, assim como a opinião das pessoas que eu conheci. Ficavam em lados opostos, de uma maneira em que não pudessem se misturar.

Outra ironia estava no propósito de inserir a Gaviões da Fiel no carnaval, esperando que houvesse uma união entre seus membros. No período entre os campeonatos, era difícil manter um grupo tão grande de pessoas comparecendo à sede, o que incentivou a formação um bloco para dar conta de resolver esse impasse e integrar os sócios. Mas a ótima solução gerou uma consequência inesperada: cada um dos meus entrevistados possuía uma opinião sobre a relação entre torcida organizada e escola de samba, que se resumia em contra ou a favor.

Nesse caso, o problema é que os contrários parecem enfrentar dificuldades em se manifestar. Eles têm como opositora a própria diretoria da torcida, o que comprovei por meio das entrevistas. De todos que mantinham relação mais estreita com a diretoria ou faziam parte dela, nenhum se mostrou descontente. Já os sócios reafirmavam sua vontade em ver uma dedicação maior à torcida.

DOIS EXTREMOS

Meu primeiro contato com o assunto foi quando entrevistei Bruno – o Ga-

¹⁰ Fonte: www.gavioes.com.br

vião consciente. Naquele dia, conversei com muitas pessoas e acabei sugerindo os questionamentos dele em outras entrevistas para saber se existia um consenso. Identifiquei várias opiniões semelhantes as que esse rapaz tinha, mas a dele era a que mais se enquadrava nessa ideia de oposição:

- A escola de samba e a torcida são uma coisa só? Você faz parte das duas?
- Não, só da torcida mesmo.
- E como funciona essa divisão?
- De outubro a fevereiro predominam os assuntos do Carnaval, mesmo sendo em uma época compatível com as finais de campeonatos. Mas eu sou contra, isso divide a opinião da torcida. Não dá, desvia o foco.
- E vocês não podem mudar isso?
- A torcida acaba se dividindo mesmo e uns ficam mais com a escola. Mas não adianta reclamar porque não vai mudar: a lição entre os membros da Gaviões é ouvir muito e falar nada, em respeito aos mais velhos e à experiência.

Eu entendia o que Bruno queria dizer, tanto que falou pouco sobre isso, mesmo deixando claro o seu descontentamento. Mas, ao mesmo tempo em que alguns pensavam como ele, outros viam na escola de samba um complemento da torcida. Esse era o caso de Pantchinho, mestre de bateria da Gaviões da Fiel durante onze anos – com intervalo de dois anos para assumir a presidência da torcida em 2009.

- O que significa pra você estar à frente da bateria da Gaviões?
- O que eu mais queria é estar onde eu estou. Por exemplo, eu nunca tive a intenção de ser presidente, aconteceu.
- E como você vê o papel da bateria durante os jogos?
- Sem a bateria não tem jogo! Nada acontece! Quer dizer, acontece, vai, mas com uma qualidade menor.
- E a relação da escola de samba com a torcida, é assim também? Tem uma grande participação?
- A intenção foi justamente essa quando ela foi criada. Chegava uma certa época que tudo ficava parado, aí o pessoal acabava indo para as outras escolas de samba, nos bairros. Quem morava na Bela Vista ia lá pra Vai-Vai, na Barra Funda ia pro Camisa¹¹, Nenê¹² na Zona Leste, então a gente fez isso pra agregar mesmo. No início nem era um bloco de competição, mas chegou uma hora que todo ano

¹¹ Referência à escola de samba Camisa Verde e Branco (SP).

¹² Referência à escola de samba Nenê de Vila Matilde (SP).

a gente ganhava. De 13 campeonatos disputados pelo bloco, a gente ganhou 12! E aí, o que aconteceu, nós fomos os primeiros a colocar um carro iluminado no sambódromo, então acabaram convidando a gente para disputar. Nisso, a escola de samba foi crescendo em uma proporção que a gente não conseguia sustentar: a gente tinha a opção de parar, continuar uma torcida, sem o compromisso com o carnaval, mas, na época, os Gaviões optaram por esse desafio.

– E qual foi a importância disso?

– Isso foi muito bom, até mesmo pra entidade. A gente precisa disso, você viu aí hoje, nossa escolinha de bateria tinha mais de 150 alunos. Talvez, se não estivessem aqui, estariam no bairro. Isso é importante também pra comunidade, eles agregam valores, é cada com a sua habilidade, quer dizer, uns pra ritmo, outros pra organizar o desfile, fazer a coreografia, enfim.

Na sede da Gaviões da Fiel, a garotada se dividia entre os instrumentos. Pantchinho tinha razão, a maioria deles era jovem, precisava de uma referência para não se perder no mundo. Não dou razão para a falta de representatividade como a que alguns torcedores parecem enfrentar – como é possível ver nesse caso – mesmo que conscientemente. Mas eu pude acompanhar o ensaio e são várias gerações reunidas, de adultos a crianças. No ritmo dos chocalhos, ripas, caixas e surdos, não havia como impedir os pés de sambarem – nem os meus.

Naquele fim de tarde, tive a oportunidade de ver duas cenas que representavam cada um desses extremos: na primeira, um garotinho tocava uma ripa¹³ com a mesma velocidade de um adulto, demonstrando habilidade e muito ensaio. No entanto, o que atraía a sua atenção, era o amigo que, perto dali, corria e brincava com uma bola. Dividida, a criança olhava, esboçava uma tentativa de se livrar do instrumento – quase ou maior que ela – e voltava a bater. Não sabia se brincava ou prestava atenção no que estava ensaiando, da mesma forma que os membros, divididos em opiniões diferentes: torcer nas arquibancadas ou se dedicar ao samba? Qual era o verdadeiro papel de um torcedor organizado?

Já a outra cena, transparecia o que Pantchinho queria me provar. Ele falava sobre a importância e a necessidade de unir os Gaviões. Trazer o samba à sede da torcida e colocá-la no sambódromo combinava duas paixões que não podiam ser separadas: no fim da tarde, todos os alunos da escolinha que ensaiavam em frente ao galpão da escola de samba, se posicionaram para atravessar a rua até a sede, do

¹³ É o chamado repenique: um instrumento pequeno tocado com baqueta em uma das mãos e a outra diretamente sobre ele.

outro lado. A avenida movimentada e com enorme fluxo de carros parou para ver a bateria passar. O hino ecoava no quarteirão todo, nas vozes de todos aqueles corintianos, seguido pelas batidas:

“Lááá, laiálaiálaiálaiá ôôôô
Laiálaiá laiálaiálaiálaiá porópópó
Salve o Corinthians,
O campeão dos campeões,
Eternamente dentro dos nossos corações
Salve o Corinthians de tradições e glórias mil
Tu és orgulho
Dos esportistas do Brasil
Porópópó”

E antes que alguém imagine demais, dessa vez meus pés ficaram quietinhos. Sambar ao som do hino adversário? Jamais. Dá azar!

CAPÍTULO 6

SPORT CLUBE CORINTHIANS PAULISTA: SEJA BEM-VINDO!

*“Corinthians! A razão do meu viver
com ou sem minha camisa
o meu mundo é você!”*
**Samba enredo 1998:
Corinthians, meu mundo é você**

Muito se questiona sobre a relação das torcidas organizadas com seus respectivos clubes. Para alguns, o envolvimento dos cartolas¹⁴ com os diretores de torcidas

Era um longo caminho até o Centro de Excelência e Treinamento de Futebol Dr. Joaquim Grava. Depois de semanas aguardando uma resposta e partindo da premissa de que a esperança é a última que morre, consegui autorização para conhecer o lugar onde os jogadores treinavam.

Não dá para saber o número exato de tentativas entre e-mails, ofícios e ligações. Mas um telefonema no dia certo e pose de quem não tinha só 22 anos e era só uma aspirante a jornalista de 22 anos bastou para que o resultado fosse positivo:

- CT Joaquim Grava, boa tarde.
- Por favor, eu gostaria de falar com a Renata.
- No momento ela não se encontra.
- Tem outro número em eu possa falar com ela?

Tinha e, depois de muito tentar, eu consegui. Tudo certo! Quem ficou responsável por me receber foi o Denis, outro assessor do Corinthians – acredito que o segredo realmente foi mudar a voz para conseguir atenção. Na data marcada e duas horas antes do horário combinado – para não errar o caminho – peguei o trem na Lapa (Linha Cinza) até o Terminal Barra Funda; uma baldeação até o a Estação do Brás e outra até a Estação Engenheiro Goulart, a mais próxima do CT. Perdida era o melhor adjetivo para mim. Na última parada, optei por chamar um táxi.

¹⁴ Cartola é a expressão usada para se referir aos dirigentes dos clubes

Dia chuvoso e um vento que incomodava. Mas eu já estava bem curiosa para conhecer o novo local onde a seleção alvinegra treinava e tentava ignorar o tempo nublado. O espaço foi inaugurado em setembro de 2010 e batizado com o nome do principal consultor médico do Corinthians, Dr. Joaquim Grava. O presidente do clube, Andrés Sanchez, fez do centro uma de suas promessas de campanha, com o propósito de transferir para lá o departamento de futebol do Parque São Jorge, onde as equipes profissionais treinavam antigamente. O táxi parou em frente a um portão de acesso e eu desci para tentar pedir alguma informação. Uma resposta rápida contrariou meu pessimismo de que levaria muito tempo até alguém me atender:

– O Denis está esperando por você na outra entrada.

Eu teria que voltar até o outro lado, sob o tempo nublado e os pingos que começavam a engrossar. Paciência. Para aproveitar o tempo que faltava até o horário combinado, passei a observar o movimento em frente ao que parecia ser o portão de entrada dos jogadores, tamanha a quantidade de pessoas com bandeiras prontas para serem autografadas. No meio daquela gente toda, eu conheci uma torcedora especial. Ela era diferente no jeito de vestir e – o que eu saberia depois – no de torcer.

A VIDA AO TIMÃO

Dona Valquíria usava uma camiseta do Corinthians, tinha uma bandeira amarrada no pescoço, brincos e anéis que brilhavam e um chapeuzinho engraçado com o símbolo do time. Ela estava sentada em frente ao portão e, ao ouvir o que me falou o homem que “guardava” a entrada, disse:

– Você tem que ir lá do outro lado mesmo!

Naquele momento ela me pareceu muito mais guarda que todos ali, como se aquele cantinho onde estava sentada a pertencesse e ela também pudesse dar as diretrizes:

– Faz tempo que a senhora está aqui?

– Eu moro em São Paulo há mais de 40 anos – respondeu sem entender o que eu havia perguntado, mas dando abertura para uma conversa.

– E é torcedora do Corinthians há quanto tempo?

– Sempre fui, minha família inteira é.

– E a senhora costuma vir muito até aqui?

– Ah, sim, direto.

– Então conhece todo o pessoal?
– Ah, conheço sim, tem que conhecer, acompanho há tanto tempo.
– Mas o acesso é fácil aqui?
– No momento não é fácil pra ninguém porque a construção não tá terminada ainda. Então, quando terminar, aí nós vamos ter acesso e vai ser tudo bem organizado.

A resposta de Valquíria me pareceu tão ingênua, como se ela tivesse ouvido aquilo de alguém que precisasse justificar um “não”. Nesse momento, eu soube que ela torcia de maneira diferente: passou pela minha cabeça o retrato de uma criança, que acredita em tudo que a mãe diz, com base em explicações, muitas vezes, sem fundamento. Não sei se ela teria acesso, nem se seria organizado, mas Valquíria acreditava nisso.

Eu não queria acabar com o sonho da torcedora devota. Então, quis saber o que mais a havia marcado nesse tempo todo de dedicação:

– Um momento pra mim foi o Mundial de 2000¹⁵, que nós ganhamos. Mas não tem o que mais marcou, porque a todo o momento eu tô feliz, a felicidade é sempre completa. O time ganhando e sendo campeão, pra mim...

Antes mesmo de terminar a frase, a senhora suspirou e apontou em direção a um carro grande e luxuoso que vinha em nossa direção:

– Ai, olha, é o Alex¹⁶!

Ela não sabia se ia ou ficava e óbvio que eu perdi. Valquíria foi até a janela do carro do jogador, que parou para atender os torcedores que estavam ali. Ganhou autógrafo e beijou a mão de Alex emocionada. Depois, voltou e retomou nossa conversa:

– A senhora imaginou que teria essa paixão pelo Corinthians?

– Não. Mesmo porque, o que me trouxe até aqui foi a depressão. Eu fiquei boa assim, acompanhando o Corinthians pela televisão e indo a jogos, onde eles vão eu vou, venho nos treinos, faço tudo o que eu quero, ganho ingresso pra ir em jogos. Nossa, é a minha atividade, a minha diversão, é tudo pra mim. Eu tenho tudo do Corinthians na minha casa!

¹⁵ O Campeonato Mundial de Clubes da Fifa foi disputado no Brasil em 2000, sendo o primeiro acontecimento futebolístico nacional do novo milênio. A partida final foi disputada entre Corinthians e Vasco, no estádio do Maracanã (RJ), com um público de 73 mil pessoas. O time paulistano venceu nos pênaltis por 4 a 3.

¹⁶ Referência a Alex Raphael Meschini, que já atuou no Spartak de Moscou e hoje joga como meia pelo Corinthians.

– Mas então existe uma relação com a diretoria do time também, né?

– Sim. O presidente me deu a carteirinha para eu poder entrar no clube.

Então ingênua fui eu. Valquíria talvez estivesse certa quando disse que logo todos teriam acesso ao novo centro de treinamento do Corinthians. Todos, eu não sei, mas alguns privilegiados sim – como na política de “boa vizinhança”, que eu veria mais tarde.

– E com as torcidas organizadas, como é a sua relação com a Gaviões da Fiel?

– Todos me consideram e eu considero todos. Porque os corintianos é uma família só. Mas eu não ando com eles por causa da bagunça e da correria. Eles aprontam muito. A idade deles, por serem da torcida organizada, não combina com a minha idade, entendeu?

Mas uma das coisas que eu tinha aprendido até aquele momento é que, para ser um Gavião, não tinha idade.

– Essa bagunça que a senhora fala é o quê? Eles acabam sendo muito violentos?

– Não, violentos não. Eu só acho que tem horas que eles agem errado, como quando não aceitam uma derrota ou perdem um título. Eu acho que a gente tem que aceitar tudo com dignidade. Com bagunça e violência não resolve nada, porque a gente ama esse time, então tem que aceitar tudo: vitória, derrota e empate.

O motivo não parecia ser a violência e sim uma incompatibilidade de pensamento. Valquíria transpareceu certo incômodo ao responder, mas fazia questão de deixar bem claro:

– A nossa torcida é totalmente diferente das outras porque nós amamos o time. Ganhar, perder, ou empatar? Não tem problema nenhum. O amor continua!

Fiquei aproximadamente 20 minutos conversando com aquela senhora, mas precisava seguir até o local combinado. Vento cortando o rosto e lá vou eu.

MELHOR NÃO

Logo vi um pátio cheio de carros adesivados com logotipos de redes de televisão e rádio. Provavelmente era o portão de acesso da imprensa e eu entraria por ali. Fui recebida com lanches naturais e sucos e Denis mostrou-se muito simpático, assim como todos os outros jornalistas que participariam da coletiva de imprensa com Adenor Leonardo Bacchi – Tite, o técnico do Corinthians.

O assessor havia me informado que eu conversaria com quem desse a entrevista aquela tarde: eu só não sabia quem era e nem que seria dessa forma, o

que aumentou um pouco nervosismo. Eu precisaria achar uma brecha para não fugir do assunto do dia e ser vítima dos famosos segundos de silêncio de Tite. No entanto, fui surpreendida com Denis me chamando poucos minutos antes da coletiva começar:

– Carol, vem aqui comigo, por favor?

Acompanhei-o até a sala ao lado, um pouco surpresa:

– Então, eu conversei com o Tite e ele disse que prefere não responder suas perguntas. É que ele não curte muito falar sobre a torcida, não quer entrar nesse assunto.

– Tudo bem então. Mas ele não quer nem ver quais são? Porque são bem sossegadas.

– Melhor não. Faz assim, deixa comigo as perguntas e eu mostro pra ele depois. Ele responde e eu te mando por e-mail. Mas pode ficar por aqui, pra ver a coletiva e, depois, o treino.

Acabei concordando e voltei para a sala onde os outros jornalistas esperavam Tite aparecer. Já sentado na bancada, o técnico era alvo da disputa dos jornalistas para ver quem fazia a melhor pergunta e conseguia um furo. Apesar dos silêncios ou respostas monossilábicas que eu esperava ver, o técnico do Corinthians é muito mais ativo pessoalmente, o contrário da imagem que transmite a mídia esportiva.

Quase meia hora e a coletiva já tinha acabado. Mais rápido do que eu imaginava. O demorado viria depois: foram, aproximadamente, duas horas esperando para que o treino do Corinthians começasse. Infelizmente, deu tempo de receber uma cantada de um jornalista com idade para ser meu pai, mas também de ver algumas transmissões em tempo real sobre as informações da coletiva de imprensa.

Toda animação do começo se transformou em cansaço. Vários profissionais – entre fotógrafos e jornalistas – tentavam encontrar o melhor lugar em um espaço coberto próximo ao campo para fazerem suas fotos. Eu me infiltrei entre eles e passei a escutar as reclamações:

– Se fosse pra deixar a gente a essa distância do campo, avisava que a gente nem vinha!

– Isso só acontece aqui viu, como vai fazer foto desse jeito? Só com o Corinthians é assim!

– É, eles tratam a torcida melhor do que a gente, olha lá!

Na hora não entendi o que aquele homem quis dizer com isso, mas logo veio a explicação. Um grupo de torcedores da Gaviões da Fiel estava posicionado atrás

do campo onde os jogadores começavam a entrar e tentavam pendurar uma faixa no alambrado que separava o clube dos galpões e casas que ficavam do lado de fora. O muro pintado na cor preta, com o símbolo do Corinthians e um gavião, parecia mostrava quem era bem-vindo ali.

Durante o treino, alguns jogadores passavam em frente às lentes das câmeras dos fotógrafos, mas não se aproximavam muito. Devido à chuva, os titulares mal tocavam na bola e ficavam mais tempo no prédio onde funcionava a academia e o vestiário. Iam ao campo, corriam um pouco e voltavam. Depois de um tempo, acabei interagindo com os membros da Gaviões que estavam por lá. Falei sobre minha primeira ida frustrada à sede e perguntei como era a relação deles com a diretoria do clube. Quem me respondeu foi Donizete, o presidente – mais eu só saberia que era ele depois de alguns dias:

– Não, pode ir tranquilo. Não tem problema não, a gente combina, você vai com a gente sim.

– Ah, que bom. Deixa eu aproveitar e perguntar, é de boa aqui pra vocês? Vocês tão sempre aqui?

– Não sempre, né? Mas quando é uma ocasião especial, não dá nada. Tipo hoje a gente trouxe o molequinho aí.

Donizete referia-se a um garotinho que não parava de cantar o hino do Corinthians e nem me deu atenção. Tanto ao pequeno quanto a mim, interessava mais os jogadores. Eu queria conversar com algum deles, mas não via o Denis por lá e não tinha como pedir qualquer informação. Mas quando menos esperei, um jogador surgiu acompanhado de outro assessor e se posicionou próximo à cobertura onde eu estava para conversar com um repórter. Fiquei animada, perguntei sobre a possibilidade de uma entrevista rápida e recebi uma resposta positiva. Mas a animação durou pouco:

– Não, ele não vai falar com você não! Aqui tem que avisar antes e marcar. Ramon, vai tomar banho, vai!

Isso foi o que ouvi de Renata, a primeira pessoa com quem entrei em contato por e-mail e telefone. O jogador era Ramon de Moraes Motta, lateral contratado em 2011 pelo Corinthians. Ele se mostrou disposto a falar e esboçou descontentamento quando ouviu o que me disse a assessora, mas não quis discordar e seguiu para o chuveiro. Eu agradei e tentei não demonstrar o nervosismo, afinal, avisar antes era só o que eu tinha feito e o retorno não foi o esperado.

Fim do treino. De repente, uma movimentação se formou em frente ao prédio dos vestiários. Era o goleiro Júlio César, que, naquele dia, não treinou devido

a uma luxação sofrida no último jogo, contra o Botafogo. Ele estava sentado em um carrinho que seguia em direção a um campo mais distante, provavelmente para fugir dos fotógrafos. Tudo igual, exceto pela minha surpresa ao ver – bem perto de mim – Felipe Andreolli, apresentador do programa CQC (Custe O Que Custar), da TV Bandeirantes. Uma euforia interna de fã, mas nada que eu pudesse fazer. Ele correu apressado e eu precisava encontrar com Denis, que vinha em minha direção. Levei uma bronca cuidadosa:

– Fica aí, porque se verem você mais pra cá, vão brigar comigo!

Não me mexi mais.

– Infelizmente não vai dar pra você conversar com nenhum jogador, mas você pode falar com o chefe de segurança responsável pelos jogadores, ok?

– Tudo bem.

Enquanto o assessor ia buscar quem falaria comigo, aproveitei para ver a gravação da matéria com o goleiro e os integrantes do CQC. E me veio outra bronca:

– Onde você estava? Fiquei te procurando. Pode vir, o Souza está esperando.

O HOMEM DE AÇO

Negro, careca, grande na altura e na largura: Souza, há quatro anos, o Arnold Schwarzenegger do timão. Um tipo que intimidava muito mais na aparência que na fala:

– Vocês recebem algum tipo de treinamento para ocuparem o cargo de seguranças do Corinthians, principalmente quando a torcida vai em peso para o estádio?

– Treinamento nós temos, fazemos um curso e aprendemos a lidar com o público, né? Ou como conduzir um atleta, depende da situação! Tipo quando tem que tirar alguém do tumulto, pegar algum atleta que está no meio dos repórteres dentro de campo ou quanto tá entrando no vestiário.

– E nos dias de jogo, como é a rotina de vocês em relação a essa segurança dos jogadores?

– Depende do jogo e depende do estádio, cada um tem um procedimento.

– E aqui em São Paulo?

– Aqui em São Paulo é tranquilo. O contato com time e a delegação fica meio restrito, não tem tanto a oportunidade pra chegar, só as pessoas que foram comunicadas mesmo.

- E existe algum fato que envolva a torcida e que tenha marcado você?
- Tem sim, tanto no Rio, quanto aqui, aconteceram algumas coisas, né? Quando a torcida tenta invadir, por exemplo, quando a torcida tá revoltada porque o time foi eliminado de alguma competição. Eles se revoltam e vêm cobrar. Aí a gente fica mais atento com esse tipo de coisa, porque, quando eles vêm, vêm pra fazer de tudo. Não a maioria da torcida, mas alguns querem partir pra agressão e nós temos que resguardar o atleta.
- Você disse que não a maioria e, normalmente, a gente ouve que a Gaviões da Fiel é a torcida mais apaixonada pelo seu time, mas não a mais violenta. Pelo contrário, a Independente costuma ser considerada assim. Como você acha que funciona essa relação entre paixão pelo time e violência?
- Não dá pra generalizar não. O que tem é alguns grupos de torcedores, uma meia dúzia que fica mais revoltada. O exemplo pode ser na sua casa: você é corintiano e tem um filho corintiano, mas seu filho pode ser mais revoltado que você e vice versa.
- Meia dúzia? Acredito que um pouco mais. No entanto, o exemplo dado por Souza parecia tentar obedecer ao que Denis havia pedido no início da entrevista:
- Ó, vê se não vai falar mal da torcida, heim? Fala aí que é tranquilo, fala bem.
- Era uma opinião que seguia o senso comum para não dar brecha a nada que pudesse colocação a torcida contra o time.
- Eu percebi que havia alguns torcedores aqui dentro. É comum?
- Não é não. Acontece esporadicamente. Uma vez ou outra, às vezes um amigo, ou quando é aniversário de alguma criança, o pai quer presentear de alguma forma e a gente acaba deixando.
- Você tem algum conhecimento da relação da diretoria do clube com os torcedores? Porque outras torcidas reclamam que são impedidos de fazerem manifestações. E aqui?
- É tudo relativo à situação do time, né? Por exemplo, agora tá tudo tranquilo, porque o time tá bom. A restrição tem, porque é um local de trabalho e o torcedor tem que cobrar e incentivar da arquibancada. Qualquer tipo de cobrança e apoio tem que ter respeito. Então, pra não misturar as coisas, não é porque tá um momento bom que tem que abrir os portões e liberar, porque em um momento ruim eles também vão querer exigir isso, né? Não sei nos outros clubes, mas aqui não tem muito acesso não.
- O que Valquíria me disse no início do dia, sobre o livre acesso dos torcedores – brechado apenas por conta do período de término da construção do CT

– o segurança não confirmou. Perguntei-me se havia alguma diferença entre o torcedor de organizada e o comum. Talvez uma facilitação para um deles? Não sei. Valquíria ganhou a carteirinha do presidente do clube, mas estava lá fora enquanto Donizete assistia o treino de camarote, junto com outros Gaviões. Mas acredito que Souza tenha respondido a esse meu questionamento interno, mesmo que sem querer: não é que os torcedores tinham toda liberdade para sempre irem até lá, mas estavam presentes em momentos interessantes à própria diretoria. E Andrés, como ex-Gavião que era, sabia que esses bons momentos não eram os de crise.

– E você, acompanha o Corinthians só como segurança ou como torcedor também?

– Torcedor, claro.

– Mas você já era antes de se tornar segurança ou não?

– Nunca fui fanático, mas sempre torci.

– E você frequentava o estádio?

– Não. Porque eu sou esportista, não fanático. Qualquer time que esteja jogando, eu to assistindo.

– Então é fácil se controlar quando o Corinthians está jogando e você trabalhando?

– Olha, não sei. A gente acaba torcendo mais que o próprio torcedor. Quando ganha é bom pra todo mundo, mas quando perde a gente fica chateado também.

Denis apareceu para avisar que já era tarde e estava na hora de eu ir embora. Agradei aos dois e tive do assessor a garantia de que as respostas para as minhas perguntas, que foram entregues a ele na coletiva de imprensa, chegariam ao fim do mês – o que não aconteceu até hoje.

Não posso dizer que saí insatisfeita, apesar de toda burocracia corintiana e de ter que enfrentar a chuva e o frio insistentes. Tive um dia diferente e acompanhar a rotina de jornalistas esportivos me inspirou, além de me dar a lição de que o mundo do futebol não é tão simples quanto parece. Fui embora com muitas impressões sobre aquele lugar, mas uma prevaleceu ao fim do dia: a torcida do Corinthians era muito mais organizada que a equipe de seu próprio time. Sobre a receptividade fiquei dividida. Todo trabalho que tive para ser “aceita” na Gaviões, foi o mesmo no clube corintiano; mudou apenas o glamour ao redor de quem frequentava cada lugar, o que na sede era bem menor.

CAPÍTULO 7

EU NÃO QUERO CADEIRA NUMERADA, EU VOU DE ARQUIBANCADA PRA SENTIR MAIS EMOÇÃO

*“A semana inteira fiquei esperando,
pra te ver corinthians
pra te ver jogando.
Quando a gente ama,
não mede esforço,
pra ter ver jogar!
Te ver jogar, te ver jogar!”*
Vou cantar pro timão ganhar

O domingo de dia dos pais também seria de comemoração no futebol. Corinthians e Ceará se enfrentariam no Pacaembu durante a tarde e a festa ia acontecer para um deles. Depois de visitar a sede da Gaviões da Fiel, conhecer seus membros e saber como ele pensam, ainda faltava algo essencial: acompanhar a rotina de um dia de jogo.

Cheguei ao bairro do Bom Retiro por volta do meio dia, quando começavam os preparativos para as partidas que acontecem no fim de semana. A rua estava cheia de torcedores e, dentro da sede, os meninos do Departamento de Bandeiras separavam os materiais que seriam usados: faixas, bandeirões e instrumentos. O trabalho não era tão rápido: antes de decidir qual bandeira levar, elas são estendidas no chão a fim de observar possíveis rasgos que poderiam aumentar com o uso. Depois de escolher cada uma delas, também havia o cuidado de guardá-las da maneira certa – enroladas e presas com fita isolante, tudo para facilitar a conferência na entrada do estádio.

Como ainda era cedo, aproveitei para circular um pouco pelo lugar. Ouvindo algumas conversas, vi que ali tinha gente de todo canto do estado: São José do Rio Preto, Sorocaba, Bauru e outras cidades. Antes de ir para o estádio, essas pessoas paravam na sede para tirar fotos, comer na barraquinha de lanches da Sônia – a mãe-pássaro – e, depois, continuavam o trajeto até aonde aconteceria o jogo do timão. Muitos também eram sócios da Gaviões e passavam por lá para retirarem seus ingressos, uma das facilidades que a torcida proporcionava.

Não tive a mesma sorte. Na primeira tentativa de acompanhar a Fiel, a frustração veio com a garantia de que eu também poderia adquirir na sede a minha entrada para o jogo:

– Pode ficar tranquila. Não garanto que vou poder te dar o ingresso, mas pode comprar aqui com a gente sim.

Nada feito. Ainda cheguei a entrar em contato com a assessora que havia me dado essa informação, mas, três dias antes do jogo, os ingressos da torcida estavam esgotados. Por ser um clássico contra o Cruzeiro, tudo se tornava mais difícil. No dia, fui à sede e procurei encontrar uma alternativa, mas a única saída seria voltar outra vez e tentar de novo.

No jogo contra o Ceará – que eu escolhi para acompanhar a torcida – o pai de minha amiga Vanessa me ajudou, comprando o ingresso no dia em que as vendas começaram, para evitar qualquer imprevista. Paulo era um dos primeiros da fila, mas não adiantou. Aposentado, a lei permitia que comprasse apenas o seu próprio ingresso. O problema foi resolvido com a ajuda da esposa que, por ainda não estar aposentada, conseguiria fazer a compra normalmente.

O final da história seria feliz para mim, se o casal não tivesse tido uma surpresa: com pouco mais que 15 minutos de venda, os ingressos da arquibancada amarela – onde ficaria a Gaviões da Fiel e as outras torcidas – estavam esgotados. De acordo com o vendedor, tudo por conta da concentração de ingressos nas mãos da própria organizada e dos cambistas. Restou a mim apenas a possibilidade de acompanhar o jogo do tobogã, atrás do gol e de frente para torcida. Não era um problema, mas surgiu como uma frustração. Para mim, o momento na arquibancada é que deixaria o trabalho completo. Por outro lado, também aproveitei a experiência de observar a torcida de longe e ouvir o que outros corintianos diziam.

Ainda na sede, um cartaz atraiu minha atenção. O anúncio era sobre a festa que comemoraria o aniversário de quatro anos da subsede da torcida, em Rio Claro (SP). Na cor preta, exibia o símbolo do Corinthians com o desenho de um gavião, além do preço de entrada, que era de R\$5,00 mais um brinquedo, provavelmente para alguma campanha de dia das crianças. No entanto, o que se destacava era a observação no canto esquerdo do cartaz: “proibida a entrada de verde”. Percebi que o problema com a cor não era apenas um capricho de Matusa – o torcedor do além – mas algo já incorporado à cultura dos gaviões, que eu contrariei ao usar meu agasalho verde em uma visita à sede. Por outro lado, no dia do jogo, meu subconsciente avisou: “vá de branco”!

O domingo à tarde prometia chuva, mas a disposição da torcida não se comparava à preguiça de um dia nublado. Para não me perder das pessoas que iriam até o estádio, fiquei próxima a uma senhora que também aguardava o ônibus. Assim que ele virou a esquina e parou em frente à sede, os Gaviões começaram a trazer para a calçada todo o material separado e a guardá-los no bagageiro. Pronto, já podíamos partir. A senhora

que aparentava ter pressa, não me deixou para trás:

– Vem, menina!

Agradei e entrei no ônibus.

– Senta aí, ó! – disse apontando um dos bancos da frente, já que mulheres e crianças não ficam no fundo.

Os gaviões entravam e se acomodavam nas poltronas. Meninas, crianças, homens, mulheres, meninos e senhoras: juntos para ver o Corinthians jogar. Um garotinho sentado perto de mim guardava a bandeira da torcida e, apesar da pouca idade, era integrante do Departamento de Bandeiras. Naquela pureza infantil, seus sentimentos eram uma combinação de euforia e orgulho – e nem as brincadeiras dos mais velhos podiam atrapalhar seu estado de espírito. Os rapazes cantavam, fumavam, bebiam e, junto deles, pude ver Donizete, o presidente da Gaviões da Fiel. No entanto, Doni parecia não se importar com a posição que ocupava e se misturava aos outros torcedores.

Seguimos com o ônibus um pouco vazio, já que o acesso ao Pacaembu era mais fácil que em outros estádios e alguns preferiam ir direto para lá. Naquele dia, todo o percurso foi feito sem a escolta da Polícia. Isso porque a torcida do Ceará compareceria em menor número, diminuindo a chance de problemas. Na chegada ao estádio, desci do ônibus e fiquei por perto para acompanhar a entrada dos Gaviões, já que não conseguiria ficar na mesma arquibancada que eles. O primeiro passo era descarregar o bagageiro do ônibus. Depois, levam os materiais até os membros do Batalhão de Choque, que reservam um espaço para que cada objeto da torcida seja vistoriado: contam instrumentos, abrem bandeiras e conferem o que está escrito nelas – provavelmente para evitar manifestações indesejadas. Naquele momento, vendo a maneira como policiais e torcedores se encaravam, ficava fácil entender o porquê de uma relação tão conturbada.

TORCIDA É TUDO IGUAL

Passada a vistoria, nada de errado, todos já podiam seguir. Ao lado daquele espaço, João, 59 anos, o segurança, guardava a frente do local por onde entravam os torcedores organizados.

– Há quanto tempo você exerce essa função?

– Cinco anos.

– E como é trabalhar aqui? Tem muita ocorrência, muito problema?

– Nosso trabalho aqui é cuidar do torcedor da torcida organizada. Então, todos que vêm pela organizada são obrigados a apresentar a carteirinha da Federação Paulista. Às vezes, muitos vêm sem a carteirinha, e a gente não pode deixar eles entrarem no estádio

assim. Aí eles ficam irritados, né?

– Vocês recebem alguma instrução de como lidar com eles?

– Quando eles não chegam com a carteirinha, a gente pede que eles troquem a roupa, e volte com outra normal.

– Isso sempre foi assim?

– Sempre, desde que existe o Estatuto do Torcedor.

– Você já está acostumado com a vida no estádio. Por acaso, tem algum time? Como faz pra conciliar isso aí?

– Na verdade, eu não torço pra nenhum time. Eu sempre sou o time da casa. Se for Corinthians, eu sou Corinthians, se é São Paulo, eu sou São Paulo. Não posso mostrar para o torcedor que eu torço pra tal time. Porque como é organizada, eles sempre vão arrumar briga com a gente.

O segurança não tentava ser simpático. Um sorriso nem chegava a passar perto. Minha insistência devia incomodar.

– Dá pra dizer, então, que essa visão que as pessoas têm da organizada é rela? O torcedor é violento?

– Não dá pra generalizar não. O que acontece é que eles partem pra briga quando uma vê a outra, mas aqui é difícil brigar. Eles brigam mais é longe do estádio, né?

– Se não dá pra generalizar, você vê alguma diferença entre elas?

– Isso não, elas são todas iguais. Mas são meus amigos, são tudo gente boa, sempre tento orientar os torcedores, fazer de tudo para não ver briga.

Vários membros da organizada estavam por perto e, provavelmente, João não queria se comprometer. Ao mesmo em tempo que falava sobre as brigas e não deixava de responder o que eu perguntava, ficou a maior parte da conversa em cima do muro.

– O problema é que, às vezes, o torcedor elogia o time. Outras brigam entre eles mesmo. Igual ontem, no jogo do Atlético Paranaense. Eu vi a própria torcida brigando.

– Você tem alguma história que marcou, nesses cinco anos?

– Pra mim nada marca. Cada jogo é um jogo. Se eu respeito o torcedor, o torcedor me respeita e assim eu vou levando a vida.

João não deu abertura para que o diálogo continuasse. No pátio de entrada do Pacaembu, a movimentação era grande e eu podia ver no rosto das pessoas que a presença de uma torcida organizada dividia opiniões. Não perdi tempo e abordei um casal que aguardava com o filho o início do jogo – Alysson estava presenteando Celso (o pai aposentado), acompanhado da mãe, Marlene.

– Boa tarde, sou estudante de jornalismo e estou fazendo um trabalho sobre torcidas organizadas. Queria saber, vocês sempre vêm ao estádio?

O senhor tomou à frente e respondeu:

- Agora a gente vem menos por causa da violência, né? No começo vínhamos muito, trazia o filho pequeno, e hoje não dá mais.
- Então essa é uma ocasião especial?
- Hoje a gente tá aqui porque é jogo de uma torcida só, então dá pra ficar mais tranqüilão.
- E também porque é um presente de filho pra pai – completou a esposa.
- Que legal, então a família inteira é corintiana?
- Não, ele não é não – sorriu e respondeu a mulher, apontando para o filho.
- Sério? E agora, você aqui no meio do Corinthians?
- É verdade – alertou Celso – não vai falar pra torcida dele não! Ele já torceu pro Corinthians quando era menor, mas agora ele gosta mais do São Paulo.
- Pode deixar – respondi – Mas vocês já viveram algum problema relacionado à torcida, que possa ter o feito mudar de time, por exemplo?
- Não, isso não. A gente vê o que a televisão mostra. Moramos aqui 22 anos, não perdíamos um jogo, mas hoje? Acabou, né? Não dá mais!
- Mas o senhor não acha que a mídia pode ser um pouco tendenciosa?
- Vou ser bem sincero: não acho não. Se eles estão mostrando, é porque acontece. Não sei mesmo o que passa na cabeça de muita gente que não vem aqui para se divertir!

A família compartilhava da opinião de parte do público que estava no Pacaembu para ver o Corinthians jogar. No entanto, um grupo tentava mostrar que também havia gente pensando o contrário. De longe, vi uma roda de pessoas grande roda Gaviões. Os fiéis torcedores cantavam reverenciando o Corinthians, enquanto os outros – que não faziam parte da organizada – repetiam e pulavam a cada batida dos instrumentos.

As pessoas queriam gravar e fotografar, talvez para provar que também participaram da bagunça saudável dos Gaviões. No meio da multidão, o catador de latinhas que parou para ver a festa da torcida me chamava a atenção. De costas para mim, não dava para ver seu rosto, mas usava calça social, sapato marrom e camisa branca, bem suja. O pescoço se esticava para tentar enxergar melhor. Segurando o saco preto nas costas com uma das mãos, a outra também ficava parada, mas sem celular ou câmera para registrar o momento. Os pés batiam fora do ritmo, mas a garganta se arriscava em alguns refrãos. Durante todo tempo em que a torcida ficou por ali, ele também estava presente. Pouco mais de 15 minutos e o grupo se dispersou. O espetáculo no estádio estava começando, ainda que para o catador de latinhas já tivesse terminado.

VAI COMEÇAR A PARTIDA!

Dali em diante eu precisava seguir sozinha. Que ironia a daquele momento: minha primeira vez em um estádio de futebol era como corintiana – e sem curso de teatro, eu teria que representar. Quando entrei, o meu lado da arquibancada já estava lotado. Do outro, onde os Gaviões se acomodavam, mas havia muitos espaços vazios.

– Olha lá, tá vazia, como não tinha mais ingresso?

Um rapaz ao meu lado comentava sobre o setor da arquibancada onde estavam os Gaviões e eu nem tive tempo de concordar. O juiz apitou o início do jogo em uma partida que começou apertada para o Ceará. Durante o primeiro tempo, o Corinthians dominou a bola e chegou a ficar em vantagem por duas vezes. Provavelmente, o retorno do goleiro Júlio César e do atacante Liedson ao gramado parecia envolver ainda mais as torcidas – Pavilhão 9, Estopim, Fiel Macabra e Gaviões da Fiel. A frase “Cultura de Paz” estampava pelo lado de dentro a parede entre os pilares de entrada do estádio. Do meu lugar na arquibancada, podia perceber uma diferença bem marcante entre acompanhar o jogo perto da organizada e longe dela: sempre que um hino cantado ecoava no estádio, o resto dos torcedores não conseguia acompanhar e acabava desistindo antes do fim. Ainda que gritassem em direção ao outro lado:

– Canta, “filho da puta!” – como se a obrigação de levantar a galera tivesse que vir de lá.

Desistir: algo que eu pensei em fazer várias vezes naquele dia. Não por ser o Corinthians – até já tinha me acostumado com a companhia da torcida do Bom Retiro – mas pelo cansaço. Imaginei como seria em uma partida maior, contra o São Paulo, por exemplo. O dobro de trabalho e preparação, com certeza. No segundo tempo, o time da casa não agradou muito e parte do estádio vibrava mais com os resultados do jogo do Flamengo que apareciam no telão. O bandeirão balançava no ritmo da bateria e também tentava embalar os jogadores, mas nem assim veio a vitória. Um empate suado, com gol do time adversário aos 39 minutos do segundo tempo e a brecha para que eu deixasse o Pacaembu.

Minha meta era encontrar o ônibus amarelo – verde nunca – da Gaviões da Fiel para poder voltar do jogo. A chuva que antes só ameaçava, podia cair a qualquer momento e para chegar à entrada principal faltava muito. Andei, andei, andei. Andei mesmo. Quando cheguei, vi uma multidão que saía de dentro do estádio. Vários degraus escada abaixo e nada de reconhecer um torcedor “familiar”. Por outro lado, o ônibus que eu procurava já fazia seu trajeto insistente nas ruas em frente ao Pacaembu. Não podia me perder, então, acabei ficando em um lugar movimentado para ver se os Gaviões apareciam. Depois de algum tempo, os garotos do Departamento de Bandeiras já

vinham em direção à calçada onde eu estava.

– Meninos, o motorista está esperando ali – eu tentava avisar, mas o pós-jogo parecia deixar os torcedores anestesiados.

Não demorou até que Donizete aparecesse para mandar todo mundo entrar no ônibus. Eu também segui o presidente e tomei meu lugar. O trajeto da volta pareceu muito mais longo. Na verdade, até certo momento, a expectativa da ida, parecia ter sido substituída pelo efeito amortecedor do empate na volta. Não acreditava que, depois de toda agitação presente nas minhas idas à sede, meu último dia com a torcida terminaria sem surpresas.

– Sobe no bagageiro! Quero ver todo mundo no bagageiro! Sobe, sobe! – falava um dos membros da diretoria para os garotos do Departamento de Bandeiras.

Não parecia ser um problema. Correndo, se encaixavam nos espaços no bagageiro sobre as poltronas. Parecia um tipo de trote, nada diferente do que a gente faz com os calouros na faculdade.

– Ó, é pra ficar até o final, até chegar na sede! – avisava Robinho, um rapaz que eu não havia conversado, mas sabia o nome.

A ingenuidade falou mais alto – outra vez! Peguei minha câmera e bati a primeira foto. Na mesma hora, um menino no bagageiro gritou:

– Ô mina, não pode tirar foto não! Olha lá, Robinho, tá tirando foto!

Naquela hora, faltou ar. Sério. Não imaginei que uma foto causaria tanto tumulto.

– Já apaguei, já apaguei – respondi quase sem voz, mas ninguém conferiu.

Quando chegamos à sede, os torcedores se dispersaram e não teve abraço, “volte sempre” ou “até logo”. Mesmo assim, a experiência de cada dia acompanhando a história dos gaviões valeu toda dificuldade: ouvir que corintiano é abençoado, visitar o clube alvinegro em dia de chuva e até o susto na volta do jogo. Eu havia realmente apagado a última foto do dia, que ficou marcada só na lembrança.

Já de volta para casa, antes de dormir, a imagem do garoto que gritou comigo de dentro do bagageiro continuava na memória. Não era medo reprimido, era um misto de satisfação e felicidade. Primeiro pelo empate – na esperança de que meu time chegaria ao topo. Depois, por lembrar que a minha despedida da Gaviões da Fiel também foi digna da mesma frase que usei quando conheci a torcida. Não resisti, precisei dizer em voz alta:

– Tinha que ser corintiano!

PARTE II

NOVAS VERSÕES, RESPOSTAS E ENTREVISTAS

Quando decidi entender como funcionava uma torcida organizada, sabia que – apesar de ser o mais motivador – não bastaria apenas ouvir as histórias e a opinião de quem vivia essa realidade. Ir até a capital e ver de perto o dia-a-dia dos torcedores esclareceu algumas dúvidas minhas, mas acabou trazendo outras. Para responder a tantas perguntas a respeito de um universo que reúne futebol, paixão, rivalidade e interesse, conversei com pessoas que também se envolveram com as torcidas organizadas – umas mais, outras menos.

Nesta segunda parte do livro, você encontra entrevistas com pesquisadores, ex-comandante do Batalhão de Choque e atual chefe de arbitragem, jornalista, presidente da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (CONATORG) e outros.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO¹⁷

Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (2000), Toledo é coordenador do programa de pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de São Carlos e professor do departamento de Ciências Sociais. Suas pesquisas são direcionadas à área de Antropologia, com ênfase em práticas esportivas, festas e corporalidade. São-paulino, um de seus trabalhos foi acompanhar a situação da Torcida Tricolor Independente, do São Paulo Futebol Clube – em pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP no início dos anos 90 – resultando no livro “Torcidas Organizadas de Futebol”.

É possível existir isenção em um trabalho de campo que mexe com temas como paixão e futebol? No jornalismo, por exemplo?

Não há isenção jornalística. Os meios de comunicação formam conglomerados privados, muito próximos do Estado ou de instituições políticas. Defendem interesses específicos e essa dinâmica é “naturalmente” parte do meio. Não há qualquer condenação moral sobre esse fato, óbvio, mas penso que o bom ou o mau jornalismo constitui uma dinâmica de espelhamento e de transparência na defesa desses interesses. Se posicionar politicamente não é algo em si mesmo condená-

¹⁷ Entrevista concedida por e-mail em 25/08/2011

vel. O futebol é uma seara que move os interesses relacionados ao jornalismo, mas a diferença é que temos uma situação peculiar, que separa a televisão de outros tipos de jornalismo. Uma Folha de S. Paulo, em tese, estaria mais à vontade para praticar um jornalismo investigativo que uma rede Globo de Televisão. A Internet é outro meio que arejou muito o campo do jornalismo investigativo e crítico, aí se produz bom jornalismo esportivo também.

Você acompanhou a Torcida Independente. Quais eram suas impressões a respeito dela antes de desenvolver a pesquisa e no que isso mudou depois?

Depois dos anos 90, acompanhei muito esporadicamente e quase somente pela mídia a Independente. De modo geral, as torcidas, antes da sistemática participação no carnaval oficial paulistano, tinham outro perfil. Penso que essa participação para além do esporte foi decisiva para modular a monomania pelo futebol no interior desses coletivos torcedores. Torcidas organizadas não são sinônimos de violência sempre ou não se pode tomar a violência física entre torcedores organizados como um dado constitutivo desses arranjos sociais desde sempre. Há um período de intensa disputa e violência física que coincide curiosamente com o momento de redemocratização do país e isso é um tema pouco ou nada abordado pela mídia ou pelos especialistas. A Independente, sobretudo, por manter os níveis de violência mesmo depois de seu efetivo ingresso no Carnaval, acabou sendo alijada e, ao que parece, isso lhe custou caro e serviu – se é que serviu – de aprendizado.

O São Paulo aparece como um clube fechado às suas torcidas, diferente de outros times. Por que você acha que isso acontece? A culpa é da diretoria ou da própria torcida?

Creio que esses relacionamentos são conjunturais e mudam com os arranjos e projetos políticos que estão à frente de clubes e de torcidas. O estigma da violência da Independente, por exemplo, pode mesmo ter algo a ver com essa fragilidade política na relação com o São Paulo FC, mas essas situações podem se alterar a depender dos interesses convergentes ou não de dirigentes e torcedores. O que precisamos investigar é o que significa ser torcedor para um clube como o Corinthians e o que significa ser torcedor para dirigentes são-paulinos, isso não é uma questão evidente. A noção moderna de torcedor consumidor tem a ver com essas novas feições de torcedores e o modo como os clubes vêem hoje as organizações coletivas mais tradicionais como as organizadas.

Como pesquisador, o que a Independente tem de diferente das outras torcidas? E como torcedor?

Não vejo diferenças significativas entre torcidas para além do fato de que algumas são mais institucionalizadas que outras. Algumas estabelecem alianças com setores da sociedade e outras ficam mais presas às demandas imediatas do torcer pelo clube x ou y. Já algumas torcidas, hoje, compreendem melhor o seu papel dentro dos modos de vida urbanos e populares e, por isso mesmo, seu papel como coletivos não se esgotam nas performances de arquibancadas.

A Independente é considerada uma das torcidas organizadas mais violentas do país. Você também a enxerga dessa forma?

Certamente ela protagonizou as cenas mais espetaculares e intolerantes de violência física desde a metade dos anos 80 até meados dos anos 90, mas esse panorama é dinâmico, como já salientei, se altera justamente porque a violência em si não é a espinha dorsal que move a participação e atuação das torcidas organizadas. Se desvencilharmos interesses específicos da violência, há o perigo da sua “naturalização”. A questão é de que tipo de violência nós estamos falando, de que forma de violência a sociedade brasileira condena ou tolera quase sem crítica. Há na sociedade formas de violência muito mais danosas do que aquela evidenciada e protagonizada por torcedores de futebol e, mesmo assim, são toleradas ou muito mal discutidas.

Ela também carrega a fama de ser ligada ao tráfico de drogas, mas é difícil comprovar essa teoria. E para você, existe uma relação entre Independente e tráfico?

Não se pode confundir consumo de drogas consideradas ilícitas com a atividade regulada do tráfico. Sequer a noção de tráfico é homogênea. De qualquer forma, o que posso notar é que torcidas organizadas não existem única e exclusivamente em função de sua maior ou menor liberalidade em relação ao consumo de drogas de seus membros. Associar mecanicamente torcedores às drogas é mais uma tentativa tola de obscurecer do que compreender o seu lugar dentro do arranjo do futebol profissional. Amplos setores juvenis experimentam drogas, as drogas fazem parte da sociabilidade juvenil nos grandes centros urbanos e é uma realidade que deve receber da parte dos analistas uma atenção mais responsável e menos moralista nas análises.

O batalhão de choque responsável por tratar de assuntos relacionados às torcidas surge com respostas prontas para o que diz respeito a elas. É possível afirmar que essa relação ainda está longe de ser conhecida de forma transparente, como se houvesse um jogo de interesses?

Sempre fui a favor da pluralidade de participação dos setores da sociedade no encaminhamento das questões referentes à conduta de torcedores. Não se pode fechar a discussão em torno da violência torcedora dentro dos aparatos repressivos do Estado. Torcidas tem que ser organizações abertas, transparentes e a discussão sobre a violência deve abarcar profissionais de todas as áreas que se interessam pela temática da sociabilidade no futebol. Só assim, temas como a violência e o papel dos coletivos torcedores, poderão, de fato, serem equacionados dentro dos limites aceitáveis de convivência urbana.

***CARLOS ALBERTO MÁXIMO PIMENTA*¹⁸**

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e ex-jogador de futebol, Pimenta direciona seus estudos à área de Sociologia e Antropologia, com ênfase em temas como educação, realidade brasileira, violência urbana e outros. Atualmente, é professor adjunto na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Seu trabalho de pesquisa no Mestrado em Ciências Sociais com foco nas torcidas organizadas, teve como resultado o artigo “Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol”, além de um livro sobre o assunto.

Quais foram as suas principais impressões após conhecer o universo das torcidas?

Bom, eu era jogador de futebol e tinha intenção de estudar a questão racial quando eu decidi fazer Ciências Sociais, também porque tenho origem negra, sou negro e, na medida em que eu ia discutindo o racismo, eu parava na questão do futebol, em especial das torcidas organizadas. Tinha uma discussão sobre essas torcidas, de que algumas delas tinha uma característica neonazista, no sentido em que elas promoviam certa xenofobia, em uma aversão contra negros, e aquilo me deixou intrigado. Aí eu pensei, “como pode uma torcidas no Brasil com essas características”? Na época eu ouvi falar que era a Mancha Verde¹⁹. Pensei, “por que, no Brasil, uma sociedade totalmente vinculada ao futebol, em que existe

¹⁸ Entrevista feita por telefone em 17/08/2011

¹⁹ Torcida Organizada do Palmeiras.

negro, branco, índio, extremamente multifacetada, do ponto de vista da questão da raça, e tinha um grupo ali, que cultuava o racismo.

Entendi. E existia alguma outra razão para que você se envolvesse com essa realidade?

Sim, me incomodava não entender por que um movimento de prazer, de alegria, tinha violência no meio. Por que um movimento de festa gerava violência? Aí eu fui pesquisar. E quando eu termino a pesquisa, me afasto do futebol definitivamente.

Por quê?

Quando terminei, pensei “ah, não quero nunca mais saber disso aqui, ver futebol, ir ao estádio de futebol!” A impressão que eu tinha era que o futebol era uma farsa, e realmente é, e que as torcidas eram enganadas né? Essa violência, todo esse movimento de ritual de masculinidade, tudo que envolve as torcidas, eles nem sabiam dessa farsa em torno do futebol, e usava de seus instrumentos, às vezes, até com certa ingenuidade. E isso me deixou muito preocupado.

E hoje você não acompanha mais nada então?

Eu fiquei quatro anos sem querer saber de futebol. Hoje eu assisto, voltei aos poucos, mas não tenho nenhuma torcida especial por algum time, fico de boa, embora eu até tenha um time de infância, mas não sou fanático.

Então como você enxerga a torcida hoje?

Vejo como um movimento, às vezes, ingênuo, do ponto de vista da realidade que ocorre no futebol.

E se a gente for ver é exatamente contrária a forma como algumas pessoas entendem esse movimento. Você chega a colocar no seu trabalho a fala de alguns jornalistas, como o Juca Kfoury, que compara esses torcedores a marginais. De que forma você vê essa opinião?

Na verdade, a torcida organizada de futebol não tem nenhuma influência nas questões que circulam nos bastidores do futebol. E aí a fala dele, ou do próprio Flávio Prado, é de quem está preocupado com o “negócio” futebol, vivem muito preocupados com essa coisa, porque o futebol é um grande negócio, né? Então, nesse sentido, a fala deles pode ter razão, diminuindo grupos de torcedores violentos, acaba virando um futebol para outra classe social, com certo poder aquisitivo.

Podemos dizer que essa visão sobre os torcedores organizados é generalizada? Porque eles os comparam a marginais, mas não vão acompanhar de perto.

Então, torcida não tem a ver com marginalidade, né? Ali não tem só marginal. Existe apenas um grupo de pessoas que pode estar preparado para a violência, por ser algo prazeroso nesse sentido. Mas não é só na organizada, isso é de modo geral. A violência, então, também está presente nesses grupos, mas aí não tem nada a ver com criminalidade. Todas as classes sociais estão ali representadas. Por isso a violência ali não é uma questão de classe, é uma questão dos modos de produção cultural e simbólica desse movimento social.

E de que forma a gente pode associar os fatores socioeconômicos desses grupos com a violência?

As pesquisas com as quais eu trabalhei demonstram que, proporcionalmente, todas as classes sociais estão ali representadas e, quem pratica a violência, não é, necessariamente, o rapaz da periferia. Pude ver boletins de ocorrências e dados socioeconômicos mostrando que a maioria das pessoas que se envolveram em brigas era de classe média.

E sobre o Estatuto do Torcedor, você como ex-jogador, concorda?

A sociedade ainda está aprendendo a lidar com o torcedor, porque, até então, não havia uma preocupação específica com ele. As estruturas dos estádios de futebol, a preocupações com elas, ninguém passava nem perto. Ir a um estádio de futebol era um problema! Não tinha banheiro, espaço, todo mundo em pé, é uma loucura! Então, o estatuto até tenta possibilitar essas melhorias, mas a maneira como ele é conduzido é que precisa ser repensada, esse é o grande problema. Mas precisa ser repensado com todo mundo envolvido no futebol, né? Não só com quem pensa o futebol da perspectiva de reprimir a violência.

Existe alguma diferença entre as torcidas organizadas do Brasil e do exterior,?

Tem sim, cheguei a publicar dois capítulos sobre isso em um livro, onde eu proponho uma reflexão sobre as diferenças. Na realidade, torcidas organizadas nesses moldes só existe no Brasil. Têm regimento, estatuto, eleições, diretoria e toda uma característica burocrática que não existe em nenhum outro lugar, esse estilo militar é brasileiro. Tanto que a Gaviões da Fiel é a primeira que nasce dessa forma, nessa organização. Na Argentina não existe essa estrutura, é uma vinculação maior ao clube que às torcidas, aqui você tem Mancha ou Gaviões, lá não, é só a torcida do Boca.

Sobre os torcedores do São Paulo e do Corinthians, você vê alguma diferença?

Na organizada não vejo diferença nenhuma. A diferença é que o são-paulino vai para o estádio sempre com a certeza, é mais confiável, um pouco mais racional. Já os corintianos são muito mais passionais e presentes.

Como ex-jogador, você percebia alguma influência dentro de campo?

As torcidas inflamam o jogador, assim como ele também inflama a torcida. Às vezes pratica alguma violência dentro de campo e provoca a torcida, né? Mas essa violência, que antes existia no estádio e assusta todo mundo, agora, depois de um certo tempo, em especial nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, não acontece mais. O controle é maior. Mesmo assim, as torcidas organizadas são um balão inflável, um barril de pólvora.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO²⁰

As primeiras tentativas de entrevistar os responsáveis pela segurança dos estádios de futebol em São Paulo foram em julho de 2011. Por meio de ofício, telefonemas e e-mail, tentei o contato com o 2º Batalhão de Choque (Batalhão Anchieta), que me respondeu formalmente depois de alguns meses. Não houve nenhuma abertura para que eu pudesse conversar pessoalmente – ou até mesmo por telefone – com o comandante da Polícia Militar para obter mais esclarecimentos sobre o assunto. A resposta chegou pela porta-voz Natalia Giovanni, 2ª Ten. PM Oficial Relações Públicas com um tratamento bastante impessoal a todas as questões.

Todos os jogos têm policiamento, mas como é montado o esquema de segurança para clássico?

Para todos os jogos é feito uma reunião preparatória com todos os envolvidos no evento. Nos clássicos o efetivo empregado é maior.

Qual a preparação que a Polícia de SP recebe para tratar as torcidas organizadas? Há alguma orientação especial?

Existem algumas peculiaridades para os torcedores organizados, eles possuem carteirinha de identificação e entram por portões determinados.

²⁰ Entrevista concedida por e-mail em 3/08/2011

Como os policiais agem tendo que controlar as torcidas, uma vez que muitos também são apaixonados por seus times?

Todos os policiais trabalham com profissionalismo não deixando questões particulares influenciarem no horário de serviço, é claro que nos horários de folga muitos torcem por seus times.

São realizadas reuniões periódicas com representantes das torcidas? Como elas são?

Existem reuniões preparatórias para todos os jogos e é neste momento em que há o contato com os líderes das torcidas organizadas.

Existe uma opinião formada (consenso) da PM a respeito das torcidas organizadas?

Na opinião da Polícia Militar são cidadãos que se unem para torcerem por seus respectivos times.

Muitas vezes, a mídia retrata esses grupos como “quadrilha organizada” e acusa-os de envolvimento com crime. O que pensam a respeito?

Nós atuamos com imparcialidade, se eventualmente algum desses torcedores cometerem algum crime, será detido e encaminhado ao Distrito Policial.

Quais são as principais ocorrências em dias de clássicos?

A Polícia Militar trabalha ostensiva e preventivamente para coibir qualquer tipo de delito, lembrando que estamos sempre à disposição para sanar qualquer problema, no entanto devemos dar uma atenção maior a grande quantidade de ingressos falsos, e desentendimentos ocasionados pelo uso excessivo do álcool.

Como é tratada a segurança nos trajetos de ida e volta do estádio em dias de jogos?

Todas as torcidas organizadas, bem como as delegações dos times recebem escolta realizada pela ROCAM do 2ºBPChq.

No exterior, os torcedores que costumam provocar brigas são banidos das torcidas organizadas. Em sua opinião, no Brasil, se fosse adotada essa medida, ajudaria a diminuir casos desse tipo?

Cabe a Polícia Militar preservar e restabelecer a ordem pública. É válido ressaltar

que com a Lei Federal 12.299/10 (Novo Estatuto do Torcedor) esse tipo de conduta é crime que pode ser punido 1 a 3 anos de reclusão.

O contato com os representantes das torcidas é, em sua maioria, pacífico ou conflituoso?

Pacífico.

Existem muitas críticas sobre a maneira como a PM conduz sua intervenção em casos de brigas de torcida, inclusive alguns vídeos de agressão costumam cair na internet. Como se posiciona a respeito disso?

Todos os nossos policiais agem dentro da lei, observando sempre o uso escalonado da força, se eventualmente ocorrer algum abuso, existem mecanismos administrativos e penais para investigar e se for o caso punir o policial.

***CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS – CONATORG*²¹**

A CONATORG reúne as torcidas organizadas de diversos estados brasileiros e foi fundada em outubro de 2010, com decisão em Assembléia Geral realizada no auditório da CUT-DF (Central Única dos Trabalhadores do Distrito Federal). A reunião contou com 67 pessoas, entre presidentes, vice-presidentes e diretores de torcidas como Dragões da Real, Dragões Atleticanos-GO, Estopim da Fiel (p/ procuração), Facção Brasiliense, Fiel Força Tricolor do Botafogo-SP, Gaviões da Fiel, Independente, Jovem do Sport, Máfia Azul, Mancha Verde, Os Fanáticos e outras.

Por ser um fato recente e pouco divulgado na mídia, quando surgiu a ideia de desenvolver esse projeto, eu não tinha conhecimento a respeito da existência da Confederação – o que veio à tona recentemente, durante as manifestações contra o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira. Para entender o seu funcionamento e no que reflete sua criação, entrei em contato com Wildner de Paulo Rocha (Pulguinha), o presidente – e membro da Gaviões da Fiel – da CONATORG.

Como surgiu a ideia de formar a CONATORG, qual foi a necessidade?

Na época, o Ministério dos Esportes convidou as torcidas para alguns debates e,

²¹ Entrevista feita por telefone em 19/08/2011

nessa situação, as torcidas resolveram se organizar a nível nacional. A partir daí começou esse movimento com as grandes torcidas de todos os estados.

Houve alguma resistência por parte de alguns membros das torcidas ou foi tranquilo?

Foi uma experiência nova, né? Essa organização a nível nacional é mesmo um processo novo, e ainda existem mais de 30 torcidas nesse processo de filiação. Mas precisamos atingir outras torcidas, porque em muitas no Brasil todo, né? Então, inicialmente, tem gente que tá conhecendo a ideia ainda, participou de algumas reuniões, mas em alguns estados a gente ainda tem que apresentar todo o grupo da Confederação.

E qual é a maior dificuldade nesse movimento? Porque, às vezes, a gente precisa esquecer o lado torcedor, para poder ouvir o que a torcida tem a dizer. Você enxerga essa dificuldade como presidente?

Ah não, a gente não tem problema em fazer um diálogo, até porque a ideia da Confederação é que a gente, junto, passe para o torcedor o espírito da torcida organizada, a mudar as coisas que são interesses de todos né? Então, na verdade, não tem esse problema não, de conversar com os demais dirigentes.

E como vocês se mantêm financeiramente? Existe uma sede ou não?

Nossa sede vai ser aqui na capital, em São Paulo e, no momento a gente não tá tendo custo nenhum, as nossas viagens ou outras coisas que precisamos fazer, cada torcida banca da sua parte, a Mancha paga a sua, a Independente paga a sua, a Gaviões paga a sua e assim vai.

E como você acha que os clubes estão vendo essa movimentação de vocês? De certa forma, a violência que é retratada acaba sendo um pouco combatida, né?

Bom, há alguns meses eles já têm conhecimento da nossa organização, a gente até já realizou um encontro para torcedor em junho, em Brasília, e os dirigentes também estavam lá. Então, eles sabem que a gente quer se organizar em benefício do torcedor, né? Acho que eles apoiam, mas eu não tenho a posição de vários. No caso do Corinthians, apoiou a iniciativa, até porque, o debate que a gente fez, contribui no processo para formar uma série de coisas que eles estão fazendo. Por exemplo, o Corinthians já tem esse costume de ouvir as torcidas organizadas para fazer qualquer mudança em relação aos jogos do Corinthians.

Acompanhando esses encontros que você falou, dá pra ver alguma diferença na relação da Gaviões com o seu clube e da Independente com o São Paulo?

A gente tem um acesso histórico no clube, né? A gente faz visita constantemente, a gente sempre é convocado para alguma conversa, como também o clube tem um espaço aqui. E essa relação dos Gaviões com o Corinthians é mais dinâmica, mas eu não tenho conhecimento das outras torcidas, não posso falar por elas, mas deve ter alguma dificuldade sim.

A CONATORG ganhou espaço na mídia, recentemente, devido à manifestação que vocês fizeram contra o Ricardo Teixeira. Dá pra considerar a Confederação como uma movimentação política também? Já que foi uma manifestação nacional, né?

O nosso caráter é de organização coletiva, não deixa de ter um caráter político, nós estamos brigando por algo. Mas o Ricardo Teixeira foi uma bandeira que nós escolhemos por ser sinônimo de corrupção no futebol brasileiro, um mandatário do futebol.

Vocês ainda estão começando, a CONATORG tem apenas um ano. O que está sendo planejado pro futuro, pra buscar um reconhecimento maior?

A gente tem essa preocupação mesmo, a gente quer brigar pelos direitos da torcida organizada e contribuir com um trabalho de prevenção da violência, né? Por enquanto, a gente tá atuando nas entrelinhas, fizemos alguns seminários lá em Brasília, sobre o Estatuto do Torcedor e outras questões que a gente tá encaminhando pro Ministério dos Esportes, também estamos contribuindo com outras organizações de vários estados, para rever essa relação de convivência. A gente também tá tendo um apoio da Promotoria para alguns planos de ação contra a violência, como a gente fez em Goiânia, Ceará, Santa Catarina, pra todo um trabalho com o policiamento.

Será que essas ações vão conseguir mudar a cobertura generalizada que a mídia faz das torcidas organizadas? De que tudo é violência?

Pra mim ficam muito claros os motivos porque a mídia se posiciona dessa forma sobre as torcidas, mas o nosso objetivo maior é lutar pelos nossos direitos. A organização do futebol brasileiro é falha e, na verdade, existe um problema motivado pela diversidade entre as torcidas e a gente quer fazer alguma coisa. A gente não trata o problema como outros setores tratam, criando uma série de leis,

regulamentando na imposição, mas tem todo um processo a mais a fazer né? É uma dimensão muito maior, não dá pra banir as torcidas do estádio e achar que vai controlar o problema!

RODRIGO BRAGHETTO²²

Rodrigo Braghetto, de 36 anos, é graduado em Educação Física e Administração de Empresas. Atua como árbitro há 15 anos e foi escolhido para a entrevista por ter apitado a última partida entre São Paulo e Corinthians pelo Campeonato Brasileiro, quando o time do Morumbi foi derrotado por cinco a zero.

Você acompanha o jogo lá do meio. Como você vê a atuação das torcidas? De que forma elas influenciam o seu trabalho?

Eu sempre falei isso: quanto mais cheio o estádio, para mim, como árbitro, é melhor. Entro num estádio que tem pouca torcida e a motivação não é igual. Recentemente, apitei Corinthians e São Paulo²³, o cinco a zero. Só de você entrar no campo pra fazer o aquecimento e ver o estádio quase lotado já é uma motivação a mais. Então, pra mim, a torcida também é uma motivação para o árbitro em termos de exigência: vai ter mais gente te assistindo, vai ter mais gente te cobrando. Em termos de pressão, não. Eu até brinco que, quando acontece um lance que a gente marca ou não e a torcida fica em cima, xinga, “hei, juiz..”, eu até corro mais, tá todo mundo olhando pra mim, mas que vá me dar uma pressão.

Já aconteceu de alguma organizada ir atrás de você depois de algum jogo, tanto para xingar, ou pela internet?

Eu era quarto árbitro no jogo Santos e Corinthians, se não me engano em 2005, naquele período em que tivemos o problema com o Edílson Pereira de Carvalho²⁴. Esse jogo tinha sido remarcado; os dois times já tinham jogado, só que esse

²² Entrevista concedida pessoalmente na sede do Sindicato dos Árbitros de São Paulo em 18/07/2011

²³ Braghetto se refere à partida válida pelo primeiro turno do Campeonato Brasileiro de 2011

²⁴ Ex-árbitro de futebol, foi principal personagem da Máfia do Apito, em 2005, sendo acusado de receber entre dez e quinze mil reais por cada jogo que apitava. O fato levou a Confederação Brasileira de Futebol a anular e remarcar onze partidas arbitradas por ele. Edílson foi suspenso em dezembro de 2005 e, posteriormente, banido do futebol.

foi um dos jogos suspeitos. O árbitro era o Cléber Abade e o Santos tinha ganho do Corinthians. Só que, nesse jogo remarcado, o Corinthians ganhou do Santos, com um lance de pênalti a favor. Faltavam cinco minutos pra acabar o jogo e um jogador, o Giovanni, antes de dar saída, já chuta a bola pra fora do estádio e a torcida invade. Ali foi o momento mais difícil que passei com torcida organizada, porque a torcida começou a invadir de vários lugares e o policiamento tentando proteger a gente ali no meio. Graças a Deus conseguiram nos defender, tirar quem invadiu. A viatura do Choque conseguiu subir de Santos a São Paulo, porque eles falavam: “vai morrer, vai morrer”, coisa feia mesmo. Os torcedores que invadiram o campo foram presos e levados pra uma sala da Polícia Militar. A Polícia queria que a gente reconhecesse porque um deles deu um chute que pegou de raspão no árbitro, no Abade. E eu só falava: “cara, não dá pra reconhecer, não reconhece ninguém, por favor”.

E o que você acha que motiva uma pessoa, um torcedor, a agir assim? É amor ao time, raiva do outro, do árbitro?

Não. Ali foram dois motivos. Um é a rivalidade que existe entre Santos e Corinthians, que hoje é uma rivalidade gigantesca. O outro é o fato de o jogo ter sido remarcado; teve aquela suspeita de o jogo ter sido roubado e o Santos tinha ganho. E aí um suposto pênalti para o Corinthians que complicou tudo. Foi pênalti, mas foi um lance muito difícil. Eles acharam que não podia acontecer.

Dentro do campo, como você acha que os jogadores são influenciados? Eles sentem essa força da torcida ou conseguem ficar meio à parte quando estão em campo?

Influencia sim. Por exemplo, no jogo entre Corinthians e São Paulo, tava cinco a zero. Faltando ainda uns 20 minutos pra acabar, a torcida gritando “olé”, os jogadores tocavam a bola mais que o normal pra entrar naquele olê da torcida e humilhar o adversário. Aí a gente como árbitro tem que tomar muito cuidado, porque dali pra ser um tumulto generalizado entre jogadores e ir pra torcida é um minuto. Então, eu me aproximava dos jogadores e falava pra jogarem bola, jogar objetivo, pro gol, sem ficar enrolando. A gente sente também, quando um time tá perdendo, e aí de fato uma torcida que chama muito a atenção é a do Corinthians, eu nunca vi uma torcida que grita tanto quando um time gol. Isso é um diferencial, eu não vejo nenhuma outra torcida, em nenhum dos jogos que apitei, que faça isso.

Como você o trabalho da Polícia em São Paulo? Ela é bem preparada para lidar com os torcedores?

A segurança que a Polícia dá a nós, árbitros, é fantástica. Até digo às pessoas que nós estamos mais seguros do que qualquer pessoa que participe do evento. Depois a gente percebe também o tanto que a Polícia se prepara para um grande jogo: faz reuniões com os líderes de torcida e em alguns casos, até nesse Corinthians e São Paulo que tô falando, a gente foi fazer a volta no Pacaembu pra chegar até o vestiário, e a parte de cima onde tinha divisão da torcida mesmo, da rua, tava fechada com tapume, pra uma torcida nem ver a outra. Pra gente passar, tinha que passar na divisória, falar que éramos os árbitros e então permitiam que a gente passasse.

Há alguma organizada que você classificaria como a mais violenta, mais exacerbada?

Olha, aqui em São Paulo, dos quatro times grandes, não sinto esse tipo de agressividade, de violência. Antes de começar a apitar, eu ia a estádios, frequentava mesmo. De fato, a Independente sempre foi uma torcida que eu tive um pouco de medo por utilização de bombas, como em um jogo que eu estava agora, São Paulo e Santos, pela semifinal do Campeonato Paulista. O São Paulo tava perdendo por dois a zero e jogaram uma bomba, do meio da torcida do São Paulo pra torcida do Santos. A gente via pessoas com as mãos no ouvido, passando mal porque a bomba estourou no meio da torcida. Como eles fazem isso eu não sei. Então, citando esses lances, a do São Paulo se destaca por esse artifício. Outra torcida que a gente fala que é chata é a da Ponte Preta, que é bem fanática. Dos times do interior, a torcida da Ponte é a mais fanática e também um pouco violenta. Acho que até porque na época eles tinham a sede da torcida organizada na frente do estádio, na frente do nosso vestiário. A gente tem umas passagens de chacoalharem o carro, esse tipo de coisa.

Dá pra ver a diferença da atuação da torcida em dias de clássicos e dias de jogos mais tranquilos?

Sim, pela própria quantidade de torcedores. A rivalidade que a imprensa faz durante a semana, passa todos os dias lembrando o histórico da partida, resultados e geralmente situações ruins, estimulando isso. A torcida durante um clássico canta mais. A gente percebe quando uma torcida tá cantando hoje, que a maior parte é do time mandante. Quando a visitante começa a gritar, a outra começa a cantar pra cobrir o grito da torcida adversária. Aí dá pra perceber também.

Você falou que a mídia passa a semana inteira mostrando algumas situações. De certa, ela influencia nessa rivalidade, aumentando esse sentimento?

Sim, aumenta! Até o que fizeram recentemente no Campeonato Paulista, com o Paulo Cesar de Oliveira²⁵, no jogo Palmeiras e Corinthians. Começaram a dizer que o sorteio é marmelada e criaram todo um clima em cima da arbitragem. Consequentemente, começaram a buscar jogos que o Paulo Cesar já fez. Por já ter feito muitos jogos dos times grandes, é natural que apareça mais lances polêmicos. Foram buscar todos os lances polêmicos que ele já teve contra o Palmeiras, tanto que o jogo teve expulsões e foi muito difícil de ser apitado, tudo pelo clima criado pela mídia.

Conversando com algumas torcedoras do São Paulo, elas falaram que, quando um time quer, ele derruba um técnico. Em sua opinião, a torcida também ajuda?

De fato, quando uma torcida começa a pegar no pé de um treinador, chamando de burro, essas coisas que eles gritam, eu sinto que vão derrubar o cara. A pressão é muito grande. Difícilmente ele passa a seguir no comando do time.

Você acha que se houvesse um diálogo melhor entre as organizadas e os clubes a situação poderia ser diferente, evitando esse tipo de situação e até mesmo confrontos?

Não, não acredito. Não acredito porque os torcedores são fanáticos, são torcedores desde pequenos e dizem que só querem o bem do clube, mas não sabem a dificuldade que é. Eles acham que é fácil tocar um elenco e lidar com 35 homens, entre jogadores e comissão técnica. “Tira um, põe outro”, não é assim. Às vezes um jogador que você mexe altera o time inteiro. Eles não têm essa noção, acham que tem que jogar e não ficar de palhaçada. Pra eles é tudo festa. Eu não acredito que isso vá melhorar, não. O torcedor não tem preparo pra aceitar e apoiar.

Alguns torcedores mais antigos acreditavam nessa relação mais fácil entre diretoria e a torcida, alegando que isso está mais difícil pro causa das drogas

²⁵ Árbitro do quadro da FIFA. O Jornal da Tarde antecipou que ele apitaria o clássico entre Palmeiras e Corinthians, pela semifinal do Campeonato Paulista de 2011. A equipe alviverde já tentou barrá-lo por acusá-lo de influenciar resultados de jogos e não queria que ele fosse o árbitro da partida. A FPF, porém, disse que o sorteio não havia sido realizado ainda e que, como o fato não passou de coincidência, Paulo Cesar continuou escalado para a partida.

e de outras coisas que se envolveram e estão dentro das torcidas organizadas.

O que você pensa sobre isso?

Quando eu falo despreparo não é só no conhecimento sobre futebol, como administração. É nítido, não tem uma formação de caráter, de disciplina, de educação. É capaz do cara sentar com o presidente do clube e bater na mesa, “o que nós queremos é isso, isso e isso”. Não é assim! Eu não vejo um presidente de clube dando satisfação pra um presidente de torcida e o cara aceitar. Eu acho que se houvesse esse diálogo, ia ter que fazer tudo o que os caras querem. A partir do momento em que você falar que não vai fazer já vai dar briga. E é óbvio, essa parte que é difícil de a gente falar: o uso de drogas. O cara vai alterado e não tem como. O policial não vai falar: “olha, só vem conversar comigo quando você não estiver bêbado”.

Você conseguiu perceber algum tipo de diferença ou semelhanças entre as duas torcidas, a Gaviões e a Independente no jogo que apitou recentemente?

Não, até porque nesses jogos têm uma diferença muito de torcida, né, por causa da disponibilidade de ingressos. Eu cheguei a frequentar estádio, na época em que eu era torcedor, em que a gente tentava dividir o estádio metade e metade, pra torcida não ficar com um bloco menor e ser piada no outro dia. Hoje, como é já obrigado o cara a ficar ali no cantinho, não dá pra você medir. Quando eu ia, a gente media isso, quem levava mais gente, mais fogos, mais bandeiras, quem tinha mais cantos. Hoje você sente uma torcida que grita mais alto e uma que grita mais baixo porque tá em menor quantidade.

Você sente falta da época de torcedor? Porque você comentou que sente falta de ter essa visão...

Não que eu sinta falta, eu gosto de lembrar. Quando eu ia no estádio, acordava de manhã e ficava naquele clima, se não ganhasse o pessoal ia encher o meu saco. Desse friozinho na barriga que um clássico proporciona eu sinto. Até em um dos projetos nossos eu estava conversando com um professor e ele estava comentando que nunca tinha ido num clássico, que tinha medo. Ele é palmeirense. Ele ficava: “pô, cara é outra energia, muito legal!”. Isso é uma energia legal, isso sim. Torcer mesmo, não.

Você tem algum amigo que faz parte de alguma organizada?

Tenho, tenho sim. Eu sou diretor-fundador de uma ONG e o presidente do

nosso instituto é da diretoria da Gaviões da Fiel. Um jogo que apitei acho que em 2008, Palmeiras e Corinthians, ele tava no estádio e diz que me xingou! E eu até brinco, falo que um percentual do ingresso é pra xingar o juiz. Você paga o ingresso e extravasa, descarrega toda a raiva do seu chefe durante a semana no árbitro. É assim que a gente aprende. As pessoas xingam o juiz como uma forma de participar do evento. Eu brinco muito com esse pessoal de organizada, que é fanático e tal. E quando eles brincam comigo eu brinco também. “Pô, pra ficar perfeito, além dos cinco, só falava expulsar o Rogério Ceni!”. Aí, não adianta, tem que brincar também, falar que sabia que ele ia tomar tantos gols e um frango, e o cara ri.

CEL. MARINHO²⁶

O Tenente-Coronel Marcos Cabral Marinho de Moura (Coronel Marinho) é chefe da arbitragem de São Paulo desde 2005 e membro efetivo da Comissão Nacional de Prevenção da Violência para a Segurança dos Espetáculos Esportivos. É também um dos responsáveis pelo cadastramento de torcedores organizados. Entre 1988 e 2005 também trabalhou no 2o Batalhão de Polícia de Choque, sendo o responsável pelo policiamento em espetáculos públicos na cidade de São Paulo.

Como árbitro, dentro de campo, de que forma o senhor vê a atuação das torcidas? De que maneira elas influenciam o trabalho do árbitro?

As torcidas em geral agem com pressão para que o árbitro beneficie sua equipe. Mas você trabalha o lado da imparcialidade e do psicológico pra agüentar esse tipo de pressão. Eles não são intimidados e não levam isso em consideração. O que eles vêem dentro do campo é o cumprimento da regra, doa a quem doer.

E para os jogadores, essa questão da pressão é a mesma coisa ou é diferente, em sua opinião?

Lá o relacionamento é diferente. Há um envolvimento maior da torcida com o clube e uma cobrança muito maior com os atletas, com os técnicos e com os próprios dirigentes, principalmente nas torcidas organizadas, que são torcidas com um grande poder. Elas realmente influenciam e, dependendo da situação, ela realmente interfere.

²⁶ Entrevista realizada por telefone em 17/08/2011

O senhor comentou sobre os dirigentes. De que forma o senhor acha que a diretoria reage à torcida? Elas são mais abertas ou mais fechadas a esse tipo de grupo?

O que acontece, por exemplo, no Corinthians: você tem o Andres²⁷, que inclusive vem da torcida organizada, que frequentou a Gaviões, então eles têm um diálogo mais aberto; ele aceita algumas ponderações, explica seu lado de dirigente. É um relacionamento até que sadio. No Palmeiras, por exemplo, Mustafa Contursi²⁸ praticamente cortou relações com a Mancha Alviverde. Então vai muito da postura do dirigente e a forma como a torcida também cobra. Se for uma forma muito violenta, não tem diálogo, você estremece a relação entre eles.

O senhor é chefe de arbitragem. Como é o treinamento recebido para lidar com as torcidas?

Os árbitros passam por preparo psicológico, técnico e físico e não se intimidam em relação a qualquer torcida, de times grandes ou pequenos. Eles são conscientizados e preparados para que entrem em campo e façam o melhor trabalho em relação à aplicação da regra do jogo. Eles não cedem a pressões. A gente tem um preparo pra que eles sejam realmente imparciais. E eles são observados.

O senhor comentou sobre diversos incidentes envolvendo os grupos organizados. É possível identificar a origem da violência dentro das torcidas?

Eles têm aquela posição de torcedores fiéis, fanáticos, agem em grupo, daqueles que acompanham o time onde ele for. Você tem que saber lidar com eles e administrar isso. No caso dos dirigentes, é conversar, perguntar, explicar a situação, porque eles acham que o time é deles. Eles têm que saber que não é assim, às vezes até chamando a Polícia para que possa evitar esse tipo de situação.

Dentro desse contexto, o que é mais difícil no tratamento com os torcedores?

São pessoas que tem intolerância com outros grupos de torcidas, com a situação, não entendem que o time cai ou que o jogador está em má fase.

²⁷ Andrés Navarro Sánchez, atual presidente do Corinthians

²⁸ Mustafá Contursi Goffar Majzoub, dirigente de futebol, presidente do Palmeiras entre 1993 e 2005.

Quando temos algum jogo considerado clássico, passamos a semana toda submetidos a imagens e dados que acirram a rivalidade entre os clubes e, consequentemente, as torcidas. Como o senhor enxerga a cobertura que a mídia faz sobre esporte e especialmente esse tema?

Infelizmente a mídia faz questão de exacerbar essa realidade que existe. É um “des-serviço” que a imprensa faz aqui no Brasil. Nós temos na Inglaterra uma situação completamente diferente, em que houve um pacto com as autoridades e a imprensa para que não mostrassem lances de violência entre as torcidas, para não promover isso. Aqui você tem uma briga em um estádio, por exemplo, e no dia seguinte você vai entrevistar o presidente da torcida, dá visão a eles. Lá na Inglaterra não acontece isso, nem a briga é mostrada; é mostrada a pessoa quando ela é procurada. Eu acho que o que mídia faz não contribui em nada no combate à violência que a gente tem. Leis, Estatuto do Torcedor, ações na área preventiva, reuniões, isso tudo é feito aqui. Nós temos o cadastramento de torcidas. Existe um controle muito maior por parte do Ministério Público e uma conscientização muito maior das lideranças em relação ao que é o trabalho deles; nesse trabalho da segurança eles são corresponsáveis, nós não isolamos eles da discussão. Todas as torcidas hoje têm estatutos, são entidades organizadas.

O senhor comentou sobre o Estatuto do Torcedor. Alguns membros de torcidas o consideram uma forma de repressão. De que forma o Estatuto pode mudar a realidade das organizadas?

Quando você tem uma doença, você precisa dar um remédio para que ela seja controlada. A violência e a impunidade fizeram com que as autoridades adotassem novas leis. Aí surgiu o Estatuto do Torcedor, com novos tipos penais, próprios ao que acontece no futebol. Tudo o que é considerado fora da lei hoje é processado e condenado. Não há outra forma de controlar a violência a não ser com punição. Com o advento do Estatuto do Torcedor e o agravamento das penas, nós temos aí uma preocupação maior com os torcedores e com as torcidas, porque as torcidas organizadas são responsáveis pelos seus membros. Hoje ela pode ser punida ou fechada. É uma forma de pressionar para que eles tenham o comportamento adequado que a sociedade quer deles: educação, respeito, tolerância. Você não vê mais aquelas grandes brigas que a gente via no passado, com mortes. É um resultado disso aí, uma nova legislação e trabalho de prevenção.

Podemos dizer, então, que o Estatuto do Torcedor já apresenta resultados?

Com certeza. Do que era antes, com o controle só da Polícia Militar, pro que temos hoje, a coisa mudou. Na verdade, antes você isolava as torcidas e pra eles era assim: “como não temos compromisso nenhum, vamos fazer o que a gente acha que é certo e ver no que dá”. Quando começamos a envolvê-los nesse trabalho da segurança, a coisa mudou de figura. Eles sentem essa responsabilidade e, como não querem perder o nome da torcida, têm que valorizar a entidade. Houve uma mudança de conceito em relação à abordagem do assunto. A mudança foi: envolver eles na conversa.

Há integrantes de grupos organizados que afirmam não terem voz nas reuniões realizadas com o Ministério Público e que apenas aceitam vontades impostas. Qual é a sua opinião sobre isso?

Eles querem uma série de coisas dentro do estádio: objetos, bandeiras, mastros, coisas que no passado era usadas como instrumentos de agressão. Eles têm que demonstrar que as coisas mudaram. À medida que as coisas mudaram, a sociedade vai concedendo outras coisas pra eles. No momento, a sociedade tá na expectativa. Será que as coisas mudaram? Será que merecem mesmo essa confiança? A gente ouve, dá conselhos, fala pra eles o que tem que ser feito. Então tem que mudar. Talvez a gente tenha que repensar algumas coisas, no sentido de que a festa volte mais sadia. Tem que demonstrar que merecem e convencer a sociedade.

Muitos torcedores, tanto comuns como membros de organizadas, falam sobre a dificuldade em conseguir ingressos diminui a beleza do espetáculo que é o futebol. De que forma vocês pensam em melhorar essa questão?

Precisamos modernizar os estádios. Os nossos estádios são ultrapassados em termos de concepção, de segurança. Precisamos de mais entradas, portões, mais acessos a cadeiras, todos encadeirados, que é uma coisa fundamental investir para que as pessoas se sentem no lugar certo. Temos hoje uma série de possibilidades, até não vender ingressos na porta do estádio. Temos um trabalho internacional no Corinthians, no Santos, que é o sócio-torcedor, aquele que é o sócio fiel. Quem é fiel ao seu clube, que vai a muitas partidas, tem prioridade na venda de ingressos. É uma forma de mudança no conceito de venda de ingressos: sem bilheteria, sem confusão, a pessoa procura na internet. Existe uma série de coisas pra você melhorar o atendimento ao torcedor. Eu acho que nós estamos nesse caminho; há clubes que já aderiram essa estratégia e acho que esse é o caminho.

Não desgasta torcedor, dirigente, autoridades. É uma coisa positiva pra todos e melhor pro produto futebol.

O sócio-torcedor é uma pessoa que tem que ser fiel, com possibilidade econômica de consumir bastante ingresso. Essa medida não pode levar à elitização do esporte, segregando uma parte da população que não conseguiria comprar via internet?

Isso é uma grande discussão, tá. É uma coisa que realmente tá na pauta, mas hoje os clubes têm bastante despesa e não vivem sem que as receitas sejam atreladas ao produto futebol de forma diferente. Aconteceu isso na Europa; o futebol lá se elitizou porque é caro fazê-lo. Aqui, o governo exige na Constituição que um dos direitos do povo seja o lazer, com o futebol embutido nisso; então, teria que ajudar o futebol, com menos impostos, por exemplo. Sozinho, o futebol não consegue sobreviver. Uma coisa tá ligada à outra: quando você tem um produto, há quem queira ter seu nome vinculado a ele. Quando você não tem um bom produto, quem vai querer reformar um estádio? Quem vai manter os jogadores, o espetáculo? Uma coisa chama a outra. Acho que nós temos que partir pra uma discussão mais ampla com todo mundo, com toda a sociedade.

Outra questão levantada ao longo da nossa entrevistada refere-se à segurança. O senhor acha que a Polícia de São Paulo é bem preparada?

Eu acho que sim, se adaptando a essa situação nova. O que acontecia antes: pra fazer com que as pessoas fossem punidas, você usava outras formas de violência, como o cassetete. Você punia ali o cara, porque sabia que não adiantava pegar ali a pessoa e levar pra uma delegacia; não ia acontecer nada. Hoje, temos formas de punir e responsabilizar as pessoas, proibir que elas entrem no estádio por um determinado período. É outra visão, mais prevenção; câmeras, monitoramento, trabalho de inteligência. A Copa tá aí, trazendo uma nova concepção pra segurança. O torcedor nosso, infelizmente, ainda não é educado. Ele não aceita sentar no lugar, a torcida organizada tem que ficar de pé. Por que tem que sentar? Pra eles não, tem que ficar de pé pra ficar mais próximo e tal. Então você tem que se adequar, ensinar, disciplinar. Eles não querem sentar? Então vamos achar um cantinho pra eles ficarem de pé. Mas 90% do estádio quer ficar sentado e quer ver o espetáculo dessa forma, entendeu?

O senhor comentou sobre a utilização de cassetetes e outra coisa que escutei bastante quando estava com os membros de organizadas é que muitas vezes há agressão gratuita por eles andarem com roupas da torcida e situações semelhantes. Como o senhor se posiciona a respeito disso?

Eles têm razão sim porque, como disse, existia uma coisa no passado. A Polícia tinha que interferir, agia do jeito dela. No momento em que você conscientiza o policial e cobra que ele tem que prender mais do que bater, a coisa é melhor pra todo mundo pra todo mundo, até pra ele, que não vai se envolver em processo. Isso é um trabalho de conscientização, de educação. Não é da noite para o dia que a gente vai mudar, mas vai com o tempo, com novas ações. Hoje, por exemplo, a Polícia usa câmeras, tanto a favor dela como contra ela. Quando a câmera filma ela batendo em alguém, tá errado. Tem que prender, não ficar batendo. Não sei se você sabe, mas na Polícia Militar todas as viaturas vão ter câmeras, vão filmar tudo; então o policial vai ficar sendo vigiado constantemente. Então você vê, vai ter que mudar de postura. Ele vai forçosamente mudar de postura e vai ver que é o melhor

É muito comum a gente ver a mídia misturando torcedores organizados com quadrilhas organizadas. Em sua opinião, por que isso acontece?

Eu acho que existem jornalistas preconceituosos. Há torcedores radicais, como também há jornalistas radicais. Precisam crescer também, ver o que eles fazem. Realmente tem problemas? Sim, temos problemas, mas precisamos discutir, não ficar radicalizando discursos. A imprensa também precisa participar mais ativamente; ela não participa desse tipo de discussão. Nessas reuniões que nós temos lá no Batalhão de Choque, quase ninguém comparece. É muito mais fácil ficar apontando desgraça, que dá ibope, do que você tentar mudar as coisas. E não é que eles não são convidados, porque diversas vezes a gente convidava, mas eles não têm interesse. Uma vez ou outra, em final de campeonato, vale a pena. Mas um trabalho de envolvimento mesmo, pra mudar o status da coisa, ninguém tem não. E fica complicado porque eles formam opinião, né? Eles têm um papel fundamental na educação das pessoas.

O senhor foi do Batalhão de Choque e é chefe de arbitragem. Ainda assim, há como ter um time?

Eu tenho simpatia por um time, não te dizer qual porque a sociedade ainda não tá preparada pra esse tipo de coisa. Mas eu tenho, brinco com meus ami-

gos, em casa por exemplo tem uma corintiana, uma são-paulina, uma enteada que é palmeirense roxa. É tudo brincadeira, é gozação lá. Eu não choro por time nenhum, não fico me matando. Posso morrer por outra coisa, mas por time...não!

SÉRGIO RIZZO²⁹

É jornalista graduado (1986) pela Universidade Metodista de São Paulo e concluiu seu mestrado em Artes/Cinema (1994) pela Escola de Comunicação de Artes da Universidade de São, onde também fez o doutorado em Meios e Processos Audiovisuais (2011). Já atuou em redações de revistas, emissoras de rádio, TV e portais na internet. Mantém uma relação próxima com o tema e é corintiano.

Em sua opinião, quando as torcidas se tornaram mais violentas?

As torcidas ficavam próximas num estádio e não acontecia nada. Você podia comemorar um gol perto do seu adversário que não tinha problema nenhum. Parece estranho, mas era assim. Tenho impressão que isso mudou no final dos anos 70, começo dos anos 80, quando, não sei se a Federação Paulista, ou a Polícia Militar, ou os dois, decidiram separar as torcidas nos estádios. Em paralelo a isso, as organizadas ganharam ainda mais força, viraram agremiações que tem atuação em outros campos, como, por exemplo, o carnaval. Elas se tornaram clubes paralelos ligados aos clubes. A formação desses grupos atrai gente que não necessariamente quer a grandeza de seu time, mas é a mesma motivação que leva jovens a fazerem parte de um grupo de skinheads, as tribos mais variadas: uma afirmação da identidade. Muitas vezes, nas torcidas organizadas, a afirmação de uma identidade se dá pela negação da identidade do outro; assim, o outro tem que ser combatido, estando na própria torcida ou em uma adversária. Não dá pra estudar esse assunto desvinculado do que aconteceu no cenário social das grandes cidades brasileiras nos últimos 30 anos. Há uma deterioração das relações que não é algo à parte. Se as torcidas cometem coisas que são condenáveis é porque elas não são punidas como deveriam. E isso não é um problema do futebol, mas um problema da sociedade brasileira.

²⁹ Entrevista feita por telefone em 09/09/2011

Já que o senhor mencionou a questão da identidade, dá pra dizer que porque muitos membros de organizadas são de classes mais baixas e acabam sofrendo a questão do preconceito, levam para os estádios a questão da violência?

Não podemos generalizar, jamais, mas as organizadas carregam um pouco desse espírito de revolta social. Quando um time é desclassificado e parte da torcida tenta derrubar o alambrado, agredindo um patrimônio, achando que pode agredir outras pessoas, isso não tem a ver com futebol. É só um campeonato. Alguém que chega esse ponto está usando o esporte pra canalizar algum tipo de frustração. A maior parte das torcidas é formada de apaixonados pelo time, mas acaba atraindo pessoas que não pensam do mesmo modo. Você olha pro gramado e vê mais do que 22 jogadores, vê os responsáveis pela vitória da sua vida. Uma frustração dupla.

Com base nisso, o indivíduo age mais por ele, por vontades próprias, ou acaba motivado por um conjunto, tanto para cantar pelo time como para agredir outras pessoas?

Isso já foi muito discutido na Sociologia e é aplicado nas torcidas organizadas também no que acontece dentro e fora dos estádios, porque a maioria dos casos de violência acontece fora. Quando 20 integrantes de um grupo combinam de enfrentar outro grupo, a gente tá falando de gangues de ruas. Atualmente, essas gangues usam uniforme de alguma torcida, associada a um clube. Podia usar qualquer outra indumentária e estar agregados em torno de qualquer outro objetivo. E com certeza, a dinâmica de ação nesses casos é diferente da atitude de um indivíduo solitário.

De acordo com o Coronel Marinho, que já foi do Batalhão de Choque e hoje é chefe de arbitragem, uma das hipóteses cogitadas para diminuir a violência é elitizar o esporte e permitir vendas pela internet. Qual é a sua opinião sobre isso? A medida pode resolver ou é só uma forma de segregar a população?

Essa estratégia não me parece ser a mais razoável. Você finge que o problema não existe, tira aquilo que te faz lembrar. Essa história de elitização me faz lembrar os europeus, os hooligans, radicais. Eles não entram nos estádios, mas continuam fazendo arruaça nas ruas. Os ingleses não registram quase nenhuma ocorrência séria nos estádios, mas os enfrentamentos ainda acontecem. A gente fala de uma coisa específica, a segurança de quem vai ao estádio. Limitando, às vezes, você consegue, mas minhas experiências mostram que o problema não está lá dentro.

Se não me falha a memória, a final do Campeonato Brasileiro de 1995 não tinha divisão entre as torcidas e não me lembro de ter acontecido nenhum enfrentamento mortal. Eu preferiria que existisse punição, como nunca mais você poder assistir a um jogo do seu time no estádio, como é na Inglaterra. Agora, se o cara quebra o alambrado e na semana seguinte tá no clube e a diretoria o recebe para conversar, aí há um problema. Fora que a elitização não acontece porque a PM pediu, mas é porque os clubes querem gerar mais renda.

É um jeito de pensar no clube e no jogador, não no torcedor, então?

Isso. Você supor que um modelo de futebol que afaste torcedores da classe C e D é inventar um novo futebol no país, comprometendo inclusive a identificação do torcedor com o clube. É uma particularidade do esporte no Brasil.

O senhor comentou bastante a segurança. A Polícia paulista é bem preparada para lidar com os torcedores, tanto nos preparativos dos jogos como durante e depois das partidas?

Gosto de destacar que nem o futebol e nem a Polícia são fenômenos isolados. A Polícia é mal remunerada e mal preparada. Não é uma condenação, mas um reconhecimento de que eles merecem coisas melhores, equipamentos, acesso a cursos. Esse despreparo reflete a falta de importância que a sociedade dá à Polícia brasileira. Nunca estiver perto de fazer nada e já levei bordoadas, já tive cavalo jogado contra mim. Imagino o que acontece com quem vai a estádio mais do que eu vou e se envolve em coisas mais sérias. Claro que há oficiais preparados e conscientes, mas tem gente que não sabe direito desempenhar sua função.

Conversando com membros de torcidas organizadas, eles comentaram são feitas reuniões com o Ministério Público e com a Polícia para decidir detalhes sobre a partida, como rotas que cada torcida vai seguir no dia do jogo. Além disso, eles afirmam que são feitas reuniões com os novos membros, para que passem instruções sobre o funcionamento do grupo. Essas atitudes podem colaborar para que as torcidas consigam uma imagem positiva?

Mudar a imagem é uma coisa bem complicada, porque a imagem que nós projetamos pode não ser a que outros veem; não é do nosso inteiro controle. Ela pode se esforçar para combater o que ela considerar negativo sobre si. As conversas beneficiam todo mundo, não é exclusividade delas. E isso não impede que incidentes sejam registrados em estações de metrô, por exemplo. São coisas que fogem do controle das torcidas organizadas. Não tem como garantir que eles vão

controlar seus membros. Podem instruir, mas não é um problema das torcidas; é um problema de agrupamento humano. Não tem como um pai garantir que todos os seus filhos vão se comportar da mesma forma. Você tem que identificar, entender e punir quem é o cara. Ele pode só estar escondido sob uma roupa. É uma mania que a sociedade brasileira tem, de querer achar remédio para uma doença que ela não sabe direito qual é. A impressão que eu tenho é que no caso do futebol, nós nem sabemos direito qual é a doença. Às vezes a gente acerta um remédio ou outro, por sorte, não por haver um diagnóstico que levasse ao cerne do problema.

O senhor acha que o Estatuto do Torcedor acaba sendo uma dessas tentativas, mas que deveria tomar cuidado com alguns pontos que acabam deixando de lado? Por exemplo, todo membro de organizado deve ser cadastrado, mas há fiscalização para saber se isso acontece?

No papel, o Estatuto é lindo, um passo adiante para solucionar alguns problemas. Em tese é assim. Na prática, ele não funciona como deveria. E relembro, o futebol está dentro da sociedade brasileira. Um membro que está sem carteirinha e usa a do amigo está fazendo a mesma coisa que ela pessoa que falsifica carteirinha de estudante para pagar meia-entrada no cinema. Qualquer um sabe até onde ir. Do mesmo jeito que você não prende alguém por falsidade ideológica por causa de entrar no cinema, você não prende o cara da torcida que entra com cadastro de outra pessoa. É a mesma situação e que remonta à mesma situação: Justiça. Depredar um carro sempre é depredar um carro, esteja com a camisa de um time ou não.



Em frente à sede da Gaviões da Fiel, a ação do Departamento de Bandeiras



Ensaio para o Carnaval 2012



Ele parou para ver
a Gaviões treinar
a garganta



Chegando no Pacaembu para o jogo contra o Ceará



Cavalaria do Batalhão de Choque em frente ao estádio



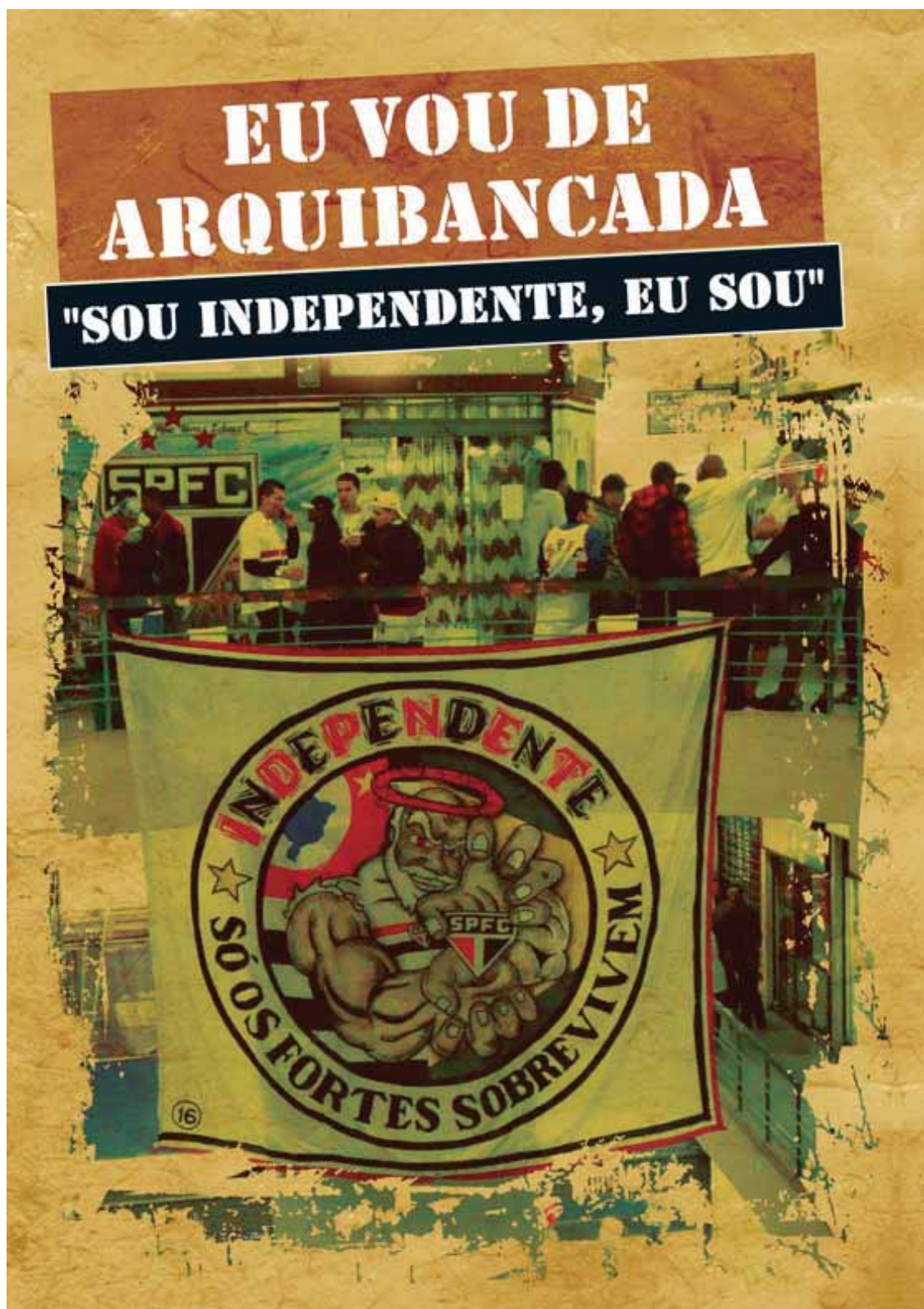
Torcidas organizadas na arquibancada amarela do Pacaembu





**EU VOU DE
ARQUIBANCADA**

"SOU INDEPENDENTE, EU SOU"





Vanessa de Fátima Silva é formanda em Jomalismo pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Apaixonada por samba, futebol e dança, desde pequena é fanática por seu time... As duas cores que movem seu coração aparecem nesse livro.

**EU VOU DE
ARQUIBANCADA
“SOU
INDEPENDENTE,
EU SOU”**

VANESSA DE FÁTIMA SILVA

Silva, Vanessa de Fátima

Eu vou de arquibancada: sou Independente, eu sou/ Vanessa de Fátima Silva.
Unesp, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bauru, 2011.

Capa - Papel Cartão Triplex Royal 250

Miolo - Papel Off 7 - 75g - Tamanho A5

Projeto Gráfico: Alexandre Sueishi

Capa: Aline Santos

Fotografia: Carolina Firmino

*“De todos os que preenchem nossa solidão,
os livros são os mais anárquicos, os mais
instigantes. Leia, e seu silêncio ganhará voz.”*

Martha Medeiros

AGRADECIMENTOS

Agradecer não exige esforço. Exige memória e espaço.

Começo por quem me ensinou o que é um time e que, sem saber, criou uma torcedora fanática, quase radical: Pedro Paulo, meu pai. Por outro lado, a torcedora quieta, que quase não se importa com o que o se passa nos gramados: dona Edna, minha mãe. Obrigada por sempre torcerem por mim, por se preocuparem com o meu placar, com minhas faltas e quererem me ver no topo da tabela deste campeonato chamado vida. Sem as incontáveis ligações, broncas, brigas, discussões, colos e cafunés eu teria desistido de tudo há tempos!

Aos irmãos que escolhi, um beijo no fundo do coração; o carinho de vocês faz qualquer dia ser melhor. Agradeço aos amigos que estiveram comigo até aqui. Agradeço também aos que se dispersaram ao longo dos anos, mas que me ensinaram muitas coisas. Uma certa Carolina Bortoleto Firmino, companheira de aventuras, entrevistas e visitas mal-sucedidas, merece ser lembrada por ser parte importantíssima neste livro; em um ano, tornou-se um orgulho para mim em uma de minhas torcidas preferidas, a Torcida Organizada Febre Amarela. Carol, brigar com você é sempre um prazer. Agradeço também a Aline Santos e Alexandre Sueishi, porque, sem eles, este livro não sairia do papel A4.

A alguns professores que tive, obrigada por manhãs e tardes de trabalhos proveitosos. A muitos, obrigada por mostrarem o que não se deve fazer. De qualquer forma, todos contribuíram para minha formação.

Há ainda um agradecimento especial àqueles que tomaram meus almoços, encheram minhas mãos de calos e pintaram meu coração de amarelo: família Naumteria Unesp Bauru, que sempre será a melhor bateria do mundo! Vocês me ensinaram o que é abrir mão de mim para que o resultado dentro da quadra me faça dizer: “Puxa, vale a pena”! Naumteria – e companheiros da Febre também, claro – este trabalho, com certeza, tem muito do que aprendi com vocês nestes dois anos. Vocês são exemplo e inspiração do que é ser torcedor apaixonado até morrer.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Torcidas organizadas de futebol são mocinhas ou vilãs na história chamada Futebol? Ou melhor: quem são os personagens que podem dar respostas – ou pelo menos indícios – de quem elas são? É o que este livro tenta mostrar por meio das peças de um quebra-cabeça bem difícil de ser montado. Tivemos como base duas das maiores organizadas do Brasil: a Gaviões da Fiel, ligada ao Corinthians, e a Torcida Tricolor Independente, ligada ao São Paulo. Para que uma não fosse classificada como maior, melhor ou mais importante do que a outra, o leitor escolhe por qual das duas começa seu mergulho neste mar agitado e repleto de discussões calorosas.

O São Paulo Futebol Clube é um dos maiores clubes do mundo e possui uma das maiores torcidas organizadas do Brasil, a Torcida Tricolor Independente, que, com cerca de 20 mil associados, é a maior organizada são-paulina. Em 39 anos de existência, guarda histórias, dilemas, impasses e conquistas na história do futebol e quem acompanha o esporte.

A maioria das versões para contar a trajetória da torcida tricolor é essa, mas a minha eu ainda queria contar. Acredito que, para saber falar sobre uma coisa, é preciso vê-la de perto – e foi o que eu fiz: visitei a sede da torcida algumas vezes, conheci alguns de seus membros e fui a um jogo com os integrantes do grupo para saber melhor o que move aqueles torcedores, a parte mais difícil. O motivo? É bem simples: não sou são-paulina. Acompanho futebol e já tive boas experiências como torcedora apaixonada pelas equipes da minha universidade, mas decididamente meu coração não é tricolor.

O desafio estava lançado e eu estava disposta a enfrentar e passar por cima de visões pré-estabelecidas sobre a torcida. Conheci muitas pessoas que fazem este universo fascinante, assim como algumas que o tornam decepcionante; quanto mais procurei respostas, mais encontrei novos questionamentos. O novo associado, os diretores, a sobrinha do presidente, membros da escola de samba e do Comando Feminino me contaram suas histórias e as retratei aqui, para que você também chegue às suas conclusões ou aos novos questionamentos.

Na primeira parte do livro você encontrará toda aventura que vivi ao lado dos torcedores da Independente. Para quem chegar até o final da primeira etapa, uma surpresa o aguarda: será que as torcidas organizadas são tão diferentes uma da outra?

A minha versão sobre a maior torcida organizada tricolor do país eu consegui contar no livro. Agora, convido você a conhecê-la e, por que não, criar a sua própria.

Boa leitura!

ÍNDICE

PARTE I

Cap. 1: Todo Tricolor tem seu esconderijo.....	17
Cap. 2: Uma vida em três cores	19
Cap. 3: Independente – A Retomada.....	27
Cap. 4: Mais peças para o meu quebra-cabeças	41
Cap. 5: Torcida Tricolor Independente: Futebol e Samba.....	57
Cap. 6: São Paulo Futebol Clube: seja bem-vindo!.....	63
Cap. 7: E eu não quero cadeira numerada, eu vou de arquibancada pra sentir mais emoção.....	73

PARTE II

NOVAS VERSÕES, RESPOSTAS E ENTREVISTAS	83
Luiz Henrique de Toledo.....	83
Carlos Alberto Máximo Pimenta	86
Polícia Militar do Estado de São Paulo	89
Confederação Nacional das Torcidas Organizadas – CONATORG	91
Rodrigo Braghetto.....	94
Cel. Marinho.....	99
Sérgio Rizzo	105

PARTE I

*“Torcida Independente é a força tricolor
Levanta a arquibancada
Não para de agitar
Não tem medo de morrer
E jamais se acabará”*
Independente é a força tricolor



CAPÍTULO 1

TODO TRICOLOR TEM SEU ESCONDERIJO

*Largo do Paissandu é ruim de invadir,
Torcida Independente, é nós que tamo aí*
Tropa da Independente

Era um sábado ensolarado, que convidava os moradores da maior cidade do país a saírem de suas casas. O relógio ainda não marcava meio-dia quando fui pela primeira vez à sede Torcida Tricolor Independente, a maior torcida organizada do São Paulo Futebol Clube. Meu destino era a rua 24 de Maio, próximo ao Largo do Paissandu. Endereço da sede no bolso, caminhava pelas ruas do centro paulistano. Perdida como sou, não consegui achar o lugar logo na primeira vez.

– Como assim, a sede é na Galeria do Rock¹?

Sou péssima de localização, mas aquele lugar era conhecido. E como nunca havia percebido que era o coração da torcida tricolor? Foi preciso olhar o minúsculo papel onde o endereço estava anotado. Eu estava olhando o edifício errado; a sede fica em um prédio ao lado, bem parecido, que tem, logo na entrada, uma enorme bandeira da Independente.

– Ufa, achei.

Apelidei aquele lugar de Galeria do Reggae, devido às lojas relacionadas a esse tipo de música. Camisetas, CDs, muito material nas cores verde, amarela, vermelha e preta. Subi até o último andar e não havia dúvidas de que estava no lugar certo: ainda subindo pela escada rolante vi escudos do São Paulo e desenhos remetendo ao time e à torcida, além de faixas, bandeiras e inscrições com as palavras “A Retomada”. Na hora pensei no conflito no Pacaembu, já que realmente era um marco na história da Independente e do futebol brasileiro e confesso que nem dei muita atenção. A questão da Retomada é tão forte que inclusive existe um funk contando essa passagem na história da torcida. Ele começa assim:

¹ Forma como é conhecido Shopping Center Grandes Galerias, localizado na Rua 24 de maio. O centro comercial é composto por cerca de 450 lojas.

“No Morumbi tá escaldado
Tá tramando, tá mandado,
Você vai se complicar, se complicar
É a torcida Independente
Quem não for então sai da frente
Que a chapa vai esquentar
Pode crer que é nós que tá
Independente é o terror
Se vim mandar tu vai ficar neguinho
Vai ficar no chão porque a Indê é o terror
É ruim de invadir
Fala que é nós que eu quero ouvir...”

CAPÍTULO 2

UMA VIDA EM TRÊS CORES

*“Eu não consigo conter,
Não consigo esse amor,
É sentimento que eu sinto por ti,
O sentimento por ti, tricolor.”*
Eu não consigo conter

– Quando meu pai estava namorando minha mãe, com segundas intenções, eu já era são-paulino.

Essas foram umas das primeiras palavras de Hélio Silva, um dos membros mais antigos da Independente. Aliás, perdão: Hélio “São-Paulino” Silva, como escrito no cartão que ele me entregou ao final da entrevista. Um senhor nascido em 1947, olhos claros, voz calma e muita coisa para contar sobre esses anos dedicados à torcida. Cheguei a ele pela indicação de um dos funcionários da loja da Independente, que me disse que “aquele senhor sabia tudo sobre a torcida”.

– A gente pode conversar um pouco sobre a torcida e sua paixão pelo São Paulo?

– Claro que pode. Vai ser em pé mesmo? Acho que vai cansar, tenho muita coisa para falar. É um orgulho falar sobre o meu time e essa torcida. Sou são-paulino, como falei, e hoje fico feliz em ver essa torcida tão grande.

– É tanto orgulho assim?

– O São Paulo hoje é campeão de quatro décadas seguidas, é o clube que tem mais títulos e mais patrimônio; com 25 anos de vida, já tinha um estádio pra 150 mil pessoas, coisa que hoje os outros times estão pensando em fazer. O São Paulo já nasceu grande.

A Independente surgiu em 1972, mas sua formação remete a décadas anteriores. Em 1939, no bairro paulistano da Moóca, nascia o Grêmio São-Paulino, um grupo formado por torcedores que queriam acompanhar e apoiar seu time durante as competições. Mais tarde, o nome mudou para Torcida Uniformizada do São Paulo, a TUSP.

Hélio sempre foi ligado ao esporte. Em meados dos anos 60, era lutador de luta livre. Em 1967, foi para a TUSP, onde foi nomeado presidente. Orgulhoso, me contou que desde então viveu uma carreira acompanhando o São Paulo. Com o decorrer dos anos, a TUSP foi perdendo adeptos para novas torcidas como a Independente e a Dragões da Real², as duas maiores forças tricolores na capital

paulista. O surgimento da primeira delas, porém, não é contado apenas de uma maneira. A versão pacífica e sem confusões que escutei de meu entrevistado era bem diferente do que eu conhecia.

– Mas por que o senhor acha que as pessoas resolveram sair da TUSP?

– Talvez não concordassem com algumas teses minhas... Eles quiseram fazer essa nova torcida e, por mim, tudo bem. Veio a Independente, vieram os Dragões. Eu via os adversários cheios de faixas de diversas torcidas ligadas a um clube só e me perguntei por que o São Paulo não podia. Eu incentivava todos os bairros e as cidades para que a gente ficasse grande como os outros times.

A história que eu conhecia antes, por meio do site da própria Independente, é outra, bem oposta ao que Hélio narrou. Era março de 1972 e o São Paulo estava disputando a Taça Libertadores da América; era também a primeira vez que a TUSP ia para algum jogo fora do Brasil. Os torcedores lotaram oito ônibus e pagaram pela excursão e pela hospedagem; com a diretoria e a organização da viagem, muitos brindes para serem distribuídos nos jogos contra os adversários Cerro Porteño e Olímpia. A viagem, contudo, não saiu exatamente como o planejado: o São Paulo perdeu para o Cerro por três a dois e os torcedores ficaram descontentes com a atuação dos diretores da TUSP. Também de acordo com o site, descobriram que a diretoria estava instalada em bons hotéis, enquanto outros membros dormiam em pensões, e que os brindes levados estavam sendo vendidos. Ainda no Paraguai, logo após o segundo jogo, já começou uma movimentação para fundar uma nova torcida. Um grupo de jovens descontentes com as regras impostas pela velha guarda da TUSP se uniu e deu origem à Torcida Tricolor Independente. Pode ser que a conversa e aquela espécie de permissão a que Hélio se referiu sejam verdade, mas não acredito que tenha sido em um momento tão calmo como meu entrevistado me contou.

Com base nos vários movimentos de independência que aconteciam por todo o mundo e com o ideal de não estar preso ao clube, surgiu o nome “Tricolor Independente”. Nesse dia ainda escolheram o modelo da camisa e o corpo de diretores da nova torcida, além de questões relacionadas à associação, ao uso de bandeirões nos estádios para chamar atenção e a torcedora-símbolo, dona Filinha. Era o dia 17 de abril de 1972.

² Dragões da Real, outra torcida organizada do São Paulo. Fundada em 15 de junho de 1984, nasceu da fusão de duas agremiações: a Dragões da Real Torcida Jovem e a Força Jovem Mais Querido.

O primeiro jogo do São Paulo em que a Independente apareceu como torcida organizada aconteceu seis dias depois, no Estádio do Pacaembu, contra a Portuguesa de Desportos. A TUSP dominava o espaço na arquibancada, mas a nova torcida optou pelo meio. Região escolhida, era preciso conseguir associados. Cada pessoa que vestia a camisa tricolor era convidada a pertencer o grupo. Foi assim que a família começou a crescer.

Com o nascimento da Independente, outras torcidas vieram, mas nenhuma conseguiu tomar seu lugar de maior torcida tricolor. A TUSP existia paralelamente, até ser extinta em 1995.

FAMÍLIA QUE TORCE UNIDA PERMANECE UNIDA!

Hélio me disse que ao longo de todo esse tempo na TUSP e na Independente nunca deixou de frequentar jogos e passar aos membros mais novos um pouco do que aprendeu nesses anos de torcida. Com tanto tempo dedicado às agremiações, ele levava a família para as arquibancadas.

– O senhor levava suas filhas pro estádio?

– Claro! Pro estádio, pra viagem, elas iam sempre comigo. Não tive nenhum hominho, então levava as meninas mesmo. Eu dedicava muito tempo pra torcida, era mais tempo pra ficarmos todos juntos.

Ser torcedor do São Paulo é uma espécie de tradição na família de Hélio, tanto que suas filhas continuam frequentando jogos. Os netos?

– São-paulinos, claro!

Mas toda família que se preza tem uma ovelha negra, ou, nesse caso, uma que não tenha o preto, o branco e o vermelho habituais.

– Então os seus genros também são são-paulinos?

– Às vezes elas não dão sorte e casam com um marido que não é abençoado. Eu sempre falei para minhas filhas escolherem os são-paulinos, mas não...

Tive que respirar fundo para engolir aquele “abençoado”. Por que abençoado? Desde quando? Mas fazer o que, ouvir aquilo fazia parte do meu trabalho. E depois pensei que falo do mesmo jeito algumas vezes. Hélio era uma pessoa tão apaixonada que era gostoso ouvir o que ele tinha para contar, mesmo quando eu não concordava com o que ouvia; era uma declaração de amor a algo que ele considerava sua vida. Não havia como ignorar tamanho sentimento. Também descobri que é possível são-paulinos e corintianos viverem em harmonia.

– É brincadeira, nem sempre a gente pode ser tão assim, tão radical. Acho que o amor é diferente de tudo. Desde que haja respeito tá tudo bem!

O mais incrível de tudo era saber que esse torcedor tão fanático, tão apaixonado, se casou com uma mulher que não era abençoada e que faz questão de usar uniforme do seu time. Hélio me contou que é normal os jornalistas perguntarem por que ele foi escolher bem uma corintiana. Sim, uma corintiana. A resposta vem acompanhada por uma gargalhada e por um brilho intenso naqueles olhos claros.

– De tanta bronca, de tanta raiva que eu tenho desse Corinthians, eu namorei são-paulina, palmeirense... mas eu queria casar com uma corintiana!

Rivalidade dentro de campo, amor fora dele. Coisas que só o futebol e o coração promovem!

NEM MELHOR, NEM PIOR, MAS DIFERENTE

Infelizmente, vi uma parte do brilho em seus olhos ir embora quando lhe perguntei sobre a torcida nos dias de hoje. A visão que muitos têm sobre as organizadas é a de um grupo de baderneiros, sem outras atividades e que se só querem arrumar brigas. Hélio diz que não foi um torcedor nem melhor nem pior, mas diferente. Levava faixas a cidades do interior do estado saudando os outros clubes, dava uma volta olímpica em torno do estádio saudando a torcida adversária, entregava flores para o capitão da outra equipe. Ficou nítido nesse momento que Hélio estava decepcionado com o que a Independente se tornou. A diferença de pensamento entre a velha guarda e a atual diretoria reflete no que a torcida faz e na imagem que a mídia construiu sobre ela. Ele comenta que há membros que não sabem exatamente o que fazem na torcida e que querem apenas tumultuar. O que antes era a briga para ver quem fazia mais festa no estádio perdeu o foco.

– Junto com outros colegas da época fiz dois torneios de torcidas organizadas sem policiamento e pedimos para que o juiz da federação viesse apitar. A gente não xingava a mãe dele nem nada.

Naquela época, a torcida era mais preocupada com questões sociais e realizava campanhas para doação de sangue e de agasalhos. As torcidas adversárias competiam para ver quem arrecadava mais. Fora isso as arrecadações, era comum que Hélio fosse convidado para as festas do Corinthians e do Palmeiras.

– Fico muito triste quando hoje vejo que uma torcida não pode ver a outra, que muitas famílias deixaram de ir ao estádio, por causa das confusões lá e nos arredores. Era bem diferente, havia respeito, a gente se conversava.

Parece um passado tão distante! Mais difícil do que imaginar essa situação de paz é pensar que elas foram regidas por um diretor comum. E esse diretor não era ninguém menos do que meu entrevistado! Eduardo José Farah³, ex-presidente da Federação Paulista, indicou Hédio Silva para ser diretor para assuntos de torcidas do estado de São Paulo em 1992. Certa vez, conseguiu fazer um programa com o Serginho Groisman, da TV Globo, em que levou todas as torcidas dirigidas que dirigia. Juntas, sem brigas.

Desde criança ouvi falar nos confrontos entre torcidas, nas brigas combinadas com antecedência. Em que momento o respeito entre elas se perdeu? Ele acredita que na década de 90, principalmente com a internet; as pessoas já saem de casa sabendo o que vão fazer. Foi nessa década que presenciou o aumento no número de mortes entre torcedores de clubes diferentes. A situação chegou ao ponto de mudar inclusive a relação que ele tinha com jornalistas e radialistas, o que o deixa claramente chateado. Antes, ele ficava orgulhoso por representar as torcidas.

– Mas o tratamento que o senhor recebia antes mudou tanto assim?

– Mudou e muito! Fico triste cada vez que vejo uma notícia no jornal. A gente não tem mais espaço. Hoje eu tenho vergonha, um radialista não recebe mais a gente! Jornalista não recebe, radialista não recebe... O que eu vou falar? Não tem o que falar, eles vêem.

O desânimo e o pesar dominaram aquele espaço da sede da torcida, como se as lembranças o fizessem ficar bravo com o que via ali. Quando comecei minha pesquisa, vi muitos estudiosos afirmando que a Independente era um grupo um pouco mais violento que os outros. Passeando pela sede não vi briga nenhuma, mas observei que o clima também não era o mais leve. Mas a surpresa veio exatamente com o senhor dos olhos claros e da voz calma, que pela primeira em nossa conversa se mostrou exaltado. Com a postura mais ereta e a voz mais firme, parecia um pai defendendo um filho, mesmo quando sabe que este está errado.

Assustei-me quando disse que, como são-paulino, sua função era defender a torcida. Não queria uma defesa, queria que ele fosse sincero e me falasse como é ver esse cenário de violência estando inserido nesse meio. Obtive a resposta mais genérica possível.

– Isso é geral, porque depende da ocasião.

³ Nascido em 1934, dedicou sua vida ao esporte. Assumiu a presidência da Federação Paulista de Futebol em 1988, cargo que ocupou até 2003, dando lugar a Marco Polo Del Nero.

Para ele, todos são covardes e só batem quando estão em grupo, em maioria numérica ou de força. É a covardia que impera, que faz com que vejam membros da torcida adversária e joguem uma bomba, sem pensar se vão atingir crianças.

– Mas um a um nenhuma torcida briga com a outra. Nenhuma. Eu estou falando da minha e de todas.

Fiquei surpresa porque ele mesmo me disse que via muitas brigas nas torcidas organizadas, mas não disse se a sua é uma delas; pelo contrário, tentou se justificar e mostrar que a Independente não faz nada que as outras não façam. Por ser uma pessoa tão vivida, com tanta história e visão sobre o tema, não era o que eu esperava ouvir. Não queria nada nem melhor, nem pior; apenas diferente, como ele mesmo dissera.

MAS NO MEU TEMPO NÃO ERA ASSIM...

O ex-presidente contou que as brigas de antigamente eram bonitas. Eram brigas para ver quem fazia a festa mais bonita, quem tinha a maior bandeira, soltava mais fogos, mais bexigas. A preparação durava a semana toda. O cenário diferente ficou mais claro quando ele comparou a situação dos estádios em dias de clássicos.

Na passagem da década de 70 pra 80, uma quarta-feira com jogo entre Corinthians e qualquer time do interior tinha 30, 40 mil pessoas. Um clássico no Morumbi levava umas 100, 110 mil pessoas ao estádio e as torcidas eram separadas com cordas. A torcida que chegava primeiro arrumava tudo. Hoje um estádio fica “lotado” com 30, 40 mil pessoas em uma final de campeonato. A população do Brasil naquela época era de 90 milhões de habitantes. Hoje são quase 200 milhões.

– Ué, não entendo. Por que então as torcidas crescem a cada ano?

– Exatamente esse ponto que eu queria. E depois as pessoas querem dizer que as torcidas cresceram! Não cresceram; ao contrário, diminuíram. As torcidas organizadas crescem, mas os torcedores comuns diminuem.

– Diminuem? O senhor tá falando do torcedor que frequenta estádio?

– Isso. A gente já passou por uma série de coisas, não só pela violência. É a televisão que passa todos os jogos, é a dificuldade de conseguir ingressos, é a deficiência de segurança, os guardadores de carro. É muito difícil uma família ir a um estádio pra ver uma partida de futebol. Infelizmente essa é uma realidade.

Hélio ainda revela que queria que a torcida recebesse um tratamento diferente por parte da diretoria do clube. A Independente tem uma sala no Morumbi

onde pode guardar uma parte de seu material; a situação facilita bastante a atuação da torcida e é desejo dele que outras torcidas tenham o mesmo tratamento e o mesmo privilégio. Porém, apesar da sala, a torcida não tem uma boa relação com a diretoria do São Paulo, especialmente com o atual presidente do clube, Juvenal Juvêncio. Com isso, são impedidos de frequentarem os treinos; eles vão ao Centro de Treinamento apenas quando todos os torcedores podem comparecer. Não há conversa. Hélio se mostra bem contrário a isso, afirmando que a diretoria muda, mas o clube e a torcida permanecem; por isso, é necessário que os dois se entendam.

Com essa distância entre os cartolas do futebol e a força das arquibancadas, a maior torcida tricolor não tem voz em reuniões da diretoria e não pode se manifestar de forma nenhuma. Para mudar esse cenário, a Independente tenta uma reabertura, corrigindo alguns pontos. Sim, reabertura. Hélio me contou que a relação com o clube também sofreu muitas mudanças.

- Calma. Se é reabertura, é porque vocês já tiveram uma boa relação alguma vez.
- Claro! Ou você acha que desde o começo é assim?
- E o que aconteceu para que mudasse tanto?
- Erros do passado, que a gente tá tentando corrigir. O time é muito fechado, a relação é complicada. Olha pra você ver: em 1982, íamos ser tricampeões, mas perdemos o título para o Corinthians. Fiquei bravo porque nosso adversário era mais fraco. Pedi para falar com os jogadores e consegui. Mostrei para quem tinham perdido e parece que funcionou. A diretoria naquela época era mais aberta aos torcedores.

Perguntei ainda se isso mudava alguma coisa. Não muda. O ideal da Independente, com ou sem apoio da diretoria, continua sendo apoiar o time.

- Mas, querendo ou não, a gente, a torcida, derruba técnicos e jogadores. Essa parte eles não lembram.

O FIM DE UMA BATALHA

No mesmo ano em que a TUSP foi extinta, em 1995, aconteceu um episódio emblemático para a história das torcidas organizadas e, particularmente, da Independente. A chamada “Batalha Campal do Pacaembu”, envolvendo torcedores do São Paulo e a extinta Mancha Verde, do Palmeiras, proibiu a entrada dos grupos organizados nos estádios e, posteriormente, extinguiu as duas agremiações. Foi sobre esse período em que a torcida ficou fechada que me referi na conversa com Hélio.

Era dia 20 de agosto, final da extinta Supercopa de Futebol Júnior. O jogo empatou e, para apimentar a decisão, ia para a prorrogação. O Verdão, porém, sacudiu as redes aos cinco minutos do tempo extra, o que provocou as torcidas. Assim que a partida se encerrou, a cena que se via era a transformação do amor em fúria, com torcedores fanáticos invadindo o gramado, indo xingar e provocar os adversários. Alguns torcedores ficaram em seus lugares na arquibancada ou foram embora; outros saíram de seus lugares e foram responder às provocações. Armou-se uma disputa com socos, pontapés e agressões com os mastros que antes tremulavam bandeiras. O Pacaembu passava por uma reforma e o material de construção que lá estava se tornou arsenal de guerra; entulho, vigas de ferro e pedras eram utilizados para bater e assustar os opositores.

Ao fim do conflito, o estádio ficou destruído. Além disso, a segurança na partida era baixa, uma vez que não eram as equipes principais que se enfrentavam e, pensaram os policiais, não haveria perigo. A guerra no Pacaembu deixou mais de cem feridos e um torcedor são-paulino foi morto. M.G. S, de 16 anos, levado ao hospital em coma por causa das pauladas que recebeu, faleceu oito dias depois.

Diretores e outros associados da Mancha Verde e da Independente foram afastados do grupo e as duas torcidas foram cassadas. Em novembro de 1998, a agremiação voltou como Torcida Tricolor Independente e com novos membros. Porém, alguns problemas começaram a surgir, especialmente relacionados com sede, material para arquibancadas e dinheiro em caixa.

CAPÍTULO 3

INDEPENDENTE – A RETOMADA

*Eu não tenho medo de ninguém, pode colar,
A retomada sangue bom chegou pra dominar e dominou.
Quem não conhece treme quando vê*

Fui até a sala tricolor mais próxima e esperei o homem agitado que trabalhava com boné e camisa do São Paulo atender a um garoto que queria se tornar membro da torcida. Ele ficou me olhando, curioso, e falei que ia esperar para conversarmos.

Japão é um homem de 32 anos, mas que aparenta ser bem mais velho. Desde criança é são-paulino, desde os sete vai a jogos, desde 1989 está na torcida e há cinco anos é Diretor Social, responsável pelas novas associações, distribuição de carteirinhas e recebimento das mensalidades pagas (ou que deveriam ser pagas) pelos sócios. Um daqueles que parecem ter muita coisa para falar, mas que medem cada palavra e cada vírgula empregadas em suas frases. Ao contrário do que o apelido sugere, seus olhos não são puxados e fechadinhos, mas de um tom castanho claro e bem abertos. Atento às perguntas, ao movimento do lado de fora, a quem entrava e saía de sua pequena sala, conversava comigo de forma rápida, como se alguma coisa o tivesse deixado mais acelerado.

– Gosto de ser da torcida organizada porque é diferente. Tem a bateria, agita, incentiva mais quem tá jogando. E tem as amizades também, né? Você não fica sozinho. A organizada é quem mais apoia o time, o resto fica sentado, olhando. Às vezes faz alguma coisa, mas fica mais de boa na arquibancada.

O trabalho da Independente em dias de jogos começa bem antes de o juiz iniciar a partida. Os membros da torcida se encontram na sede cerca de cinco horas antes do jogo para começarem a concentração e o “esquentar” para o espetáculo. Arrumam faixas, bandeiras, instrumentos para a batucada na arquibancada. Algumas vezes, fazem reunião ou resolvem imprevistos. Ele me disse que, com ou sem jogo, sábado era um dia que os membros iam para a sede por ser um dia em que quase ninguém trabalha. O movimento no prédio realmente era intenso, principalmente porque ia acontecer uma reunião mais tarde.

A torcida tem cerca de 20 mil sócios no novo cadastramento, realizado a partir de 1998. O sócio em dia tem desconto nas caravanas para os jogos, não

paga o ônibus fretado para ir até o Morumbi, tem desconto em festas. Ser sócio também implica em algumas responsabilidades. Na salinha em que Japão estava havia uma espécie de lista de “Direitos e Deveres”, como aquelas que as professoras colam nas escolas infantis. O membro da Independente deve ajudar com o material em dias de jogos e respeitar as outras pessoas. Além disso, deve promover a paz nos estádios.

– Vocês fazem reuniões com todo mundo que entra pra torcida?

– Quando o cara vem fazer a carteirinha, a gente mostra umas coisas pra ele. Aí quando vem pegar a gente conversa mesmo.

– E o que vocês falam isso que tá escrito aqui no quadro?

– O cara entra sabendo onde está. A gente explica coisa de briga, tudo. Qualquer coisa que aconteça, ele é punido, são cinco jogos em que ele não pode ir. Mas sabe como é, né...a gente faz vista grossa também. Claro que ninguém quer ser punido, mas a gente dá uma ajudinha.

– Rola uma camaradagem então?

– Ah, tem que ter, né.

Enquanto conversávamos, outros diretores da torcida chegaram e escutaram um pouco da conversa, querendo saber do que se tratava. Japão conversou normalmente com uns, mas mostrava-se incomodado com outros; gosta da torcida do jeito que ela é, mas não é totalmente favorável a quem está lá.

– Tem dia que a gente não se aguenta, que quer enfiar a mão na cara do outro. Não tem como a gente concordar em tudo, cada um pensa de um jeito. A gente mesmo não se respeita direito, ou respeita só alguns, outros não.

Ele falava quando chegou outro membro da torcida e ficou prestando atenção. Feijão, um dos diretores gerais, logo se interessou pela conversa e completou as palavras de Japão. Na Independente há muito jogo de interesses e pouco foco.

– Tem gente que tá porque tá, tem gente que tá pelo amigo, tem quem tá pela bateria, tem que tá pelo time. Diretoria de torcida organizada não é coisa tão simples assim.

Pensei que se entre eles mesmos já é desse jeito, a relação com quem está de fora seria pior ainda. Foi quando me lembrei das outras organizadas relacionadas ao São Paulo, especificamente na Dragões da Real, que se destacou esse ano por causa do carnaval. A relação entre eles é tranquila e Japão afirmou que só uma minoria é contra. Eles não brigam, só não vivem um amor intenso.

Perguntei se podia ir com eles para o jogo no final de semana seguinte, contra o Atlético Goianiense. Japão falou que não tinha problema nenhum, me explicou

que eles estariam lá quatro horas antes e que iam me dar o ingresso para a partida. Seria minha primeira visita ao Morumbi.

DAS VIAGENS E DO CARNAVAL

No mesmo andar onde Japão trabalha há mais duas lojinhas da torcida. Uma delas, com manequins trajados de torcedores da cabeça aos pés, me fez conhecer outro membro da torcida, o Gersinho. Baixo, um pouco acima do peso, com olhos pequenos e o braço esquerdo apoiado em uma tipoia, brigava com o telefone que não parava de tocar. “Independeeente”, atendia com voz mole, como quem fala “oi” ao mesmo tempo em que quer dizer “tchau”. Atrás dele havia uma cartolina com preços de caravanas que a torcida organizava para os jogos do São Paulo.

– Vocês já têm todas as viagens planejadas?

– É, pro pessoal se planejar, pra dinheiro, isso tudo. A gente faz um programa anual no começo do ano com as viagens do São Paulo.

– E as viagens já incluem o ingresso? Porque tem umas que são muito baratas pra um lugar longe.

– O preço é mais barato quando o jogo é mais importante, que precisa da torcida. A gente faz tudo pro sócio poder ir. Tem uns aí que a viagem toda sai quase a mesma coisa que só o ingresso.

– Mas aí dá prejuízo, não?

– A gente sempre dá um jeito.

Irmão de um ex-diretor da Gaviões da Fiel⁴ – ele não quis dizer o nome – entrou na torcida por opção própria, sem influência da família. Mas como dois irmãos pertencem a duas organizadas diferentes, rivais, ainda por cima? Gersinho contou que a relação entre eles é normal, mas que não conversam sobre futebol para evitar brigas feias. Às vezes assistem a jogos juntos pela televisão, mas quando as partidas envolvem São Paulo ou Corinthians a família se separa para não prejudicar a amizade e o companheirismo. Apesar da torcida por times rivais, os irmãos são bastante unidos.

Na Independente, conheceu sua mulher, que viaja com ele para os jogos que são mais tranquilos, sem rixa entre as organizadas. As torcidas amigas da Inde-

⁴ Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, principal torcida organizada e escola de samba ligada ao Corinthians. É a maior organizada do mundo, com mais de 90 mil associados (julho de 2011).

pendente são a Torcida Jovem do Flamengo, a Torcida Jovem do Sport, de Recife, a Máfia Azul, do Cruzeiro, e a Camisa 12, do Internacional. Os mais observadores, curiosos ou com boa memória vão se lembrar de um gesto comum a essas torcidas: os punhos cruzados, símbolo de união e poder. Há algumas desavenças entre esses grupos, alguns inclusive não sendo mais oficialmente da União do Punho Cruzado, mas a amizade entre eles continua. Quando há partidas entre seus clubes, os membros dessas organizadas promovem recepções, churrascos e festas como forma de integração.

– É, meu, você não percebeu que a Jovem é das nossas? Olha a bandeira lá fora.

Foi quando percebi que uma das enormes bandeiras penduradas como forma de receber os visitantes não era são-paulina, mas flamenguista. Predominante preta e vermelha, simulava um campo de guerra. A tradicional roupa camuflada do exército era rubro-negra, assim como os tanques de guerra, helicópteros e uma bandeira com o rosto de Che Guevara. O escudo do Flamengo também podia ser visto em vários espaços.

– E esse braço? O que aconteceu? Foi briga?

– Para com isso, mulher! Guerra de torcida é a coisa mais idiota. Não gosto disso não.

Foi na torcida que conheceu sua mulher, porém foi o mais machista ao falar do papel que elas desempenham no grupo. Sua esposa participa mais da escola de samba, pois ele não gosta de vê-la na sede ou nas arquibancadas; para ele, não são lugares apropriados para as moças. Ainda assim, ele a leva para alguns jogos, nas chamadas “partidas de uma torcida só”: quando o São Paulo é o mandante e enfrenta alguma equipe bem menor, com pouca torcida. Viajam algumas vezes com a Independente, dependendo do destino e de como é a relação com a torcida adversária.

Muito da parte feminina da torcida, como nesse caso, acaba se dedicando mais ao carnaval e pouco ao time. Como a escola de samba se prepara o ano todo, é preciso mão-de-obra para realizar as atividades, para trabalhar nos bastidores, como ele mesmo disse. Não vou dizer nem que é certo nem que é errado: isso é coisa deles. Só não considero justo ele escolher o que ela pode ou não fazer. Mas vale o velho ditado: “em vida de marido e mulher ninguém mete a colher”.

A lojinha começou a encher de clientes e Gersinho recolocou o telefone no gancho. Aproveitei para explorar outros territórios e absorver direito o que escutara. Olhei as vitrines com os produtos do tricolor: muita coisa legal, embora

estivesse bem longe do meu pensamento comprar algo lá. E antes que eu saísse, ouvi a mesma frase do começo da entrevista:

– Independeeeente!

UÉ, FAZER O QUE SE EU GOSTO DE CLÁSSICO, COLEGA?

Atravessei o corredor e cheguei à outra lojinha da torcida; embora a menor das duas, foi a que recebeu mais clientes ao longo do tempo em que estive lá. O vendedor e outro diretor geral da Independente, o Nélson, estava sentado atrás de um balcão, assistindo TV; um armário, ao lado, repleto de adesivos da torcida e fotos de jogos, caravanas e matérias publicadas em jornais. Moreno, alto, vestia uma camisa da Torcida Jovem do Flamengo, sinal da aproximação que Gersinho havia comentado pouco antes. Com jeito de malandro, fala o que está certo e errado em seu grupo com a mesma segurança em que, logo no início da conversa, passou a me chamar de “colega”.

– Oi, colega, posso te ajudar?

Há 15 anos, Nélson foi fazer sua carteirinha de sócio junto com alguns amigos, sem que a família soubesse. Sua mãe quase ficou louca quando descobriu, mas já era tarde demais; acabou se acostumando a ter um filho membro de uma organizada e que passa mais tempo na lojinha da Independente ou viajando com a torcida do que em casa. Hoje, ele se declara um diretor geral tranquilo. Diz que sua relação com a Independente é pior que casamento: dedicação total, cobrança, nervoso, mas muito amor.

Segundo ele, a mídia distorce muito o que realmente acontece lá dentro: não interessa falar sobre as campanhas sociais que são promovidas, mas sim sobre a violência, as coisas erradas, porque isso dá ibope. Assim como Hélio, mencionou as arrecadações de agasalhos e alimentos, mas como coisa do passado. Disse que não adiantava fazer porque as próprias pessoas da Independente não queriam, não dava retorno; não compensava.

– Mas fazer esse tipo de coisa não pode ajudar a melhorar a imagem de vocês?

– Colega, presta atenção. Ninguém quer saber se a gente faz coisa certa, se é bonzinho, se quer ajudar. Eu acho muito válido, entendeu, mas não é todo mundo que pensa assim. Ser bonzinho não dá ibope. Por que as pessoas assistem o Datena?

– Porque tem violência.

– Exatamente! O cara é chato, o programa é chato, mas o cara fala de desgra-

ça, de coisa ruim. É isso que a população gosta, colega. Não vou te falar que não acontece essas coisas aqui porque acontece. Só que não é tudo ruim não, os cara só mostram o que é melhor pra eles.

– Você já participou de muitas brigas?

– Ah, colega, sabe como é...o negócio começa, você tá no meio, o sangue ferve e quando você vê já tá lá. A favor eu não sou não. Só que se acontecer tamo aí, né?

Para evitar esses conflitos, a Independente realiza reuniões com o Ministério Público, principalmente quando há jogos considerados clássicos: discute-se o caminho que cada organizada vai fazer até o estádio, por onde cada uma vai entrar e o que poderão levar. Ele ainda comentou a questão das bandeiras de mastro, que à época estavam proibidas, mas em processo de votação para que voltassem. Como cada estado tem leis diferentes, era preciso deixar claras as regras do jogo para evitar confusões. Nélson foi contando a história das fotos e das matérias que estavam no armário, explicando o que aconteceu em cada situação e o que tinha sido combinado em comum acordo.

Porém, segundo ele, as reuniões são apenas de fachada; os membros de torcida se dirigem até o Batalhão de Choque, no bairro da Luz (região central da cidade), e apenas escutam, sem que possam expressar suas opiniões. Os encontros, que concentram promotores, seguranças dos clubes e diretores de organizadas adversárias, acontecem em paz, porém com apenas uma voz. Nélson contou que, embora as torcidas sejam rivais, há diretores que são amigos e que inclusive concordam em algumas ideias, mas acabam sufocados pelas decisões do Ministério. As diretorias se acomodam, escutam, concordam e vão embora sem discutir.

Fiquei intrigada com aquilo, porque não fazia sentido. Se os membros de torcida, considerados “o problema”, conseguem alinhar seu pensamento, por que não permitir que eles se expressem? De acordo com ele, era mais uma forma de reprimir, assim como o Estatuto do Torcedor:

– Na prática não funciona. Você acha mesmo que todo mundo aqui tem carteirinha? Mas nem a pau! Sempre a gente dá um jeito, colega. Esse Estatuto é só mais uma forma de reprimir, mas não resolve nada.

Nisso entrou uma família na loja, com uma linda menininha. Olharam umas roupas femininas, o pai olhou o que passava na TV e todos saíram. Percebi que o espaço não é só frequentado pelas pessoas da Independente, mas por senhores, senhoras e crianças que gostam do São Paulo e procuram algum artigo diferente ou até mesmo um presente que remeta ao time.

Perguntei sobre a camisa da Jovem Fla. Ouvi a mesma coisa que o Gersinho disse, que são torcidas irmãs e que, como o Flamengo também ia jogar no final de semana, colocaram uma bandeira das duas torcidas simbolizando a união entre duas.

– Nossa, colega, você tem que ir a um jogo com a gente. Aí você ia ver como o barato é de verdade.

– Eu vou, mas na semana que vem. Já combinei tudo com o Japão.

– Ah, então tá certo. Vai com a gente de busão, é mó da hora.

– Uhum, vou de busão mesmo. Quero ir e voltar com vocês.

– Você só vai ver a gente mais solto, fazendo umas coisas que, às vezes, a gente esconde. Sua faculdade tem alguma praça, um lugar escondido, coisa assim? Não é nada muito diferente do que devem fazer escondido lá. A diferença é que aqui a gente não precisa esconder, né!

E riu. Riu muito.

– Brincadeira, não quero te assustar. Assim, assim, é verdade, mas a gente fica separado fazendo as nossas coisa. As mina ficam mais pro meio do busão, longe de nós. Você vai ver, a galera é firmeza.

Em quatro anos de faculdade vi bastante coisa, mas confesso que fiquei assustada com o que me esperava para a semana seguinte. Respirei fundo e continuei conversando. Nelson prosseguiu contando que eu ia conhecer algumas meninas da torcida, que elas tinham muita coisa para contar, até que algumas delas também iam para briga. Ele não liga, não se incomoda. Disse que quando o jogo é interessante ou que a situação é propícia, a gente tem que aproveitar em todos os sentidos. Aí quis saber se ele namoraria uma menina que pertencesse à torcida organizada.

– Vixi, colega, não tem problema não. Mulher a gente tem que levar de outra forma.

– Mas e se ela não gostar do seu time?

– Ah, podia gostar, né! Mas não tem problema.

– E se ela for corintiana roxa?

– Ué, colega, fazer o que se eu gosto de clássico?! São Paulo e Corinthians é clássico... E de clássico a gente não foge, né!

Depois dessa, só consegui rir.

UMA DOENÇA

– Anota aí, ó. É sério, não tô brincando não! Pega a caneta que tá aí em cima

e anota o que eu vou te falar. É pra deixar registrado e entrar no seu livro, não vai esquecer!

Foram essas as primeiras de Henrique, o Baby, membro da torcida desde 1997, quando foi com o irmão. Aos 26 anos, começou o curso de Educação Física, mas parou antes de concluir e não tem previsão de voltar a estudar. Moreno, careca, bem estruturado e braços fortes, largado em uma cadeira, estava curioso sobre o meu trabalho e insistia que eu anotasse o que ele ia me dizer. Ao contrário da maioria de meus outros entrevistados, quase não usou gírias em nossa conversa; parecia um pouco diferente dos outros membros, mais focado e preocupado com a imagem que ia construir diante de mim.

– Pronto, peguei a caneta. Pode falar.

– Então anota aí. A Torcida Tricolor Independente pra muitos é uma gripe; pra mim é um câncer maligno que não tem cura. Conseguiu? Quer que repita?

– Maligno?

– É, é mais impactante. A Torcida Tricolor Independente pra muitos é uma gripe; pra mim é um câncer maligno que não tem cura.

Impactante demais para o meu gosto, mas tudo bem. Segundo ele, a organizada é a primeira coisa que alguém vê quando entra no estádio, um diferencial, e por isso é tão empolgante. As bandeiras, a bateria, o enorme volume de pessoas gritando faz com que a partida seja diferente. Sem organizada, é melhor ver pela televisão.

Ele exaltou bastante o lado positivo de pertencer a um grupo como esses e ficou na defensiva quando a conversa tocou em questões delicadas. Para Baby, a mídia se esforça para uma promoção negativa de tudo o que acontece com as torcidas de forma geral, e principalmente com a Independente.

– Ninguém fala dos projetos sociais que a gente faz nem do ambiente familiar que a gente tem aqui, mas quando acontece qualquer briguinha os cara tão em cima. Falam da violência porque dá audiência. Só tem coisa boa que ninguém quer saber.

– Você acha que o grupo oferece um ambiente para as famílias?

– Com certeza, eu trago meu filho aqui, levo pro jogo, de boa, e ele é pequeno. Não é ruim do jeito que eles falam.

– Por que, então, você acha que a mídia passa a ideia de que a Independente é uma das torcidas mais violentas do Brasil?

– É o que te falei, menina. É melhor mostrar o nosso pior lado. A torcida não briga, só se defende. A gestão de hoje sabe o que fazer quanto a isso, os cara são bons.

Escutei com atenção, embora discordasse de muita coisa. A sede da torcida não um ambiente familiar. Quando apelidei o prédio de Galeria do Reggae, incluí não só as lojas que remetiam ao estilo musical, mas hábitos, especialmente o consumo de drogas. O edifício com uma das fachadas abertas e um bar vizinho a uma das lojas é um prato – ou copo – cheio para consumo de álcool e cigarros de várias espécies. Na salinha de Japão, vários integrantes entraram e saíram fumando. Em frente ao bar, drogas eram consumidas sem medo; ao transitar pelo corredor, o odor denunciava os produtos ilícitos do ambiente. Nada familiar. Será que era aquilo o que ele definira como “maligno”?

Só entendi o sentido das palavras quando Baby me disse que a torcida era tudo, exatamente tudo na sua vida, digna de ocupar 80% do seu tempo e ser mais importante do que a própria família.

– Entendeu por que é maligno? Porque me consome.

– Mas vale a pena tudo isso? Abrir mão da faculdade, da vida fora daqui e da família pelo time?

– Vale a pena pelo prazer de estar aqui. Não me vejo sem a torcida.

– E aqui tem muita gente assim, como você, com todo esse amor?

– Ah, isso eu já não sei. Tem muita gente da hora aqui. Mas acho que é amor pra vida toda com apenas um em cada cem. Um em cada cem vai pra frente na torcida.

NA HORA DA PORRADA, NA HORA DE TORCER

Mais tarde, pouco antes de começar a reunião da escola de samba, fui apresentada a outro “chefão” da Independente. Entendi o “chefão” como diretor; mais ainda, como um dos diretores mais ativos, presentes e responsáveis. Todo mundo se engana.

Batata era mais um moreno, meio gordinho, que conversava com outro “chefão” da torcida, o Negão. Porém, era visivelmente diferente dos outros diretores. Extremamente bem vestido, se o encontrasse na rua ia considerá-lo um playboy qualquer, exceto pela tatuagem na perna que mostrava que ele era da torcida. Usando poucas gírias, disse que ia me contar o que eu queria ouvir, desde o começo de sua trajetória de torcedor associado, em 1989, até se tornar presidente da escola de samba, em 2010.

Pensei que fosse escutar muitas histórias interessantes de alguém que acom-

panha a Independente nas arquibancadas e na batucada, mas me enganei. Arrogante, debochou claramente de mim e do meu trabalho, como se quisesse que eu saísse de lá correndo ou criasse a pior visão possível dele. Conseguiu a segunda parte, mas não a primeira.

– O que te fez entrar na torcida?

– As brigas, sempre gostei de brigar. Entrei pra bater nos outros.

– Como assim?

– Ué, não é isso que todo mundo acha, que torcida é briga? É isso mesmo, é só violência. Uns nascem pra bater, outros pra bater e pra apanhar. Eu sou do segundo tipo.

– Mas você não gosta do seu time? Não gosta de torcer?

– Gosto, mas gosto mais de bater. Brigo com os caras da diretoria, com os caras da minha torcida em geral, com os caras das outras organizadas do São Paulo, com os caras de outras torcidas. Não fujo não.

Era claro que ele estava zombando de mim, querendo me irritar. Fiz de conta que acreditava e estava pasma. Acho que ele não acreditou, assim como não acreditei nele.

– Não era isso que você queria ouvir? Sobre a violência?

– Quero ouvir o que você tem pra contar. Em todos os sentidos.

– Então, é isso.

– E você já se envolveu em muitas brigas?

– Claro que sim. Já briguei, já apanhei, já bati, já levei tiro, já fui pra delegacia, já fui preso, já tive amigos presos.

Essas últimas palavras vieram acompanhadas de risadas e de um olhar de cumplicidade com Negão, que retribuía da mesma forma. Batata me mostrou uma marca de tiro na mão e outras cicatrizes nas mãos e em outros lugares do corpo. Ele não aparentava nenhum sentimento de culpa, remorso ou arrependimento, mas orgulho, como se fossem marcas de guerra.

Quis saber se muita gente ali compartilhava o mesmo pensamento. Segundo ele, lá havia juiz, promotor, advogado, pedreiro, traficante; ele mesmo se disse formado em Psicologia – o que depois foi desmentido por Japão.

– E todo mundo se entende?

– Em que lugar todo mundo se entende? Em empresa o pessoal não se entende, na faculdade o pessoal não se entende. Você conversa com todo mundo que estuda com você? Tem problema em torcida, na escola, no trabalho. O pessoal da escola X não gosta do pessoal da Y, aí marca briga pro final da aula.

– Hum.

– Até na Polícia é assim. Ou você acha que a Polícia Civil se dá bem com a Polícia Militar? Não, eles brigam entre si também, um não pode ver o outro. Briga existe há mais de 40 anos. Se existe é porque tem algum motivo.

– Como é viver dessa forma então?

– Ué, é viver. É normal. Precisa de tudo isso. Precisa do promotor, do juiz, do pedreiro, assim como precisa da briga, precisa da violência, precisa do tráfico. Tem gente que ganha dinheiro com o tráfico, tem gente que é feliz com ele, aquece o mercado, então precisa. Aprende uma coisa, tudo é negócio, politicagem, lábia. Aqui você vale o que você tem, então vale qualquer coisa.

– Pra mulher é assim também?

– É normal, a situação é mesma. Eu não vejo problema em mulher na torcida, em briga, nem nada. Elas lutam pelo seu espaço, conquistam e fazem o que querem.

Graças às aulas de teatro da adolescência consegui fingir que estava tudo bem e que tudo aquilo não passava de um pesadelo. Não era possível que um diretor de uma das torcidas organizadas mais famosas do Brasil falasse isso. Não era possível! Já não era a coisa mais simples do mundo estar ali e ouvir tudo aquilo. A imagem que tive inicialmente foi um pouco deformada e agora era a de um playboy bandido, aparência de bom moço, mas com muitas coisas sujas no passado e na mente. Antes que eu comesse a esboçar alguma reação que fizesse com ele brigasse comigo também – né, já que toda briga é necessária – quis saber um pouco mais sobre a escola de samba.

Era claro que ele não queria conversar, só me irritar mesmo. Falou apenas que o carnaval conta principalmente com membros mais velhos e mulheres; nem todo mundo que vai para a arquibancada gosta de participar da festa que é o Carnaval. Disse também que tinha novos planos para o desfile desse ano, que agora ia dar tudo certo. Só. Pelo menos, nervoso com o samba consegui evitar.

Havia alguém que escutava tudo isso e podia esboçar a dor que sentia no momento: Hélio Silva. A cada palavra de Batata, ele virava o rosto, abaixava os olhos ou fingia não estar ouvindo. Foi a hora em que mais senti seu desgosto com o que a torcida se tornara. A festa que durante anos ele lutou para fazer era trocada por pancadaria sem peso na consciência. Apesar de ter defendido o grupo quando lhe perguntei sobre a Independente ser considerada uma das torcidas mais violentas do Brasil, no fundo ele sabia que não era mentira.

RETOMANDO A RETOMADA

Passei o dia todo na sede e não encontrei o presidente, o Nico. Na verdade, o vi algumas vezes, mas sem saber quem ele era. Precisava saber se ele compactuava daquele pensamento horrível de Batata e recorri a Japão para me ajudar. Mais uma surpresa para um dia cheio de entrevistas, descobertas e fome, já que estava apenas com o café da manhã no estômago.

Japão era quase outra pessoa. O ser acelerado com que conversei quando cheguei deu lugar a um homem sóbrio e tranquilo. Ao me ver cansada, perguntou se estava tudo bem e se tinha valido a pena. Mais do que na preocupação, a surpresa veio pelas revelações que me fez. Se na chegada ele era cauteloso com as palavras, agora estava disposto a falar.

– Deu tudo certo? Conseguiu o que você queria?

– Ah, consegui sim, obrigada. Teve muita gente que me contou várias coisas legais e importantes. O dia foi bem produtivo.

Tinha me esquecido de perguntar sobre o salário dos funcionários da sede social e das lojas pois, já que eles ficavam lá o dia todo, precisavam receber por isso. Segundo Japão, o dinheiro vem das vendas e das mensalidades pagas pelos associados. Contudo, ele mesmo tinha dito falado da inadimplência – e se recordara disso. Por fim, resolveu resumir dizendo que o dinheiro vinha da torcida, que às vezes entrava um valor inesperado. A origem desse “inesperado” ele não comentou; só disse que, além de trabalhar na sede, tinha um táxi. Mas parecia preocupado com a minha conversa com Batata.

– Ei, não acredita no que o Batata falou não. O cara é meio babaca, idiota.

– É verdade que ele fez Psicologia?

– Acha?! Óbvio que não. O Batata...ah, meu, esquece metade do que ele falou. O cara não presta. É que...meu, é foda.

O ronco no meu estômago me fez querer saber logo sobre o presidente e voltar para casa. Foi quando as coisas realmente passaram a fazer sentido para mim.

– Não conheci o presidente da Independente. Ele ainda tá aqui?

– Acabou de ir embora, mas nem ia adiantar você querer falar com ele, ele não fala nada. A torcida tem um presidente e um dono; uma figura oficial e quem manda de verdade.

– Como assim? São dois presidentes.

– Não, um presidente e um dono mesmo. A torcida passou por uma mudança, foi tomada em 2002 por um grupo que tá aqui até hoje. Quem não gostava desse grupo ou passou a aceitar, daquele jeito, ou saiu fugido. O dono injeta

dinheiro e a vontade dele aqui.

– Mas que grupo é esse? Eles estão na gestão atual?

– Ué, você conheceu. Batata e Negão, ué!

Em 2002, alguns membros que não estavam satisfeitos com a gestão da época por causa de dívidas e da forma de conduzir a agremiação se revoltaram e dominaram a torcida; deram o que entendi ser um golpe de estado. Caro amigo leitor, imagine alguém fazendo a maior descoberta do dia. Aquela figura tão peculiar chamada Batata era o dono da torcida. Por isso Hélio Silva torcia o rosto perto dele. Por isso o presidente não falava, porque não tem voz lá. A questão da Retomada, que mencionei páginas atrás, não se refere à Batalha Campal do Pacaembu, mas à tomada de poder.

– Vixi, tem muita coisa errada aqui. E muita briga por causa disso. Uns ditam as ordens, os outros cumprem. Tem muito rabo preso e é complicado sair dessa situação. Os cara são barra pesada, ligado à coisa suja. É melhor não mexer. Mas tem muita gente que idolatra os cara, fazer o quê.

Voltei para casa e escutei novamente aquele funk da Retomada. A segunda parte dele me pareceu tão óbvia que não entendi como não percebi que havia algo estranho antes:

“Sete revolucionários se uniram pra somar
Todos em uma só meta, ou seja, revolucionar
Independente, a retomada,
É o fim da playboyzada
Pode crer é a mais temida
Das torcida organizada
Mas todo mundo tá ligado
Que Negão, Batata, é nós
É fiel de fechar, é fiel de fechar
Pode crer, pode crer, pode crer,
Eu deixo um salve pro Cocão
Alô, Marquinho, é nós na fita,
Sadam bota pra cantar
Pode crer que é nós que tá
(...)
Um alô pro Nego, o Josi, pro Carlão e o Leandrinho
O Nico, o Tchelo, o Baby, firmeza, o Luizinho

O Wilson e o Zúri e geral que é da torcida
Mas todo mundo sabe
Independente, é nós na fita
Mas todo mundo tá ligado
Independente é Talibã
E vai representar
Porque é nós que tá”

CAPÍTULO 4

MAIS PEÇAS PARA O MEU QUEBRA-CABEÇA

*A verdade é que o amamos
Nosso eterno tricolor, por isso estamos aqui*
Nossa história

Nunca foi minha intenção conversar só com os diretores da torcida, nunca; há muita gente que merece ter hora e vez, lembrando João Guimarães Rosa. Por coincidência acabei encontrando muitos membros da diretoria nas primeiras horas de visita à sede, mas conheci outras pessoas com histórias bem interessantes e maneiras de viver bem peculiares na Independente.

Conheci gente que estava no grupo há anos, pessoas mais novas, gente que estava se associando no momento. Será que todo mundo sabe bem o que se passa lá dentro, tem os mesmos propósitos? Havia questões a serem respondidas e coisas a serem exploradas.

AQUI, NESSA MESA DE BAR

Um desses indivíduos é Tchelo, de 35 anos, um sujeito magro vestido com a camisa do São Paulo em frente ao bar que citei anteriormente, ao lado da lojinha. Uma sequência de mesas vermelhas reunia torcedores que bebiam cerveja, riam e conversavam naquele sábado de sol. Tchelo, sentado em frente a Feijão, encostava as costas em uma parede e passava o braço pela grade, olhando o movimento na Rua 24 de Maio.

Feijão me chamou para conversarmos e, ávida por mais relatos, não pensei duas vezes. Ele puxou uma cadeira ao seu lado e me deu um copo.

- Quer um pouco? Fica aqui com a gente.
- Não, não posso. Tô fazendo trabalho, lembra?
- É verdade, então tá. Tchelo, essa mina aqui é mó gente boa, tá fazendo um trabalho pra faculdade sobre nós aqui. Mó da hora, né?!

Tchelo sinalizou para que Feijão o esperasse. Percebi que o segundo acabava de enrolar um cigarro de maconha e preparava-se para acendê-lo. Foi um dos maiores cigarros que já vi. Penso que era sobre isso que Néilson tinha comentado quando me perguntou sobre o que via em alguns ambientes da faculdade. Não notei nada de diferente em Feijão, mas seu companheiro estava com os olhos levemente avermelhados.

Tchelo foi a um estádio pela primeira vez em 1989. De família corintiana, disse ser um dos poucos são-paulinos de seu clã. Isso não o impediu de fazer parte de uma organizada. Mais do que sua trajetória dentro da torcida, ele despertou meu interesse sobre sua vida pessoal.

– E o que mais você faz, fora a torcida?

– Como fora a torcida?

– Sem pertencer à torcida. Você trabalha, alguma coisa assim?

– Moça, presta atenção! Minha vida é isso aqui, ó!

E abriu os braços para abraçar os amigos e beber mais um gole de sua cerveja. 35 anos e vivia apenas na torcida.

– Pra não falar que eu não faço mais nada, eu namoro.

– E sua namorada é da torcida?

– Não, não é não. Ela é normal, faz faculdade, estuda na USP. Ela me leva numas festas bem loucas lá, mó da hora. Teve uma festa que foi num motel, acredita? Na sua faculdade tem isso também?

– Tem muita festa, mas em motel nunca teve não.

– Então leva essa ideia pra lá. Imagina, mano, todo mundo louco no motel! Muito louco, cara!

Ele era uma daquelas figuras que logo vem à cabeça quando se pensa em torcida organizada: uma pessoa que vive aquilo e para aquilo como se não houvesse nada além; álcool, drogas e futebol resumem seu mundo. Com aquele jeito “deixa a vida me levar”, ele não aparentava gostar de brigas.

– Olha só que engraçado. Você já percebeu que toda vez que há algum escândalo político a mídia desvia o foco com alguma coisa de torcida organizada? É muito estratégico isso.

– Como assim?

– É uma sacada muito boa. Ninguém mais pensa na política, mas nos vagabundos das torcidas. A gente é um pouco vagabundo, mas forcem a barra também.

Ouvindo o que ele falava, outros dois membros se juntaram a nós: Menor, um moço de rosto redondo, nariz empinado e que vestia terno e gravata – e que deveria estar derretendo naquele calor – e Chocolate, com dez anos de torcida e que diz não esquecer a Libertadores de 2005⁵, a primeira que viu pessoalmente.

⁵ 46ª edição da Taça Libertadores da América, que envolveu 38 clubes de 11 países. O São Paulo sagrou-se campeão ao derrotar o Atlético Paranaense nas finais. Foi a primeira vez que as finais foram disputadas por times do mesmo país.

– Moça, a gente é de boa. Falam muito mais do que é verdade, pode acreditar – defendeu Menor, levemente embriagado.

– Nossa vida é isso aqui e ver o São Paulo ganhar. Se for assim está bom – retrucou Tchelo.

Feijão, que até então estava quieto olhando para seu cigarro, voltou para a conversa.

– É que é foda, tem cara que não sabe o que quer mesmo. Na real? Sabe qual é a questão? A questão é quando falam que nossa é torcida é de bambi, de viado, os cara tão falando a real. São– paulino é tudo bambi mesmo!

– Ô louco, cara, tá tirando?

Tchelo pareceu não concordar. Feijão, antes de ir buscar outra cerveja, completou sua fala.

– É verdade sim. Desde quando são-paulino é apaixonado mesmo? É uma meia-dúzia. Os cara só veste a camisa quando é final de campeonato e o time ganha. Pode perceber, é totalmente diferente da torcida do Corinthians.

E ele não falava especificamente dos integrantes da Gaviões, mas dos torcedores comuns.

– Os caras acompanham o ano todo, gritam, sofrem, tão lá mesmo, defendem o time pra caramba, pô! Aqui, se o time perde o cara reclama; se empata o cara reclama; se ganha o cara reclama que devia ter feito mais gol, que o técnico é burro, blá blá blá. Eu sou são-paulino, membro da Independente, mas falo: a torcida do São Paulo é uma torcida de maricas, de mulherzinha sim. E pode colocar isso no seu livro.

Meu coração quase não se aguentou. A vontade de abrir um sorriso com as palavras de Feijão era tão grande que abaixei a cabeça e comentei que Tchelo tinha ficado quieto de repente. Ele me explicou o porquê.

– É porque é verdade. Família corintiana, né.

Ganhei o meu dia.

OI, QUERO FAZER PARTE DA INDEPENDENTE

Conversar com Tchelo me deixou pensando bastante. Será que todos que entram na torcida são assim? Ou será que eram mais próximos de Baby, com uma doença maligna? Pensariam só em bater como Batata? Precisava de alguém que estivesse entrando naquele mundo agora, ou que estivesse há pouco tempo, para me contar o que era a torcida em sua vida.

Loirinho, de olhos claros, bochechas rosadas, cara de criança, passou-me a impressão de ser um calouro de faculdade pelo cabelo curtinho; pensei que fosse algum trote de faculdade. Guilherme Madeira Dias do Nascimento, de 18 anos, era um recém-associado que acabava de sair da salinha de Japão com um amigo, tentando convencê-lo a entrar para a Independente também.

– Você acaba de se tornar membro de uma torcida organizada. Por que você decidiu isso?

– Ah, porque eu quero ajudar mais o meu time. Eu vou em jogo e tudo, mas acho que na Independente vou poder ajudar mais, é mais gente, é mais força. É diferente de torcer sozinho.

– E o que seus pais acharam disso? Porque você parece ser bem novinho...eles não ficaram bravos?

– Todo mundo fala isso, mas já tenho 18 anos. Eles não falaram nada não, por eles tá tranquilo. Só falaram pra tomar cuidado, que é perigoso e tal, mas já falei pra eles que tô entrando por causa do meu time, por causa do São Paulo. Não tem briga, nem nada além disso.

As palavras e a visão de Guilherme são bem diferentes das de quem já está na organizada; o brilho nos olhos e a empolgação também, como a de um calouro que acaba de ingressar na universidade de seus sonhos. De certa forma, essa primeira impressão que tive sobre ele ainda fazia sentido. Talvez ele não conhecesse ninguém na torcida, nem o que algumas pessoas pensavam. Mas a ideia de renovação e de novidades me parecia muito boa.

– Você teria coragem de ir pra alguma briga?

– Não, nunca, nada a ver. Torcida não é isso, não acho certo. Eu só quero torcer pro São Paulo, empurrar o time. Tô fora dessa coisa de briga.

– Mas às vezes você tá no meio do grupo e acontece...

– Eu vou fazer o máximo pra fugir.

Se o dono da torcida ouvisse isso teria um grande choque! Porém fiquei feliz em ver que tinha gente que pensava assim; torço muito para que Guilherme ainda pense do mesmo jeito. Ele olhava para o amigo empolgado, como se estivesse realizando um sonho ao entrar para a torcida. O companheiro tinha se esquecido de levar a foto necessária para a confecção da carteirinha, mas ia se associar em breve também. Seu relacionamento com outros torcedores era normal: conversavam sobre futebol, sem problemas.

– Ah, não tem problema, nem com a minha namorada.

– Por que?

– Ela é corintiana.
Mais um romance entre alvinegros e tricolores.
– Ela é corintiana? E o que ela disse quando você resolveu entrar pra Independente?
– Nada, não falou nada. Só falou pra eu não arrumar briga, tá certa. Ela é de boa.
– E se ela quiser entrar pra alguma organizada do time dela?
– Ué, se eu posso ela também pode, né?! Ela vai pra jogo comigo, sabe como é...direitos iguais!
Aquele que pareceu criança em um primeiro momento me surpreendeu. Fiquei feliz pela Independente conseguir um torcedor como ele.

A SOBRINHA DO PRESIDENTE

Nas minhas visitas à sede também conheci algumas meninas que fazem parte da Independente. Uma delas me chamou a atenção pelo jeito de andar e pela forma como me foi apresentada.

– O presidente eu não sei onde tá não, mas a sobrinha dele tá rodando por aí. É aquela ali, ó, a loirinha, no meio das meninas.

Uma menina de 19 anos, com no máximo 1m60 – menor que eu, o que me espantou – de cabelo bem loiro, aparelho nos dentes e olhos azuis, quase certeza que lentes de contato. Com uma regatinha branca apertada e calça da torcida, andava segura pelo prédio, com jeito de malandra, mascando chiclete, querendo impor respeito. Michele entrou na torcida há cinco anos, mas já frequentava alguns eventos do grupo. O tio, que era membro da diretoria mas ainda não era presidente, levava-a para as festas, nunca para as arquibancadas.

– E eu tinha um outro tio também que era novinho e era da torcida. Então cresci assim, a família inteira são-paulina, coração são-paulino, e entrei. Eu ia mais nas festas, nesses negócios, porque meu tio nunca tinha deixado eu ir pra baguio de torcida.

– Os seus tios eram da torcida e não deixavam você ser. Por quê?
– Por causa de briga, porque eu sou cabeça quente. Pra evitar confusão, eu não levo desaforo pra casa, entendeu? Aí eu comecei colar quando eu fui fazer 14 anos.
– Nossa, que novinha!
– Pois é! Tava com 13 pra 14 anos, eu falei pro meu tio: “E aí, quando eu vou começar a colar pro jogo?”. Aí ele pegou meu RG, pegou meu documento e fez minha carteirinha e eu comecei colar.

A tatuagem inacabada escrita “Independente” era a prova de que a menina com cara de boneca não era de brincadeira. Segundo ela, a arte nas costas é fruto de um amor incondicional, eterno, que faz com que seu time seja o campeão independente do resultado que via no placar.

– Alguma vez você já pensou em sair da torcida?

– Nunca, jamais.

– Nem quando o São Paulo perde?

– Jamais! Nunca! Meu time perdendo e eu tô lá.

Não aguentei, tive que provocar.

– Mesmo com o Rogério Ceni sendo chamado de frangeiro?

E ela demorou um pouco para responder.

– Jamais! É o amor da minha vida, ele é meu ídolo, ele é um cara que tipo...é eterno.

Ela ria, ria bastante, pensando nos cinco gols que seu amado havia tomado do time que tanto odeia. Eu ria por ela não imaginar o que se passava na minha cabeça.

Michele era uma das pessoas mais apaixonadas e focadas que conheci na torcida; mexeu com o grupo ou com o time, ela não perdoa. Em um dia em que passamos juntas, percebi sua personalidade forte, o jeito agitado e seu pavio curto. Bastante tranquila durante a entrevista, aumentou o tom de voz diversas vezes ao longo das conversas com outras pessoas no prédio da Independente. Assim como Hélio, ela gostava de falar e contar suas histórias e seu amor, embora não pensassem da mesma forma. Ao contrário dele, porém, Michele afirma não ter relação com pessoas de outras torcidas, nem mulheres nem homens, exceto seus amigos de infância que também resolveram participar de organizadas.

– Você tem alguma amiga corintiana ou palmeirense?

– Tenho, tenho sim.

– E é de boa?

– A afilhada da minha mãe é corintiana roxa, aquela porra! – e ria da forma como se referia à garota. Mas é minha amiga, é suave, é família. Eu até tenho amizade com qualquer outra pessoa, sabe, rivais. Mas é aquela coisa, é saber separar, né.

Michele mantém as amizades que já tinha antes de entrar na torcida. Segundo ela, a afilhada de sua mãe como era ser de uma organizada e resolveu fazer parte da agremiação ligada a seu time também, mas não é tão fanática quanto a rival da Independente.

– Suas amigas que não fazem parte da torcida falam o que de você?

– Louca! É louca, é doida.

Você já chamou alguma para vir aqui na Independente?

– Eu não gosto de misturar muito essas coisas, entendeu? Porque são minhas amigas, eu conheço a torcida, eu sei que posso sair viva de casa e não voltar. Torcida é uma coisa séria, não é brincadeira. Você pode tá na hora andando, ter uma treta, os cara brigar, se você tiver no meio...é perigoso. Então eu não quero levar a culpa.

Se eu fosse amiga dela, seria mais uma que a chamaria de louca. Michele declarou não fugir de brigas.

– Demorou, demorou, demorou, onde tiver tamo aí.

Perguntei se ela tinha medo. Negativo. Mais do que isso, ela contou que já procurou muita briga e já, seguindo o ditado, quem procura acha. Pelo que ouvi, sempre há uma rivalidade entre as meninas de organizadas, mas é diferente em cada situação. Há casos de rixas antigas que nunca acabam; há aquelas que passam e já criam um conflito pela forma de olhar.

– Se passou do meu lado e tiver suave, passou suave, eu passo suave também. Se passou e mediu, medi. Se for sair na barra, demorou.

Marrentinha demais para uma menina daquele tamanho e cara de patricinha. Pensei que a marra também se aplicasse a membros da Dragões da Real, mas ela declarou ter muita consideração por eles e um relacionamento normal, tendo amizades lá e aparecendo na sede deles para jogar videogame.

Fiquei com a impressão de que ser sobrinha do Nico tinha feito uma pequena bagunça na sua cabeça; o jeito de olhar, não para mim, mas para as outras pessoas, passava um ar de superioridade, como se ela fosse dona do pedaço. Ela nunca pensou em ser presidente da torcida porque mulheres não chegam a esse posto; contudo, perguntei se ela teria alguma vantagem nesse processo.

– Não não, eu acho que é tudo igual. Sou sobrinha do presidente, eu compro ingresso, pago o mesmo preço, quando eu ganho desconto...sim, ganhar desconto todo mundo ganha, dependendo da pessoa tem aquela coisa “pô, meu, ó, eu tenho tanto...demorou, demorou”.

Segundo ela, a presidência não quer dizer que Nico é melhor do que os outros membros; é consequência de uma história que ele escreveu por amor ao time, à torcida.

– Eu tô pelo meu time, pelo meu amor, pela minha grande paixão. Muitos já viraram e falaram assim “ela se engrandece por causa do presidente”, não. O que eu sou aqui eu sou com todo mundo. Eu não me sinto melhor do que ninguém.

É, Michele, nem todo mundo está na torcida pelos mesmos motivos que você. E, mais do que isso, suas palavras perdem um pouco da força quando continuamos andando pela sede. Era entrar na lojinha e sair com alguma coisa de lá, ou “vem aqui, eu arrumo ingresso pra gente”, ou “pera, vou ver com meu tio”, “vou ver se o meu tio deixa”, “meu tio vai me arrumar”. Por mais simpática que tenha sido, ela crescia à sombra do tio Nico, presidente da Torcida Tricolor Independente.

Apesar de tudo, Michele é uma menina, de 19 anos. Marrenta, brava, sem medo, parte de uma torcida organizada, mas uma menina. E meninas que somos, acabamos falando de...namoro.

– E namorado? Você namoraria um cara de outro time?

– Meu namorado...ah, ele não é são-paulino, mas odeia torcida organizada. Quando eu falo que vou pro jogo ele quer morrer. Ele vai na casa dos meus tios, minha tia já jogou bandeira do São Paulo em cima dele. Ele é corintiano, mas não fala de futebol comigo.

– Porque ele te conhece, né!

– É, ele me conhece. Eu posso amar ele, mas se ele falar “ou sua torcida ou eu”, sinto muito, minha torcida.

Mais um relacionamento entre são-paulinos e corintianos! Por que será que esses mesmos torcedores que juram ódio eterno uns aos outros gostam tanto de namorar? A resposta de Néelson, “fazer o que se eu gosto de clássico?”, me veio à cabeça de novo; parece ser o que todos pensam.

– Seu namorado é corintiano. Se vocês tiverem um filho e ele resolver escolher o time...

– Vai ser são-paulino, na minha casa nada de corintiano, nada de Corinthians!

Começamos a rir. Fiquei pensando naquela baixinha brigando com o namorado e levando seu bebê para a Independente. Coitado!

– Mas logo logo meu namorado vira são-paulino, você vai ver!

– Então você já tá amolecendo o coração dele?

– Já tô já!

Mulheres e a mania de querer mudar os homens...

DO DELINEADOR...DA ARQUIBANCADA, DA BATERIA E DA PISTA

Além de Michele, conversei com outras meninas da torcida, que me contaram principalmente sobre a atuação das mulheres no grupo, as barreiras que enfrentam e histórias, várias histórias.

Estava parada perto da escada rolante enquanto três meninas subiam conversando bastante, com a tranquilidade de quem está em casa; uma delas me chamou a atenção pela quantidade de escudos do São Paulo e da torcida que carregava na camiseta, na jaqueta e nos brincos. Carol, Letícia e a irmã Laiane foram à sede para uma reunião, mas disseram frequentar bastante o lugar. Na torcida desde 2010 – mais precisamente desde o dia seis de fevereiro, conforme Laiane – as garotas participam da torcida e da escola de samba.

– Como vocês vieram parar na torcida?

Letícia se antecipou antes que Carol começasse.

– Eu fui pro jogo normal, aí eu olhava para o lado e via a torcida daquele jeito. Não dá. Foi amor à primeira vista

– O pai da minha amiga me levou. Primeira vez que eu fui. Da primeira vez que eu fui já encontrei a Letícia lá e entrei por causa dela. A gente já se conhecia, mas não era próxima. Agora também não larga mais!

– E vocês três já eram são-paulinas?

– Sim, desde pequenas. As três.

Não havia muitas mulheres na Independente quando passaram a integrar o grupo, tanto que andavam com os homens da torcida, até que as brigas de torcida forçaram a separação entre as alas masculina e feminina.

– A gente falava com um monte de homem, só a gente de menina; a gente e mais umas três ou quatro meninas. Só que aí depois tinha muito negócio de briga e os caras começaram a embaçar com a gente. Aí a gente separou do bonde dos meninos e ficou agora a gente, que é de umas 15, 20 meninas.

– Mas tinha briga por causa de quê?

– Briga normal, de torcida. Se encontrava e brigava, marcava briga. A gente não pode andar com menino pra briga assim.

– Se a gente apanhar de homem, a coisa pode cair pra cima dos meninos com quem a gente andava, aí podem ir cobrar eles. E pra não pegar nada nem pra eles nem pra gente, a gente separou.

Foi aí que conheci um termo muito usado pelo pessoal da torcida: pista. Ir para pista, no linguajar deles, significa “ir para briga”. E, assim como Michele, elas não fogem; a única que disse não ir pra a pista foi Carol. Deve depender da circunstância. Nem Letícia, a mais corpulenta do grupinho, nem Laiane, a mais nova, de 15 anos, fogem dos conflitos. As meninas que trocam pancadas com outras integrantes de organizadas se vestem bem e saem maquiadas durante um sábado à tarde, conversam normalmente com qualquer pessoa, estudam e

trabalham. Elas mostram que vão para a pista com a mesma capacidade com que passam delineador na parte superior os olhos.

– Então se alguém falar “Ah, a gente vai brigar”, vocês não vão?

– A Carol não vai muito, mas a gente...a gente já foi.

E Carol manteve-se quieta enquanto continuamos conversando sobre o assunto.

– Mas tem essa rivalidade entre as meninas também? Porque eu pensei que fosse mais entre os meninos...

– É mais tranquilo, assim, entre mulher, é mais xingo. É que tem muita mina que não gosta de ouvir nada.

– E vocês vão pra cima, de bater mesmo?

No fundo, imaginava que elas fossem dizer que provocavam, xingavam, faziam gestos obscenos, mas nada além disso. No máximo, que se envolvessem em uma troca de empurrões, mas claro que eu estava errada. A resposta veio acompanhada de alguns risos e um olhar de cumplicidade entre as irmãs.

– É, já aconteceu já.

– E o que os pais de vocês acham?

– Que a gente briga minha mãe não sabe. Ela sabe que tem, que acontece às vezes, mas que eu vou ela não sabe não.

– Vocês não têm medo de acontecer alguma coisa mais séria?

– Depende. Depende do tipo de briga.

O lado frágil de Laiane falou mais alto.

– Pra ser sincera, medo a gente tem...

– É que a gente prefere lutar pela torcida do que pela nossa própria vida.

Muitos acham que não vale a pena, mas...

– Pra quem gosta vale.

– Tem uns caras que acham que pista é só pra homem, que mulher não deveria ir. Às vezes eu acho que eles não concordam. Alguns acham tipo da hora, “ah, pô, as mina vão atrás mesmo”. Mas te outros que já não gostam.

Elas comentaram sobre uma comunidade [em uma rede social] “Torcidas organizadas Brasil”. Lá há muita coisa sobre as mulheres na pista porque uma briga delas foi postada no grupo.

– Os caras começaram “ah, porque já ter que aguentar mulher em arquibancada é foda, agora ter que aguentar em pista? Mulher não deveria participar de torcida organizada”. Tem cara que tem muito preconceito.

– Aí teve outro cara que deixou assim: “É, eu nunca fui de acordo com mulher em torcida organizada, mas ah, vocês são senhoras mulheres, hein”, e não

sei o quê. Ele meio que debochou da gente e deixa um negócio embaixo, dando ideia na gente, sabe?

– Muita mulher das antiga já fez muita coisa que muito homem não fez, sabe. Não só na nossa, mas também em outras torcidas. Muita mulher fez coisas que nenhum cara jamais fez.

Ainda perplexa, ouvi histórias sobre algumas brigas. A origem delas é diversa: algumas começam pela internet, outras no estádio. Letícia me contou que já aconteceu de alguma menina de outra organizada entrar em seu perfil em uma rede social; ela entrou de volta e o ciclo se repetia, até começarem a surgir palavras, insultos e convites para os encontros violentos. Elas comentaram inclusive que algumas de suas brigas já foram contadas em comunidade na internet.

Há homens da Independente se incomodam com essa postura feminina mais agressiva, outros nem ligam. No caso de Carol, que faz parte da bateria, o problema aparece principalmente na hora de tocar na arquibancada: sempre vêm alguns homens e dizem que o surdo é deles e de mais ninguém.

– É uma guerra, eu tenho que ficar falando “ah, eu não vou dar não, eu que vou tocar”. Agora eu toco e ninguém me tira, agora eu enfrento. Do mesmo jeito que eles querem tocar, eu também quero. Eles têm um espaço na torcida, eles fazem o que eles querem. As mulheres não.

Os meus entrevistados de antes não se mostraram tão contrários assim à participação feminina na torcida, à exceção de Gersinho, que seleciona os jogos aos quais a esposa pode ir. Mesmo assim, eles não se mostraram machistas; pelo contrário, gostavam e até incentivavam mulheres a participarem do grupo. Conversando com as garotas, porém, percebi que elas enfrentam muitas barreiras da confiança na torcida. Quando Michele me explicou sobre nunca ser presidente da Independente, pensei que fosse possível que, pelo menos as mulheres, se tornassem diretoras. Também não podem.

Além das desavenças com os homens, há também algumas entre as próprias mulheres: a Independente tem o Comando Feminino e um outro grupo chamado de oposição, do qual Laiane, Letícia e Carol fazem parte. O Comando é como uma diretoria só para mulheres, mas também pouco expressivo; atuam principalmente no carnaval, na ala feminina que a escola de samba leva para o Anhembi.

– Por que vocês são a oposição?

– Porque a gente tem outra ideologia, na verdade. É uma ideologia diferente da das meninas, as nossas ideias não batem com as delas. A gente luta por uma coisa dentro da torcida e elas lutam por outra.

As meninas do Comando Feminino têm muito contato com o pessoal que permanece na sede; já a oposição não se mistura tanto assim. As meninas recém-chegadas à torcida afirmam que se sentem excluídas pelas que já estão há um pouco de tempo. Estas, por sua vez, dizem que não acontece. Com isso, as que vão entrando acabam ao grupo de Carol e as duas irmãs. Assim nasceu o nome “oposição”, porque elas deixam de andar todas juntas.

– Eu não gosto, eu falo com as minas do outro lado, assim, não falo com todas porque com nem todas eu vou muito com a cara, mas tipo eu acho que tem que ter respeito.

– A gente às vezes tem um diálogo que não tem com outras meninas, mas a nossa opinião é: “não gosto da menina, tranquilo, mas na arquibancada, pra ficar bonito, tem que ficar todo mundo junto. Se não, fica uma menina lá em cima, três lá embaixo, 20 de um lado.

– Mas também juntar na arquibancada e sair no pau fica feio, né, Carol! – retrucou Laiane.

– Não precisa sair no pau. Todo mundo tá pelo mesmo ideal que é o São Paulo, pela Torcida Independente. Então eu acho que deveria todo mundo se juntar, independente se uma não gosta da outra. Saiu da arquibancada, cada uma pro seu lado e acabou. É pra fazer bonito na arquibancada.

– A gente fica mais lá embaixo, com a bateria, cantando e causando com os meninos. Não sei se vocês já viram o breque do “Louco”, que parece que tá saindo porrada. A gente brinca, a gente vai junto, a gente bate nos menino, a gente brinca. É mó zoeira que a gente faz na arquibancada.

– A gente é mais maloqueira, as meninas são mais...meninas, assim mesmo, sabe? A gente é mais pau pra toda obra. Igual, as meninas não vão pra pista. Elas ficam mais na delas. Se precisar, elas brigam, elas não vão apanhar, né? Mas elas não vão. A gente não, a gente sai pra ir atrás, entendeu?

Pouco depois, uma das meninas do Comando Feminino chegou à sede e Letícia se ofereceu para trazê-la à conversa, ao mesmo tempo em que Carol e Laiane olhavam para baixo, reprovando a saída da companheira. Quando Priscila se juntou a nós, a diferença entre os dois grupos era nítida. Como próprias meninas da oposição disseram, ela tinha um jeito mais de menininha, desde a voz calma até a roupa, mais delicada, quase em confronto com a alusão à torcida que Carol trazia na camiseta e na jaqueta. Quem visse Priscila na rua jamaisalaria que ela pertence a uma organizada: com blusinha branca, calça jeans e salto plataforma, decididamente não tinha cara de quem fica pulando em uma arquibancada ou vai para a pista com outras meninas.

– Você faz parte do Comando Feminino, né? Você também acha que falta espaço pra mulher dentro da torcida?

– É complicado, porque já vem fazendo parte de uma cultura do brasileiro, que futebol é de homem. Agora também tem o futebol feminino que é muito forte, mas é complicado porque 80, 90% da torcida é homem.

Priscila contou que, às vezes, o preconceito passa a existir por parte das mulheres mesmo, que acabam se privando – como ela mesma já fez um dia. Quando entrou na Independente, havia poucas meninas. Além disso, os homens aproveitavam quando chegam novas associadas.

– Não tem mulher, aí quando chega, vai todo mundo em cima. É a sensação. As mulheres acabam se privando e também acabam tendo esse preconceito. Por isso que tem mina que vem, vai em dois jogos e para porque não se sente bem exatamente por causa disso.

– Mas tem muita mulher que não se dá ao respeito também. Tem menina que gosta muito de chamar atenção. Não pode generalizar, mas tem.

– Tem menina que vem pra torcida só pra arrumar homem?

– Eu já vi assim, menina que chegou a ir na torcida um mês, aí vem muito aqui na sede, aí fica de rolinho com o cara, aí rola alguma coisa, daqui uns meses você não sabe nem quem era mais, ninguém nunca mais viu.

A questão das meninas na torcida, além de toda a questão cultural que Priscila havia comentado, ainda tinha o quesito “assédio”, ou “caça aos maridos”, como elas mesmas disseram. Não dá pra negar que deva aparecer esse tipo de garota no grupo. E às vezes, por causa dessas poucas, as que estão lá de verdade acabam pagando.

Voltei a conversar com as meninas e a observá-las. A diferença entre a representante do Comando e a oposição ficava nítida nos olhares de reprovação, na postura mais comportada de Priscila e nas gírias que Carol, Letícia e Laiane falavam sem parar. Porém não conseguia deixar de comparar a forma com que vestiam – coisa de mulher, não tem jeito. E outra coisa me veio à cabeça, algo que me acompanha desde criança. Meu pai sempre teve medo de eu sair com camisa de futebol e acontecer alguma coisa, alguma briga. Imagine com roupas de alguma organizada?

– Carol, você tá com a camiseta, com o agasalho da Independente e com o brinco do São Paulo. Geralmente é assim?

– Uhum.

– A gente anda sempre assim. Hoje eu tô sem nada porque não sei, deu alguma coisa e eu vim sem nada, mas a gente sempre tá com alguma coisa de torcida.

- E na rua, como é? Ninguém mexe, ninguém fala nada?
 - Mexe, é o que mais tem. Sempre tem um “bambi”, não sei o que lá. Ou aquele negócio, “nossa, se não fosse são-paulina”!
 - O pessoal é mais de boa com vocês ou já teve gente que passou e olhou torto?
 - Ontem mesmo eu tava indo trabalhar com a minha correntinha e aí um cara com a regata da Gaviões...nossa! Enquanto ele não desceu do busão era um olhando torto pro outro, encarando com cara feia.
 - O ruim de andar sempre fardado é que a gente fica muito visado, em qualquer lugar que você passou. Um cara que é torcida mesmo, se ele passou ele vai te reconhecer. Qualquer um que é de torcida passa na rua e pode acabar se prejudicando por causa disso, porque alguém pode ir lá e te bater, mesmo você tendo sem nada na hora.
- Estar “fardado” significa estar com a roupa ou algum acessório da torcida. Estar fardado, portanto, faz com que você seja parte de um exército: exército de brigadores, preparado para uma guerra que pode eclodir a qualquer hora e em qualquer lugar. Uma vez alistado, é difícil fugir da convocação: carta marcada de um baralho com rei, damas e valetes, ou valentes. E para elas era um orgulho fazer parte desse exército e conquistar troféus de guerra, sejam estes uma foto no jornal, o nome em uma rede social ou a aniquilação do adversário.
- A conversa ficou menos tensa quando começamos a abordar a rotina em dias de jogos. Dependendo da partida e da situação financeira, elas vão de “linha”, que é a forma como chamam o transporte coletivo. Chegando lá, começa o esquenta para a partida, com gritos e as primeiras batucadas da bateria. Foi a parte que mais as empolgou e me deixou animada também: acostumada com a bateria da faculdade, queria saber mais como é tocar em um estádio, para milhares de pessoas.
- A bateria é o coração, é o que levanta a arquibancada. Sem a bateria não dá.
 - Tem muita diferença quando a bateria não tá tocando?
 - Tem, você sente muita diferença porque a bateria sempre é o coração. Quando começa a bateria, todo mundo começa junto. Quando a bateria tá muito baixa, vai todo mundo ficando mais desanimado. Quando começa aquele “tum dum” sobe todo mundo!
 - Todo mundo levanta, é animal! Você tem que ver!
 - Isso eu sei um pouco, toco na bateria da faculdade...por isso fiquei muito curiosa quando você falou que tocava surdo! E vocês sabem todas as músicas de cor?

- A maioria, tem bastante música.
- Mas vai do time também. Se o time tá ruim como tá ultimamente aí fica aquele barulhinho só, nem a bateria dá conta às vezes.
- Já que você gosta de bateria, por que você não fica aí pra reunião? Acho que não tem problema você ficar lá. Reunião sempre é chato, mas é da bateria, então é mais legal!
- Nossa, fechou então! Eu vou!

MAS EM OUTRA DIA...

Tive que voltar à sede para resolver alguns pontos que havia deixado para trás. Chegando lá, logo fui reconhecida por alguns membros da torcida, o que, confesso, me deixou contente. Além deles, encontrei Carol e Letícia lá, fardadas como sempre e preparadas para o ensaio da escolinha da bateria. Antes da batucada começar, fomos até a Galeria do Rock para que elas encomendassem um agasalho.

Andávamos pelo prédio quando uma das meninas gritou e saiu correndo:

– Corre, Mancha Rosa⁶! Corre, filho da puta!

Para a minha surpresa, quem estava agitando a confusão era Carol, que declarou não se envolver em brigas. Após anunciar a presença do invasor em território predominantemente tricolor, a torcedora desceu a escada correndo atrás dele e arrastando consigo outros membros da organizada. Um segurança, porém, testemunhou a cena e impediu que algo mais grave acontecesse. Desci devagar atrás do grupo e ela me explicou o que tinha acontecido.

– O cara tava com o boné da Mancha, aí gritei com ele. Não ia fazer nada, foi só pra apavorar. Depois falei pro segurança que conhecia ele, não dá nada. Vir com boné de outra torcida aqui é demais, né!

⁶ Referência à Mancha Alverde, principal organizada do Palmeiras.

CAPÍTULO 5

TORCIDA TRICOLOR INDEPENDENTE: FUTEBOL E SAMBA

*E o futuro é vencedor...
Explode torcida!
Agita a bateria!
O grito é tricolor!
Grito Tricolor*

Embora seja a principal organizada do São Paulo, não é a Independente quem representa melhor o time quando o assunto é o carnaval paulistano. Em 2011, a Dragões da Real saiu do grupo de acesso e passou a integrar a elite das escolas de samba de São Paulo. Dessa forma, em 2012 teremos três agremiações ligadas a organizadas no Grupo Especial: Gaviões da Fiel, Mancha Alviverde e Dragões.

No início dos anos 2000, a torcida começou a se organizar para também participar do carnaval; assim nasceu o Bloco Independente. Porém, após uma confusão com integrantes do Pavilhão 9 e da Mancha, em 2003 (que, coincidentemente ou não, também são ligados a clubes de futebol; Corinthians e Palmeiras, respectivamente), o bloco foi proibido de desfilar e extinguiu-se. Brigas e extinção são situações e fatos recorrentes na história da Independente. Em 2009, juntou-se à Malungos, uma antiga escola paulistana, e voltou ao cenário como “Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Malungos Independente”, com sua bateria “Ritmo Forte”.

A forma como aconteceu essa união é, como diversas passagens na história da Independente, retratada por visões bem opostas; há quem afirme que os grupos se juntaram, há quem diga que a Independente comprou a antiga agremiação. Ninguém comenta o fato. Ao certo, sei que foi extinto um bloco e voltou como uma escola, sendo essa conduzida por uma diretoria tricolor. Em 2010, no primeiro carnaval, desfilaram pelo Grupo 4 e subiram. Em 2011, porém, não conseguiram subir mais um degrau da escalada até a elite e se prepararam para mais um desfile no Grupo 3. Além disso, embora mantenha o nome Malungos, ela é conhecida por Independente, evidenciando da torcida na “parceria”.

Aceitei o convite de Carol e fui para onde ia acontecer a reunião da escola de

samba. Batata, Negão, Baby e alguns desconhecidos estavam lá também.

– Fica aí, assiste a reunião, aí você fica conhecendo mais gente. Vai que ajuda no seu trabalho.

– Posso mesmo?

– De boa, mina, pode ficar aí.

Estava na primeira sala em que entrei, a de Japão, mas dessa vez conversava com Batata. Foi ele quem permitiu que eu ficasse, para a minha surpresa.

– Mas fica esperta. Tá vendo aqueles dois caras ali? São da parte skinhead da torcida, os caras mais do mal. Mas de boa, não dá nada. Eles vieram para a reunião da bateria, são do samba também.

Convite assim a gente não recusa, principalmente quando o assunto é samba, mesmo quando vem acompanhado de mais um deboche do dono do grupo. Apaixonada por carnaval desde criança, estava ansiosa para uma reunião de escola de samba, mesmo não sendo da minha agremiação preferida; sobre a batucada, levava o conhecimento dos ensaios embaixo do sol bauruense das reuniões intermináveis da bateria da faculdade. Pouco a pouco os participantes chegavam e, como não havia lugar para todo mundo, alguns ficaram em pé, formando o que tinha a intenção de ser um círculo.

A escola de samba não tem quadra, galpão para armazenamento de fantasias e materiais que possam ser reutilizados em outros carnavais, nem um lugar fechado para o aprendizado dos ritmistas. Um dos naipes da bateria, o de tamborim, também sofre sérios problemas por não ter quem o saiba tocar bem. Bem o tamborim, meu amado tamborim, que deixa minha mão cheia de calos e meu braço enorme. Considerado um dos mais difíceis da bateria por causa de suas viradas, exige coordenação e força do ritmista: era o que na Ritmo Forte não acontecia. Os primeiros ensaios acontecem no terraço do prédio onde fica a sede, um lugar aberto, nas tardes de sábado. Geralmente em outubro a torcida aluga um espaço próximo à Ponte do Piqueri, na zona norte da cidade, para usar até o carnaval: montagem de carros, fantasias, ensaios da bateria. Hoje a escola é formada por cerca de 700 pessoas, sendo 120 instrumentistas.

Pensei que, por ser uma reunião, seria a parte mais séria e organizada do dia. Estava totalmente enganada. O que vi ali era muito próximo ao que vivi em reuniões da faculdade: muitas pessoas falam, mas poucas são ouvidas.

– Mas o que a gente faz com o cara que não sabe tocar porcaria nenhuma? Por mim esse cara sai da bateria, vai embora. Mando pastar.

– Mas não dá pra fazer isso, cara!

– Esse ano eu fui desfilar sem tomar banho! Fiquei colando pluma de fantasia, tudo atraso...fui desfilar suada!

– Ô, grande, mas é certo que tu vai fechar com nós, né?

– Aquele dia, no clássico contra os galinha...uma porrada de nego nosso vestido de rosa.

– Cara, fica sussa, me escuta.

– Espera, espera. ESPERA, porra!

Só assim as vozes silenciavam. Os membros da escola de samba se dispersavam em conversas paralelas sobre a escolinha de bateria, as fantasias doadas e emprestadas e como não repetir os erros desse ano. Vai ser a primeira vez que uma escola vai desfilar por dois anos seguidos no Grupo 3; todas as outras que passaram por lá não repetiram a dose. Mais do que isso, gastaram mais do que podiam – cerca de R\$ 130 mil – e angariaram o sétimo lugar; a campeã, Colorado do Brás, gastou cerca de um terço desse montante. A escola tinha muitos problemas e quase ninguém sabia como resolvê-los.

UMA BATUCADA SEM TAMBORIM NÃO É A MESMA COISA

Um dos focos da reunião era como proceder em relação a quem participava da escolinha da bateria, tentando aprender algum instrumento.

– Mano, eu acho que se o cara é ruim, a gente tem que mandar embora sim, sem frescura!

– Mas você não pode fazer isso! O cara tá lá de boa, tentando. Você não pode excluir o cara da bateria e falar que ele é ruim. É um cara que sai da bateria, da escola de samba e da torcida. Não tem como, tem que continuar ensinando.

– Para, meu, é perda de tempo.

– Ou incentiva o cara a mudar de instrumento. Às vezes ele não sabe tocar caixa, mas se dá bem no chocalho. É assim que funciona.

Marcelo, um dos diretores da bateria, era a favor de excluir do grupo quem não estivesse tocando bem, mas encontrava resistência de outros membros. Pelo que observei, a cada ano a bateria sofria com a renovação dos membros e tinha que começar seu samba do zero. Tão complicado como lidar com isso é aceitar – o que Marcelo não conseguia – quem não todo mundo tem facilidade para música e precisa de mais tempo para aprender. Por muito tempo, a discussão era essa, até que uma das soluções começou a aparecer.

– Tá, a gente fica ensinando o cara eternamente. Beleza. Mas a gente não tem

tamborim. E uma batucada sem tamborim não é batucada.

– Não, mano, com isso fica sussa. Essa parte é com a gente.

Um dos dois que Batata tinha me apresentado como skinhead estava falando; um careca, gordinho, de olhos bem azuis e aparência séria. Percebi que, ao contrário de muita gente que conheci lá, ele não carregava as cores tricolores, mas um azul e rosa que fez sentido quando li “Rosas de Ouro” em sua roupa. Seu companheiro, também de olhos claros, mas magro e quase roçando a cabeça no teto da sala, identificava-se como membro da Nenê de Vila Matilde.

– Então, mano, eu trouxe os cara aqui, tá ligado, e eles se dispuseram a ajudar nós.

– É, então, eu e meu brother estamos acostumados a tocar e a gente consegue ensinar um pessoal a tocar.

– A gente tem um grupo bom de tamborins que é formado já. Essa parte é sussa, deixa que nós dá um jeito. A gente consegue uns 20 nego bom, tá ligado? Que tem braço pra tocar bastante e tiram o carreteiro certinho, a batida certinha. São 20 tamborins dos melhores, coisa top.

– Vocês fecham com a gente?

– Pela gente tá fechado já. Mas assim, cara, a gente não quer privilégio nenhum, manja? A gente quer ajudar, nada de estrelinha nem nada. Tamo aí pra somar.

OS NEGRO BOM QUE A GENTE PRECISA

– A gente precisa ver direito essas coisas desse carnaval. Esse ano a gente tomou no rabo com um monte de coisa. Essa história de fantasia doada, teve que arrumar tudo de novo. Pessoal indo pra concentração e a gente ainda arrumando roupa.

– A gente achou que fosse economizar dinheiro, mas rendeu mais trabalho, isso sim!

– Falta gente...a gente precisava de uns negro bom de novo, uns negro parça, tipo o Sukita. O foda é que ele não volta mais, né.

– Mano, esquece o Sukita... Depois do que aconteceu ele não quer saber mais de torcida, cara.

– O cara foi preso, mas era um dos cara mais ponta firma que a gente tinha aqui.

O apelido Sukita não era estranho, mas não conseguia saber de onde conhecia. Era das notícias de jornais. Sukita, ou Carlos André Amorosino Junior, ex-

presidente da Independente, era um dos acusados de matar o palmeirense Mauro Roberto Costa a pauladas e não prestar socorro a Diógenes Fernandes Ventura, de sua própria torcida, em um crime acontecido em 22 de fevereiro de 2003. A confusão se iniciou no Anhembi quando membros do então Bloco Independente atacaram integrantes do Pavilhão 9. O carnavalesco Ruy Luciano Nogueira, que preparava um carro alegórico, morreu com um tiro na cabeça. Após os desfiles, enquanto os ônibus do bloco rodavam pelas ruas paulistanas, os torcedores fizeram os motoristas passarem em frente à Mancha Alviverde. Houve outra briga no local e mais duas mortes. Julgado em 2007, pegou 14 anos de prisão. Foi esse o incidente que extinguiu o Bloco Independente na época e era de um dos acusados de quem Batata sentia falta. Vindo dele, não havia nem o que falar. Ele ainda continuou se lamentando até que outras pessoas começaram a conversar sobre o material para o desfile.

– Não tem nada que dê pra reaproveitar? Ou que reaproveitou esse ano?

– Acho que algumas ferragens, só.

– Foda é que a gente acabou o desfile e eu não tinha certeza que tinha dado tudo certo.

Utilizando material doado, a escola conseguiu gastar um montante absurdo e não fazer um carnaval satisfatório. Mas de onde vem todo esse dinheiro, se é uma escola do grupo 3? Não sei se seria tão fácil conseguir patrocínio assim, ainda mais sendo uma escola nova – pelo menos com o novo nome – e ligada a uma torcida organizada. Mas como muita coisa na Independente, havia partes impossíveis de entender só com a lógica. O dono da torcida, fingindo lamentar, fez com que algum participante da reunião desse a resposta que eu queria.

– Foda, esse carnaval eu quero ajudar mais. Esse ano eu não fiz nada!

– Como assim, não fez nada? Você tirou R\$ 19 mil do bolso e diz que não fez nada? Cala a boca, Batata!

O playboy bandido da minha história tirou o dinheiro do próprio bolso para colocar no carnaval. Mas de onde vem esse dinheiro eu já não sei, ele não me falou nada que pudesse ser confiável. A escola, plenamente desorganizada, parecia estar nas mãos de um dono que também não sabia o que fazer com ela, além de injetar seu próprio dinheiro obscuro. Deve vir das coisas que ele considera necessárias...ou das pessoas de quem ele acha que a torcida precisa. Ainda assim, os participantes da reunião estavam dispostos a fazer algo novo dessa vez. Vamos esperar até o carnaval então!

CAPÍTULO 6

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE: SEJA BEM-VINDO!

*“Avante, meu tricolor
Veste a camisa com amor
Com raça o time vai chegar”
Avante, meu tricolor*

Minha visita à Independente rendeu boas histórias e alguns questionamentos; muitos membros da torcida reclamaram sobre a pouca relação que mantêm com o clube e com os jogadores, então considerei que seria interessante ouvir o que eles pensam também. Sabia, porém, que chegar até eles seria bem mais difícil do que à Independente – embora não fosse me perder no caminho, já que o Centro de Treinamento Frederico Antonio Germano Menzen, conhecido como CT da Barra Funda, é bem próximo à minha residência.

Já havia tentado contato com o assessor de imprensa do São Paulo, Juca Pacheco, via e-mail, mas não tinha segurança de que meu desejo fosse se tornar realidade. Diante disso, entrei em contato com Hélio novamente, pois ele parecia conhecer bem o funcionamento do São Paulo e poderia me ajudar nessa parte. Liguei incontáveis vezes para o número que estava no cartão que ele me deu e parecia que algo conspirava contra mim. Ou ninguém atendia ao telefone, ou o “senhor Hélio” não podia falar, ou anotavam o telefone, mas sem nenhuma ligação como retorno. Quando um leve desespero começava a se manifestar, aconteceu.

– Oi, Hélio. Tá se lembrando de mim? Conversei com você lá na Independente...você ficou de tentar me ajudar a ir no CT do São Paulo, lembra?

– Ah, claro que lembro. Espera...você pode me ligar mais tarde? Vou ver e mais tarde de dou uma resposta, pode ser?

– Claro que pode!

A espera foi em vão; continuei tendo imensas dificuldades para falar com ele e, quando conseguia, recebia um novo pedido para esperar. Cansei e tentei direto no CT, mesmo sabendo que meu histórico de tentativas não estava nada bom. Para minha felicidade, ouvi o tão esperado “sim” de Juca Pacheco.

– Tá, entendi. Então, quer vir aqui hoje? Vai ser o primeiro treino do Adílson Batista, pode vir se quiser. Começa às 15h.

– Posso ir então? E tem como eu conversar com algum jogador?
– Consigo que você fale com algum depois do treino.
– Combinado então, Juca. Muito obrigada!
Ia entrar em mais um território adversário. Fui almoçar e preparar meu psicológico para o que viria depois.

A LEI TRICOLOR

Chegando ao portão do CT, me deparei com alguns garotos que esperavam que algum jogador passasse por ali ou até mesmo uma chance para entrar no clube. Fui falar com o segurança, que autorizou minha entrada e me explicou como andar dentro daquele labirinto tricolor. Os meninos ficaram me olhando, talvez tentando entender o que eu havia feito para ter tal chance.

O lugar, ironicamente, não me soou tão tricolor assim. O verde das inúmeras e enormes árvores do ambiente faziam com que o centro se tornasse uma espécie de fortaleza. Os campos onde os jogadores treinavam, bem distantes dos portões, não permitiam com que fosse vista ou escutada qualquer tipo de manifestação feita por torcedores; nem mesmo o som da movimentada Avenida Marquês de São Vicente era ouvido. Só eram audíveis os gritos do técnico recém-chegado, Adílson Batista, e dos chutes que alguns jogadores disparavam em relação ao gol. Rogério Ceni, o goleiro tão aclamado por alguns, treinava separado do restante da equipe são-paulina.

Próximo ao campo, havia diversos jornalistas e fotógrafos comentando sobre a chegada do novo técnico; havia uns torcedores também – poucos – com a camisa do clube. Parecia que, assim como eu, eram alguns privilegiados que puderam entrar no CT. No meio de tantas pessoas, demorei um pouco para encontrar Juca e saber mais como poderia fazer meu trabalho.

– Você é a Vanessa?
– Sim, sou eu. Obrigada pela oportunidade de estar aqui.
– Imagina. Olha, fica a vontade aí. Quando acabar o treino eu chamo uns dois jogadores pra conversar com você, pode ser? O que você quer falar com eles mesmo?

Expliquei novamente meu trabalho e ele deu um tapinha amigável no meu ombro antes de sair. Fiquei olhando a equipe rival treinar, ao mesmo tempo em que admitia para mim mesma que aquele lugar era fantástico. Pelo pouco que consegui ver, a estrutura do São Paulo não deixava a desejar em nada, nem na

forma receptiva do assessor. Os fotógrafos pouco a pouco foram montando seus equipamentos à beira do campo, à procura do ângulo perfeito para seus veículos de comunicação. Continuei parada do lado de fora; não sabia se podia ficar com eles, achei melhor não correr o risco. Quando Juca passou de novo, perguntei se podia me juntar aos outros profissionais.

– Pode, lógico. Só tem ficar ali na área demarcada pra imprensa, dentro daquele retângulo branco. Pode ficar lá, tirar foto, tudo.

Olhando lá de dentro, vi rostos conhecidos. Marlos, Dagoberto, Jean, Rhodolfo e Lucas foram os primeiros que reconheci; o último, inclusive, até conseguiu me fazer abrir um sorrisinho meio tímido e quebrar o nervoso que sentia por estar ali. Confesso que sou fã dele. Alguns jornalistas vieram conversar comigo e entender meu trabalho, conversar sobre a profissão, suas épocas de estudante e como as coisas mudaram ao longo do ano. Em comum, todos comentaram como é boa a relação entre o clube e a imprensa e o espaço que tem para fotos e perguntas em coletivas. A receptividade e a organização pareciam ser lei em território tricolor.

UMA VEZ TORCEDOR...

Terminado o treino, alguns jogadores se mantiveram em campo conversando, enquanto outros saíam tranquilamente. Comecei a procurar Juca, com medo de que tivesse se esquecido de mim. Para o meu consolo, não.

– Ah, você tá aqui. Quer ir conversando com o Rhodolfo enquanto isso? Aproveita que ele já saindo e você já fala com ele.

– Beleza, combinado.

O zagueiro e atual camisa quatro tricolor se aproximou de mim e abriu um sorriso. Senti-me quase intimidada pelo homem de 1m93 e olhos negros profundos que me espiava curioso. Os mais de 30 centímetros de diferença entre nossas alturas me fizeram virar tanto o pescoço que por pouco não saí dolorida. Juca apareceu e contou a ele o que eu desejava.

– Rhodolfo, essa aqui é a Vanessa. Ela tá fazendo um trabalho sobre torcidas organizadas e quer conversar com você um pouco, pode ser?

– Pode sim, tranquilo. Oi, Vanessa, tudo bem?

– Tudo sim e com você?

– Tudo certinho também. Pode falar.

Foi a primeira vez que conversei com um jogador de futebol profissional e,

como a maioria das coisas ali, não deixou a desejar. Muito empolgado, começou contando histórias sobre quando ainda jogava no Atlético Paranaense e sua relação com a torcida lá, que sempre enchia o estádio e ajudava bastante quando o time estava perdendo – ou apanhando mesmo, algumas vezes; inclusive, disse que os torcedores pediram bastante para que ele não saísse do time, o que o deixou muito emocionado. A emoção é uma espécie de saudade ao falar de quando ainda jogava no Furacão⁷ pareciam lhe trazer recordações muito boas.

– Você jogou no Paraná e parece ter uma relação muito boa com a torcida do Atlético. Tem muita diferença entre os torcedores de lá e aqui do São Paulo?

– Acho que a única diferença é em relação a brigas, aqui eu não vi muito isso. Lá a cidade por ser mais pequena um pouco tinha bastante disso no clássico. Então é essa diferença, que aqui ainda vi isso e que lá tinha muito.

– Aqui em clássicos é tão diferente assim?

– Quando a gente jogava com o rival, o Coritiba, a gente chegava escoltado e tacavam pedra no ônibus. É uma bobeira. Tem que ir pra torcer, não pra querer briga. Lá direto tinha a fatalidade de morrer torcedores. Acho que a torcida tem que estar lá pra fazer festa, não pra arrumar confusão.

Para ele, o torcedor é uma parte importante no espetáculo futebol. Pensei nos meus entrevistados da Independente; talvez fossem gostar do que eu ouvia. Roldolfo ainda acredita que o clube precisa escutar mais o torcedor, organizado ou não, uma vez que ele paga ingresso para a partida, consome produtos do clube, principalmente camisas e dedica parte do seu tempo a ocupar o clube.

– Falo por mim, quando tem torcedores aqui no CT eu procuro parar pra conversar. Acho que até alguns da diretoria tinham que escutar um pouco mais a torcida também, porque às vezes eles acompanham até mais que o jogador, sabe todas as rodadas, e às vezes a gente nem sabe.

– Mas você sempre pensou assim ou mudou alguma coisa depois que você se tornou jogador profissional?

– Eu era torcedor, antes de jogar no Atlético Paranaense eu ficava muito na arquibancada. Fiquei quatro, cinco anos vendo eles jogar e vi como torcedor sofre até mais que a gente, porque quando não jogo eu torço também. Por isso tento dar a minha vida em campo e jogar com vontade.

Continuamos conversando e me lembrei de Feijão dizendo que a torcida são-paulina era muito insatisfeita e reclamava independente do resultado que o placar

⁷ Forma como é conhecido o Atlético Paranaense.

mostrava. Rhodolfo, que estava no clube há pouco mais de cinco meses, dizia já ter ouvido sobre isso, mas nunca presenciado algum tipo de manifestação ou coisa parecida; disse apenas saber que lidava com uma torcida bastante exigente. Os torcedores ficaram bastante irritados com a derrota e consequente eliminação na Copa do Brasil⁸, mas segundo ele era uma coisa comum de quem estava acostumado com títulos e que poderia mudar quando o time começasse a ganhar.

Gostava da forma cuidadosa como ele falava do torcedor e o respeito com quem gritava o nome dele durante os jogos. Imaginei-o como um fanático gritando por seu time. E não estava tão errada assim.

– Você torcia nas arquibancadas. Mas alguma vez você já pensou em entrar para alguma torcida organizada?

– Eu sempre torcia, até na torcida organizada do Atlético! Lá fizeram a torcida organizada quando eu era mais novo. Na organizada tem mais pressão, é mais muvuca, como se fala. Acho que é mais gostoso. Se eu não fosse jogador, acho que com certeza eu estaria, mas sem briga, sem nada.

Arrumei um jogador e um ex-membro de organizada de uma vez! Aquela tarde estava muito boa, mesmo sendo tricolor. Rhodolfo se despediu de mim e desapareceu por uma escadinha à minha direita.

SÓ FALAR QUE É ASSIM

Um jornalista ouviu minha conversa com o zagueiro e se interessou:

– O que você estava falando com ele?

– É pro meu trabalho de faculdade.

– TCC, acertei?

– É, acertou!

Minha péssima memória não me permite lembrar o nome dele, mas conversamos um pouco enquanto nenhum outro jogador estava disponível. Trabalhando com jornalismo há anos, contou ter se formado na faculdade há pouco tempo.

– Tava fazendo TCC quando caiu a obrigatoriedade do diploma. É muito azar, né!

Bem simpático e disposto a me ajudar, revelou que o São Paulo é um clube muito amigo para os jornalistas, diferentemente de outros, como o Corinthians –

⁸ A equipe foi eliminada da Copa do Brasil de 2011 pelo Avaí (SC). O tricolor venceu o primeiro jogo por um a zero, mas perdeu o segundo jogo por três a um.

e minha amiga Carolina veria em outro momento. Estava interessada no assunto quando Juca apareceu e me lembrou que ainda havia outra entrevista para fazer.

– Vanessa, o Wellington pode te ajudar também. Ela tá fazendo um trabalho pra faculdade.

– Beleza, tranquilo.

E Juca, ao contrário da forma como procedeu com Rhodolfo, instruiu o jogador sobre o que dizer.

– É sobre torcida. Fala que é bom, que é importante, que ajuda vocês, essas coisas.

O assessor de imprensa do São Paulo tentou ditar as palavras da minha entrevista. A postura não combinava com a receptividade e com a organização que tinham me marcado; mais estranho ainda porque antes de me apresentar a Rhodolfo, Juca não disse nada. Não sei se ele ficou com medo de que Wellington, mais novo – ele tem 20 anos, cinco a menos que o zagueiro – pudesse falar alguma coisa comprometedora, ou se quis cortar meu trabalho. Acredito mais na primeira opção, embora tenha ficado claramente surpresa. E o jogador também, tanto que ficou me olhando até que quebrei o silêncio e comecei a conversa. Negro, careca, 20 anos e 1m73, o camisa cinco do São Paulo era bem mais tímido – ou até mesmo desconfiado – que meu entrevistado de antes.

Ele me contou sobre um jogo em que mais se emocionou com a torcida, uma partida contra o Fluminense, no Morumbi. Wellington não estava em campo, mas afirmou que ter a casa cheia como nesse dia era uma coisa especial e empolgante. Assim como o companheiro de equipe que o antecedeu, comentou a eliminação da Copa do Brasil como um momento de atuação negativa por parte dos torcedores.

– Vieram alguns torcedores manifestar, cobrar, mas isso é normal no futebol, acontece. Claro que não pode haver ofensas nem vandalismos, mas tem alguns torcedores não têm a cabeça no lugar e acaba acontecendo.

O meio-campista não tinha a mesma intimidade com as palavras que Rhodolfo e, constantemente, olhava para o chão, como se esperasse que alguma resposta pudesse vir de lá. Talvez por isso Juca tenha falado com ele antes de começarmos a entrevista. A diferença entre os dois jogadores, porém, se tornou mais evidente na forma em que veem as organizadas e sua relação com o clube.

– Eu acho que a torcida tem que ajudar o time na arquibancada. Vindo aqui no CT creio eu que não vai ajudar em nada. Claro que se você ver um Corinthians e São Paulo e tiver só a torcida são-paulina isso vai motivar muito mais. Se

a torcida continuar indo no estádio vai colaborar bem mais do que vindo no CT e cobrar a diretoria, fazendo vandalismo.

– Se a torcida vem até aqui é porque não está satisfeita com alguma coisa, certo?
– É um torcedor campeão, acostumado a ganhar títulos, campeonatos importantes. Quando não os títulos não vêm acaba vindo a cobrança, o que é normal no futebol quando você perde.

O jogador está ali para ser julgado, algo natural, segundo ele. E isso não quer dizer que a torcida são-paulina seja a mais exigente; a cobrança é só consequência do que o time apresenta dentro das quatro linhas. Para Wellington, a torcida tricolor é a mais feliz pelos vários títulos que o clube já conquistou.

– E como você via as torcidas organizadas antes de ser um jogador profissional?
– Eu tinha medo no estádio, né! Quando não era profissional, ia ver o São Paulo jogar, mas nunca fui de arquibancada. Sempre fui de cativa, que é melhor. Tinha medo, tinha receio de levar minha mãe no estádio porque tinha muito vandalismo. Hoje em dia, graças a Deus, tem muito mais policiamento, mais segurança, mas ainda precisa melhorar muito ainda.

– O que você acha que precisa melhorar?
– Acho que é da consciência de cada um. Se cada um tivesse a consciência de paz dentro do coração não teria brigas, não teria essas mortes, né. Não é porque o outro torce pro outro time que tem que matar o cara.
– Você nunca pensou em entrar em uma torcida organizada então?
– Não, nunca. Isso não!

Assim terminou nossa entrevista. Desejei a ele muito sucesso e ele me desejou boa sorte com o trabalho, antes de falar com o jornalista cujo nome não me recordo. Ficou ali por perto cerca de um minuto e também foi embora.

É JOGADOR ADVERSÁRIO, MAS EU GOSTO!

– Deu certo? Conseguiu falar com eles?
– Consegui sim, Juca. Muito obrigada, obrigada mesmo.
– Imagina, imagina. Quer falar com mais alguém?
– Eu queria um segurança... Pode ser?
– Olha, a coletiva vai começar daqui a pouco. Espera um pouquinho que eu já falo com você.

Os fotógrafos desmontavam seus equipamentos e se preparavam para a coletiva quando se aproximou o jogador que mais quis ver de perto durante todo

o tempo em que estive lá: Lucas! Bem cansado, parava para conversar com os jornalistas, sempre com um sorriso no rosto. Confesso que ele era uma graça e que, por breves minutos, agradeci estar naquele lugar. Ele se aproximou de mim segurando um pião e um longo pedaço de barbante e o jornalista que estava ao meu lado brincou com ele.

– Pô, Lucas, isso não é da sua época não! Aposto que você não sabe brincar de pião...

– Claro que sei, olha aqui, olha!

E tentou fazer o pião girar no gramado. Tentativa frustrada.

– Eu sei sim, é culpa da grama!

– Lucas, vai jogar bola, vai! Desiste desse pião e vai atrás da bola!

– Mas eu sei, espera!

Tentava, como criança, fazer o pião rodopiar na grama, na mão, em uma parte de cimento atrás de onde estávamos. Ria da brincadeira, feliz. Eu olhava o jogador rival e ria junto, até que ele resolveu ir embora. Não resisti.

– Lucas, posso tirar uma foto com você?

– Pode, só tô suado! Mas claro que pode.

Consegui a foto e saí feliz. Se ele jogasse no meu time seria bem melhor!

O CHEFE DA SEGURANÇA

Ainda pensando na foto com meu ídolo, vi a entrevista coletiva com Jean começar, terminar...e nem sinal do Juca. Começava a escurecer e esfriar; eu não tinha blusa. Andando pelo CT, encontrei a sala da imprensa, mas sem ele. Pouco depois, apareceu com Márcio Santos, de 37 anos, chefe de segurança do São Paulo. Um homem alto e forte, como a maioria dos seguranças, que exalava perfume e arrumava seus cabelos ainda molhados do banho. Se fosse torcedora são-paulina, desistiria de qualquer manifestação só por olhar para ele: era enorme e intimidador.

Juca disse ter demorado um pouco para encontrá-lo e, novamente, disse para que eu ficasse à vontade e saiu. Conversamos em frente à sala da imprensa. Márcio, com seu perceptível sotaque nordestino, contou que trabalha com segurança há quase 19 anos e que já vivenciou histórias felizes, tristes e bizarras.

– Desse tempo, 14 anos passei aqui no São Paulo. A gente já tivemos diversos problemas positivos e negativos, a maioria quando o time não tá bem. A torcida quer resultado e, quando não vem, a chapa esquenta.

Muitos torcedores vão agredir jogadores em aeroportos ou no próprio CT quando o time não está em uma boa fase. Mas, de acordo com Márcio, a dificuldade é maior está em lidar com os membros de organizadas, que costumam ser mais eufóricos. Os torcedores que não fazem baderna – principalmente famílias que acompanham o time – têm pontos positivos com a segurança do clube, já que colaboraram para que não haja brigas e agressões.

– Vocês recebem algum treinamento específico pra lidar com os torcedores?

– A gente faz o curso de vigilante exigido pela Polícia Federal e a cada dois anos há reciclagem. Além disso, o clube aqui oferece cursos durante o ano, pra gente lidar com incêndios, essas coisas, e saber lidar com o público no dia-a-dia.

Márcio afirma que as torcidas grandes, como as do Palmeiras, Corinthians e Flamengo, são bem parecidas e estão quase todas em um nível igual. Nos momentos bons eles adoram e nos momentos ruins eles cobram o clube, de todas as maneiras. Além de haver pouca diferença, ele afirma gerações de torcedores mais novos não são diferentes das mais antigas; são apenas mais organizadas. Com o aumento do aparato tecnológico – celular e internet principalmente – ficou mais fácil marcar confrontos entre rivais.

– E o que vocês, como seguranças, fazem pra impedir a violência dos torcedores?

– Na verdade, a gente tem uma contribuição para que não aconteça o pior. Cuida para deslocar os atletas com segurança e dificultar o acesso dos torcedores até a gente. Tem vários fatores em que a gente contribui para nada dar errado, tanto a gente como a Polícia Militar.

Márcio afirma que a Polícia de São Paulo é uma das mais preparadas do Brasil, uma vez que é bastante preocupada com a proteção humana e investe bastante em formação profissional e tecnologia para realização de seus trabalhos. Quando há clássicos, a equipe de segurança do São Paulo vai até o Batalhão de Choque participar de reuniões sobre a estratégia e a logística que serão aplicadas no dia do jogo – assim como Néelson havia me dito na Independente.

– Vão funcionários do clube, membros de torcidas organizadas. Existe uma porrada de coisas para que haja o espetáculo. Marronzinhos isolando áreas, a prefeitura cuidando dos ambulantes para que não vendam bebidas alcoólicas, tudo isso faz parte da segurança. Até quando você vê torcedor falando que não tem ingresso é pra não ter confusão.

A parte da segurança envolvia mais do que o cordão de isolamento que estava acostumada a ver pela televisão; era um planejamento tão grande, tão detalha-

do, que quanto mais pensava ter entendido, mais percebia que ainda podia ser melhorado. Lembrava-me do que tinha ouvido na Independente e os motivos para não concordarem com essas reuniões; com o Ministério Público, a PM e os seguranças traçando estratégias e caminhos diversos, a torcida ficava submetida a uma série de decisões que deveriam ser cumpridas.

Além de pensarem nas ações das torcidas e como vão proteger os atletas, os seguranças têm quase a função de psicólogo. Quando os jogadores se preparam para alguma partida complicada ou vivem uma má fase durante um campeonato, eles entram com o apoio e com a certeza de que dará tudo certo, que o time vai ganhar.

– A gente procura deixar eles tranquilos ao máximo possível, falando que a gente tá ali preparado se alguma coisa negativa acontecer. A gente vai com reforços, seguranças e deixa os jogadores bastante à vontade. Se der certo em campo, beleza; se não der, os meninos da segurança garantem nada mais vai dar errado.

Márcio continuou me explicando suas atividades profissionais quando Roldolfo me veio à mente, ressaltando seu lado torcedor. Será que o segurança sempre foi tricolor?

– Eu nasci na Bahia e naquele tempo você torcia para dois times: ou Vasco ou Flamengo. Eu tinha uma quedinha pro Flamengo. Mas hoje, se jogar São Paulo e Flamengo eu sou São Paulo. É minha casa, é o time que eu gosto.

– E como o torcedor e o segurança dividem o mesmo corpo?

– Ah, o lado torcedor tem hora que dá aquela loucura, que você xinga, mas logo volta o lado profissional e lembro que não posso, que tô trabalhando! Eu que tenho que manter a cabeça no lugar.

– Mas você faria parte de alguma torcida organizada?

Foi a única vez, em todas as perguntas, que ele demorou para responder. Demorou, olhou para baixo, para os lados, para mim. Finalmente, ouvi sua voz outra vez.

– Não. Sinceramente não.

– Por quê?

– Olha só, a torcida organizada...ela é bem isso que você vê. Ela não é diferente. Eu iria pro estádio torcer, com a minha família, mas não com essa violência. A torcida organizada motiva muito a violência. Não todos, porque a gente não pode generalizar, mas na hora que junta aquele grupo pode ocasionar problemas.

CAPÍTULO 7

EU NÃO QUERO CADEIRA NUMERADA, EU VOU DE ARQUIBANCADA PRA SENTIR MAIS EMOÇÃO

*“Tem jogo no Morumbi
Eu vou assistir
São Paulo vai golear
E a festa vai começar
Vamo vamo tricolor
Laranja é sempre que eu vou”*

Cinco dias após minha primeira visita à sede da Independente, liguei para Japão para confirmar sobre o jogo do final de semana. O São Paulo ia enfrentar o Atlético Goianiense no Morumbi, em uma partida da 11ª rodada do Campeonato Brasileiro. Como tinha combinado com ele, queria ver o que os torcedores fazem na sede e ir com o grupo até o estádio, com o ônibus que a organizada freta. Além disso, ia ficar entre eles, acompanhando o jogo como se fosse da organizada, disfarçando minha vontade de ver o São Paulo perder.

Simpático, se lembrou de mim e disse que seria possível cumprir minha ideia. A partida se iniciaria às 18h30 e haveria gente na sede cerca de quatro horas antes. Ao contrário do que havíamos combinado, porém, não ganhei o ingresso. Enquanto conversava comigo pelo telefone, havia outra pessoa na sala que não permitiu que ele cumprisse nosso combinado.

- Cara, é foda, eu falei que ia dar o ingresso pra ela!
- Eu sei, mano, mas não vai rolar...
- Mas a mina é gente boa!

Discutiam sobre dar ou não o ingresso para a “mina da faculdade”. Aguardei na linha enquanto decidiam meu futuro. Alegando haver um probleminha com os ingressos, declarou não poder me dar uma cortesia. Paguei R\$ 30 para ver o inimigo jogar e fazer cara de feliz! Pedi para que deixasse um reservado para mim e nos despedimos após um pedido de desculpas. Senti que por ele não havia problema, mas realmente não teria como. Tudo bem.

DESLIZES

Almoei mais cedo e fui até o Largo do Paissandu, local onde a torcida se

concentra antes da saída do ônibus. Apenas quando estava chegando lá me dei conta de um erro gravíssimo.

– Caramba, eu tô de rosa!

Nem pensei que estava vestindo uma roupa que podia me trazer problemas; lembrava-me da reunião da escola de samba, em que comentavam sobre torcedores que usavam a camisa rosa do São Paulo no jogo contra o Corinthians. Já estava ficando nervosa quando vi alguns pingos de chuva pelo vidro do ônibus. Para a minha sorte, minha blusa de frio era preta. Ufa, estava resolvido.

Passei por dentro da Galeria do Rock e cheguei ao prédio da Independente. Subi pelas escadas rolantes até chegar a Japão e comprar meu ingresso. Desculpando-se novamente, vendeu-me os ingressos e, novamente, disse que podia ficar à vontade. Agradei e comecei a passear por aquele andar tricolor.

Em pouco tempo, encontrei as meninas da oposição – Laiane, Carol e Letícia, com outra menina da torcida, Sami. Elas me reconheceram e vieram perguntar se eu iria ao jogo com a torcida. Após minha resposta positiva, veio um convite para almoçar em uma lanchonete na mesma galeria onde estávamos. Recusei o almoço, mas fui até lá com elas.

DE REPÓRTER À ENTREVISTADA

Cada uma das meninas pediu um prato feito e um suco. Fiquei apenas observando e ouvindo as conversas. Embora sejam integrantes de uma das organizadas mais violentas do país, não passavam de meninas, como quaisquer outras. Elas vão para a pista, da mesma forma que organizam uma noite entre amigas para verem filme e comerem brigadeiro; falam dos garotos da torcida, da rua, do trabalho com o mesmo tom de voz que conversam sobre o que acham que há de errado na agremiação. Conversamos como se fôssemos amigas há tempos, discutimos relacionamentos e outras coisas, até que Carol mudou o rumo da conversa.

– Vai, agora fala para gente, a gente guarda segredo. Pra que time você torce? Gelei. Dentro do coração da torcida não podia me revelar.

– Por incrível que pareça, não tenho time. Meu pai é mineiro e gosta do Galo, acompanho mais por causa dele. Time meu mesmo, de coração, não tem. Gosto do futebol pelo jogo, independente de quem joga.

– Galo? A torcida do Cruzeiro é nossa aliada, hein...

Parecia que estava cercada por todos os lados; não tinha para onde fugir. Continuei argumentando que era o time do meu pai; não sei se acreditaram, mas

pelo menos não corria mais riscos.

– Calma, é brincadeira. Nada a ver!

Mas Letícia insistia em entender o porquê de uma menina sem time querer falar sobre torcidas organizadas. Sem perceber, de entrevistadora virei entrevistada e, em pouco tempo, contava sobre minha vida universitária e o que pensava sobre as torcidas.

– Mas por que você quer falar sobre torcidas organizadas? É o professor que escolhe o tema?

– Não. É que conheço um pouco de torcida organizada por causa da faculdade e...

– Peraí! Você é de organizada?

– Não! É que a faculdade disputa jogos entre as unidades de todo o estado. Aí, pra torcer, existem a bateria e a torcida organizada. Só que todo mundo que quem é de um dos dois é louco. Queria saber se isso também acontece nas torcidas de futebol.

– Que susto! Já ia falar que tinha uma mina de organizada infiltrada aqui! ‘Cê é louco...

– Não, não, nada a ver. Nem da torcida eu sou. Sou só da bateria, embora nos jogos fique tudo mundo meio junto.

E então comecei minha saga em explicar os jogos universitários, a bateria e a torcida. Elas desconheciam a existência de torcidas organizadas universitárias e se interessaram bastante pelo assunto. Falamos sobre ensaios, organização e trocamos experiências sobre o que levar para as arquibancadas para motivar os atletas, até Carol se atentar à questão da bateria e me surpreender.

– Você é da bateria, do tamborim, né? Por que você não vem desfilar aqui? Sempre falta gente pro tamborim, porque é difícil.

Aí já era demais para mim! Por mais que elas fossem simpáticas e estivessem me ajudando bastante, desfilar na escola inimiga ultrapassava os limites que meu coração impunha.

– Nossa, deve ser muito legal desfilar! Mas como falei, minha família é mineira e sempre viajo no carnaval. Nunca fico por aqui.

– Tô achando que é migué, hein! Você é de alguma escola?

– Não. Tem umas que gosto bastante, mas não sou de nenhuma.

– Que pena. Ia ser legal se você desfilasse com a gente.

Desculpem-me, meninas, mas isso já não posso fazer. Dançar com o samba rival dá azar!

MUITO TRABALHO, POUCOS TRABALHADORES

Almoço terminado, subimos novamente. Em frente a uma das lojinhas, conheci Careca, um torcedor fazia jus ao apelido em dois sentidos: pela falta de cabelos e pela tatuagem na cabeça. Muito simpático, contava suas expectativas para a partida quando fomos interrompidos por alguns gritos:

– Chama os cara aí, porra! Temo que pegar as coisas pro jogo, tá tudo aqui ainda! Já viram os bandeirões? Não tem nada separado.

O apelo era de quem sabia que havia muito trabalho a ser feito e pouca gente disposta a ajudar. Os pedidos foram repetidos diversas vezes até que as pessoas comessem a se movimentar. Uma parte do material, guardada no andar de cima da lojinha, era descida com cuidado e deixada em um cantinho, separada. Com o passar das horas, as meninas me chamaram e descemos juntas até o Largo Paissandu, perto de onde sairíamos.

Aliás, nem precisavam explicar o caminho com muitos detalhes; um fluxo tricolor mostrava exatamente como chegar a um ônibus velho, encostado em frente a uma lanchonete. Uma garoa parecia querer nos acompanhar até o Morumbi.

– Associado com mensalidade em dia pode subir! Só com mensalidade em dia!

Feijão gritava sem parar, como se fosse resolver alguma coisa. Todos os que ali estavam queriam entrar no ônibus, independente do pagamento. Acho que ele aproveitou o momento para lembrar os sócios que havia algumas regras a serem cumpridas – mas que pouca gente se recordava. Depois de muito aperto, passei por ele e ele perguntou se eu era sócia.

– Feijão, não tá lembrando de mim?

– É verdade, a mina da faculdade! Sobe aí, mina.

O ônibus já estava cheio quando finalmente subi. Apertada, fui até o Morumbi em pé, perto de algumas meninas. Pouco depois de sairmos senti um forte cheiro de maconha vindo dos primeiros bancos; distingi alguns membros da diretoria sentados naquela região, Néelson entre eles. Lembrei-me dele dizendo que os veria mais soltos, fazendo coisas “que devem fazer em algum lugar escondido da sua faculdade”. Nada que eu não imaginasse. Separados das mulheres e de algumas crianças que estavam no veículo, foram até o estádio consumindo bebidas alcoólicas e drogas.

AQUI NÃO É IGREJA NÃO, GENTE!

Um longo caminho separava a sede da Independente do estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi. Durante essa quase viagem, alguns torce-

dores tentavam puxar gritos da Independente para que todos entrassem no clima do jogo:

– Vai lá, vai lá, vai lá, vai lá de coração...

A tentativa foi em vão; a torcida cantava um pouco e, logo depois se calava, ou voltava para as conversas entre amigos. Para disfarçar, mexi com algum a boca em alguns versos, porém o grupo parou de cantar antes que eu pudesse me animar. Ainda bem! Uns torcedores ainda insistiam:

– Tá chegando a Independente, tá chegando a Independente...

Essa eu conhecia e confesso que até cantei um pouco. Carol se assustou e perguntou como eu conhecia a música; já vi a torcida cantar pela televisão e conheci outras versões também. Mais uma tentativa que não foi muito longe. Os são-paulinos se empolgavam as primeiras vezes em que cantavam – batendo no teto do ônibus – mas logo as pessoas desanimavam. Foi assim até que Careca cansou e desabafou:

– Gente, isso aqui não é igreja não! É a Torcida Tricolor Independente, porra! Vamo animar, galera!

O desabafo veio acompanhado de gritos e aplausos, mas que, como sempre, logo cessaram. Vencido, Careca desistiu.

EU ESTAVA LÁ, NO MORUMBI

Enquanto descia em frente à casa do rival, alguns membros da torcida descarregavam as bandeiras e os instrumentos para o espetáculo. Carol seguiu apressada pois a PM revista o material antes de permitir a entrada no estádio. Não vi como procederam com aos instrumentos, mas todas as bandeiras foram esticadas e analisadas detalhadamente. Estava tudo bem.

De acordo com o Estatuto do Torcedor, apenas pessoas credenciadas na FPF⁹ podem entrar no estádio com roupas da torcida; para isso, é preciso apresentar uma carteirinha ao passar pelas catracas.

– Alguém vai ter que fazer esquema comigo, tô sem minha carteirinha.

– Relaxa, a gente dá um jeito. Sempre passa.

Sami estava sem a documentação e mesmo assim conseguiu passar pelos fiscais. Novamente com Carol no grupo, subimos até a arquibancada lugar, território fixo da Independente. Mesmo antes do jogo começar, alguns ritmistas já davam as

⁹ Federação Paulista de Futebol.

primeiras batidas em seus surdos, caixas e ripas, ensaiando gritos e convidando a torcida são-paulina a se unir. A garoa ainda caía e aumentava o frio.

– Calma, com o jogo esquentando, você vai ver.

Sorri para Letícia como se realmente acreditasse naquilo.

ROSA, DE NOVO!

Andando pela arquibancada, encontrei um homem que, assim como eu, estava no Morumbi pela primeira vez. O economista Alexander Kokoll, de 44 anos, acompanhava o filho Richard e dois sobrinhos ingleses que passavam férias no Brasil. O pai foi convidado a ir ao estádio pelo filho, acostumado a frequentar os jogos tricolores com o irmão. A família toda é são-paulina.

– E por que vocês escolheram ficar perto da Independente? Muita gente prefere ficar longe porque tem medo...

– Eu gosto de ficar aqui porque é mais animado, tem a bateria, os bandeirões. É mais legal. E trouxe meus primos para verem como é também.

Um dos ingleses parecia familiarizado com o clube, tanto que vestia uma camisa do São Paulo. Bem a camisa rosa! Admirador de Rogério Ceni e goleiro na Inglaterra, viu o ídolo com uniforme e comprou uma vestimenta igual. Perguntei se eles não se importavam com a cor; Richard disse que não havia problemas.

Porém, os torcedores da Independente não pensavam da mesma forma; um integrante passou e deu um leve soco no ombro do visitante estrangeiro e reclamou.

– Essa porra rosa não, caralho! Aqui é tricolor!

O tio não testemunhou a agressão e ficou surpreso quando lhe contei o que havia visto. Não comentou nada. Agradei e voltei ao lugar onde estava; Alexander, ao contrário, foi sentar-se ao lado do sobrinho, como um escudo.

E APITA O JUIZ!

A bola começou a rolar, a torcida se animou conforme a bateria tocava. A arquibancada azul, ao nosso lado, pulava junto com as batidas do surdo – Carol estava lá, forte e concentrada, defendendo seu instrumento. Conforme a Independente puxava os gritos, os outros torcedores se empolgavam e cantavam junto; seguravam os bandeirões e balançavam de um lado para outro num movimento tão sincronizado que devia ser lindo de ver do outro. A dança das bandeiras agitava quem estava no Morumbi, inclusive quem não era tão fanático assim.

Porém, conforme a partida avançava, ficava nítida a diferença entre a organizada e o setor azul; o segundo, mais preocupado com o que acontecia dentro de campo, lamentava mais as chances de gol que o time perdia, xingava o juiz algumas vezes e vaiava quando o adversário tocava a bola. A organizada se mostrava mais preocupada em puxar gritos e mais gritos, sem se atentar ao que acontecia no gramado. Era quase algo mecânico, um CD tocando freneticamente. A explosão na torcida aconteceu nos momentos dos gols; ainda assim, a bateria se manteve quase inabalável, como se nada a afetasse.

Observei que alguns torcedores não assistem ao jogo. Conversam, passeiam, falam sobre as meninas e os rapazes da arquibancada e consomem drogas. Mesmo assim, havia olhos vidrados e vozes que misturavam orações e palavrões, sem que cada lance passasse despercebido. O segundo tempo já havia começado há muito tempo quando Careca parou em minha frente e puxou assunto:

- Nossa, acabei de entrar. Quanto tá o jogo?
- Como assim, você só entrou agora?
- Menina, já vi muito jogo na minha vida. Não aguento mais. Gosto da torcida, das pessoas. Não vejo jogo faz tempo já.
- Você tá brincando comigo!
- Não tô não! Tem jogo que venho até o Morumbi e não entro, fico lá fora.

Jogo encerrado em um empate de dois a dois. A torcida da casa, que desejava tanto uma vitória, foi obrigada a voltar para casa com um nó na garganta. No ônibus, após a mesma bagunça da saída do largo Paissandu, voltei sentada, ouvindo os comentários sobre o mau desempenho do São Paulo. Eu estava feliz. Meu time ainda era líder do Campeonato.

PARTE II

NOVAS VERSÕES, RESPOSTAS E ENTREVISTAS

Quando decidi entender como funcionava uma torcida organizada, sabia que – apesar de ser o mais motivador – não bastaria apenas ouvir as histórias e a opinião de quem vivia essa realidade. Ir até a capital e ver de perto o dia-a-dia dos torcedores esclareceu algumas dúvidas minhas, mas acabou trazendo outras. Para responder a tantas perguntas a respeito de um universo que reúne futebol, paixão, rivalidade e interesse, conversei com pessoas que também se envolveram com as torcidas organizadas – umas mais, outras menos.

Nesta segunda parte do livro, você encontra entrevistas com pesquisadores, ex-comandante do Batalhão de Choque e atual chefe de arbitragem, jornalista, presidente da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (CONATORG) e outros.

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO¹⁰

Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (2000), Toledo é coordenador do programa de pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de São Carlos e professor do departamento de Ciências Sociais. Suas pesquisas são direcionadas à área de Antropologia, com ênfase em práticas esportivas, festas e corporalidade. São-paulino, um de seus trabalhos foi acompanhar a situação da Torcida Tricolor Independente, do São Paulo Futebol Clube – em pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP no início dos anos 90 – resultando no livro “Torcidas Organizadas de Futebol”.

É possível existir isenção em um trabalho de campo que mexe com temas como paixão e futebol? No jornalismo, por exemplo?

Não há isenção jornalística. Os meios de comunicação formam conglomerados privados, muito próximos do Estado ou de instituições políticas. Defendem interesses específicos e essa dinâmica é “naturalmente” parte do meio. Não há qualquer condenação moral sobre esse fato, óbvio, mas penso que o bom ou o mau jornalismo constitui uma dinâmica de espelhamento e de transparência na defesa desses interesses. Se posicionar politicamente não é algo em si mesmo condená-

¹⁰ Entrevista concedida por e-mail em 25/08/2011

vel. O futebol é uma seara que move os interesses relacionados ao jornalismo, mas a diferença é que temos uma situação peculiar, que separa a televisão de outros tipos de jornalismo. Uma Folha de S. Paulo, em tese, estaria mais à vontade para praticar um jornalismo investigativo que uma rede Globo de Televisão. A Internet é outro meio que arejou muito o campo do jornalismo investigativo e crítico, aí se produz bom jornalismo esportivo também.

Você acompanhou a Torcida Independente. Quais eram suas impressões a respeito dela antes de desenvolver a pesquisa e no que isso mudou depois?

Depois dos anos 90, acompanhei muito esporadicamente e quase somente pela mídia a Independente. De modo geral, as torcidas, antes da sistemática participação no carnaval oficial paulistano, tinham outro perfil. Penso que essa participação para além do esporte foi decisiva para modular a monomania pelo futebol no interior desses coletivos torcedores. Torcidas organizadas não são sinônimos de violência sempre ou não se pode tomar a violência física entre torcedores organizados como um dado constitutivo desses arranjos sociais desde sempre. Há um período de intensa disputa e violência física que coincide curiosamente com o momento de redemocratização do país e isso é um tema pouco ou nada abordado pela mídia ou pelos especialistas. A Independente, sobretudo, por manter os níveis de violência mesmo depois de seu efetivo ingresso no Carnaval, acabou sendo alijada e, ao que parece, isso lhe custou caro e serviu – se é que serviu – de aprendizado.

O São Paulo aparece como um clube fechado às suas torcidas, diferente de outros times. Por que você acha que isso acontece? A culpa é da diretoria ou da própria torcida?

Creio que esses relacionamentos são conjunturais e mudam com os arranjos e projetos políticos que estão à frente de clubes e de torcidas. O estigma da violência da Independente, por exemplo, pode mesmo ter algo a ver com essa fragilidade política na relação com o São Paulo FC, mas essas situações podem se alterar a depender dos interesses convergentes ou não de dirigentes e torcedores. O que precisamos investigar é o que significa ser torcedor para um clube como o Corinthians e o que significa ser torcedor para dirigentes são-paulinos, isso não é uma questão evidente. A noção moderna de torcedor consumidor tem a ver com essas novas feições de torcedores e o modo como os clubes vêem hoje as organizações coletivas mais tradicionais como as organizadas.

Como pesquisador, o que a Independente tem de diferente das outras torcidas? E como torcedor?

Não vejo diferenças significativas entre torcidas para além do fato de que algumas são mais institucionalizadas que outras. Algumas estabelecem alianças com setores da sociedade e outras ficam mais presas às demandas imediatas do torcer pelo clube x ou y. Já algumas torcidas, hoje, compreendem melhor o seu papel dentro dos modos de vida urbanos e populares e, por isso mesmo, seu papel como coletivos não se esgotam nas performances de arquibancadas.

A Independente é considerada uma das torcidas organizadas mais violentas do país. Você também a enxerga dessa forma?

Certamente ela protagonizou as cenas mais espetaculares e intolerantes de violência física desde a metade dos anos 80 até meados dos anos 90, mas esse panorama é dinâmico, como já salientei, se altera justamente porque a violência em si não é a espinha dorsal que move a participação e atuação das torcidas organizadas. Se desvencilharmos interesses específicos da violência, há o perigo da sua “naturalização”. A questão é de que tipo de violência nós estamos falando, de que forma de violência a sociedade brasileira condena ou tolera quase sem crítica. Há na sociedade formas de violência muito mais danosas do que aquela evidenciada e protagonizada por torcedores de futebol e, mesmo assim, são toleradas ou muito mal discutidas.

Ela também carrega a fama de ser ligada ao tráfico de drogas, mas é difícil comprovar essa teoria. E para você, existe uma relação entre Independente e tráfico?

Não se pode confundir consumo de drogas consideradas ilícitas com a atividade regulada do tráfico. Sequer a noção de tráfico é homogênea. De qualquer forma, o que posso notar é que torcidas organizadas não existem única e exclusivamente em função de sua maior ou menor liberalidade em relação ao consumo de drogas de seus membros. Associar mecanicamente torcedores às drogas é mais uma tentativa tola de obscurecer do que compreender o seu lugar dentro do arranjo do futebol profissional. Amplos setores juvenis experimentam drogas, as drogas fazem parte da sociabilidade juvenil nos grandes centros urbanos e é uma realidade que deve receber da parte dos analistas uma atenção mais responsável e menos moralista nas análises.

O batalhão de choque responsável por tratar de assuntos relacionados às torcidas surge com respostas prontas para o que diz respeito a elas. É possível afirmar que essa relação ainda está longe de ser conhecida de forma transparente, como se houvesse um jogo de interesses?

Sempre fui a favor da pluralidade de participação dos setores da sociedade no encaminhamento das questões referentes à conduta de torcedores. Não se pode fechar a discussão em torno da violência torcedora dentro dos aparatos repressivos do Estado. Torcidas tem que ser organizações abertas, transparentes e a discussão sobre a violência deve abarcar profissionais de todas as áreas que se interessam pela temática da sociabilidade no futebol. Só assim, temas como a violência e o papel dos coletivos torcedores, poderão, de fato, serem equacionados dentro dos limites aceitáveis de convivência urbana.

CARLOS ALBERTO MÁXIMO PIMENTA¹¹

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e ex-jogador de futebol, Pimenta direciona seus estudos à área de Sociologia e Antropologia, com ênfase em temas como educação, realidade brasileira, violência urbana e outros. Atualmente, é professor adjunto na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Seu trabalho de pesquisa no Mestrado em Ciências Sociais com foco nas torcidas organizadas, teve como resultado o artigo “Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol”, além de um livro sobre o assunto.

Quais foram as suas principais impressões após conhecer o universo das torcidas?

Bom, eu era jogador de futebol e tinha intenção de estudar a questão racial quando eu decidi fazer Ciências Sociais, também porque tenho origem negra, sou negro e, na medida em que eu ia discutindo o racismo, eu parava na questão do futebol, em especial das torcidas organizadas. Tinha uma discussão sobre essas torcidas, de que algumas delas tinha uma característica neonazista, no sentido em que elas promoviam certa xenofobia, em uma aversão contra negros, e aquilo me deixou intrigado. Aí eu pensei, “como pode uma torcidas no Brasil com essas características”? Na época eu ouvi falar que era a Mancha Verde¹². Pensei, “por que, no Brasil, uma sociedade totalmente vinculada ao futebol, em que existe

¹¹ Entrevista feita por telefone em 17/08/2011

¹² Torcida Organizada do Palmeiras.

negro, branco, índio, extremamente multifacetada, do ponto de vista da questão da raça, e tinha um grupo ali, que cultuava o racismo.

Entendi. E existia alguma outra razão para que você se envolvesse com essa realidade?

Sim, me incomodava não entender por que um movimento de prazer, de alegria, tinha violência no meio. Por que um movimento de festa gerava violência? Aí eu fui pesquisar. E quando eu termino a pesquisa, me afasto do futebol definitivamente.

Por quê?

Quando terminei, pensei “ah, não quero nunca mais saber disso aqui, ver futebol, ir ao estádio de futebol!” A impressão que eu tinha era que o futebol era uma farsa, e realmente é, e que as torcidas eram enganadas né? Essa violência, todo esse movimento de ritual de masculinidade, tudo que envolve as torcidas, eles nem sabiam dessa farsa em torno do futebol, e usava de seus instrumentos, às vezes, até com certa ingenuidade. E isso me deixou muito preocupado.

E hoje você não acompanha mais nada então?

Eu fiquei quatro anos sem querer saber de futebol. Hoje eu assisto, voltei aos poucos, mas não tenho nenhuma torcida especial por algum time, fico de boa, embora eu até tenha um time de infância, mas não sou fanático.

Então como você enxerga a torcida hoje?

Vejo como um movimento, às vezes, ingênuo, do ponto de vista da realidade que ocorre no futebol.

E se a gente for ver é exatamente contrária a forma como algumas pessoas entendem esse movimento. Você chega a colocar no seu trabalho a fala de alguns jornalistas, como o Juca Kfoury, que compara esses torcedores a marginais. De que forma você vê essa opinião?

Na verdade, a torcida organizada de futebol não tem nenhuma influência nas questões que circulam nos bastidores do futebol. E aí a fala dele, ou do próprio Flávio Prado, é de quem está preocupado com o “negócio” futebol, vivem muito preocupados com essa coisa, porque o futebol é um grande negócio, né? Então, nesse sentido, a fala deles pode ter razão, diminuindo grupos de torcedores violentos, acaba virando um futebol para outra classe social, com certo poder aquisitivo.

Podemos dizer que essa visão sobre os torcedores organizados é generalizada? Porque eles os comparam a marginais, mas não vão acompanhar de perto.

Então, torcida não tem a ver com marginalidade, né? Ali não tem só marginal. Existe apenas um grupo de pessoas que pode estar preparado para a violência, por ser algo prazeroso nesse sentido. Mas não é só na organizada, isso é de modo geral. A violência, então, também está presente nesses grupos, mas aí não tem nada a ver com criminalidade. Todas as classes sociais estão ali representadas. Por isso a violência ali não é uma questão de classe, é uma questão dos modos de produção cultural e simbólica desse movimento social.

E de que forma a gente pode associar os fatores socioeconômicos desses grupos com a violência?

As pesquisas com as quais eu trabalhei demonstram que, proporcionalmente, todas as classes sociais estão ali representadas e, quem pratica a violência, não é, necessariamente, o rapaz da periferia. Pude ver boletins de ocorrências e dados socioeconômicos mostrando que a maioria das pessoas que se envolveram em brigas era de classe média.

E sobre o Estatuto do Torcedor, você como ex-jogador, concorda?

A sociedade ainda está aprendendo a lidar com o torcedor, porque, até então, não havia uma preocupação específica com ele. As estruturas dos estádios de futebol, a preocupações com elas, ninguém passava nem perto. Ir a um estádio de futebol era um problema! Não tinha banheiro, espaço, todo mundo em pé, é uma loucura! Então, o estatuto até tenta possibilitar essas melhorias, mas a maneira como ele é conduzido é que precisa ser repensada, esse é o grande problema. Mas precisa ser repensado com todo mundo envolvido no futebol, né? Não só com quem pensa o futebol da perspectiva de reprimir a violência.

Existe alguma diferença entre as torcidas organizadas do Brasil e do exterior,?

Tem sim, cheguei a publicar dois capítulos sobre isso em um livro, onde eu proponho uma reflexão sobre as diferenças. Na realidade, torcidas organizadas nesses moldes só existe no Brasil. Têm regimento, estatuto, eleições, diretoria e toda uma característica burocrática que não existe em nenhum outro lugar, esse estilo militar é brasileiro. Tanto que a Gaviões da Fiel é a primeira que nasce dessa forma, nessa organização. Na Argentina não existe essa estrutura, é uma vinculação maior ao clube que às torcidas, aqui você tem Mancha ou Gaviões, lá não, é só a torcida do Boca.

Sobre os torcedores do São Paulo e do Corinthians, você vê alguma diferença?

Na organizada não vejo diferença nenhuma. A diferença é que o são-paulino vai para o estádio sempre com a certeza, é mais confiável, um pouco mais racional. Já os corintianos são muito mais passionais e presentes.

Como ex-jogador, você percebia alguma influência dentro de campo?

As torcidas inflamam o jogador, assim como ele também inflama a torcida. Às vezes pratica alguma violência dentro de campo e provoca a torcida, né? Mas essa violência, que antes existia no estádio e assusta todo mundo, agora, depois de um certo tempo, em especial nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, não acontece mais. O controle é maior. Mesmo assim, as torcidas organizadas são um balão inflável, um barril de pólvora.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO¹³

As primeiras tentativas de entrevistar os responsáveis pela segurança dos estádios de futebol em São Paulo foram em julho de 2011. Por meio de ofício, telefonemas e e-mail, tentei o contato com o 2º Batalhão de Choque (Batalhão Anchieta), que me respondeu formalmente depois de alguns meses. Não houve nenhuma abertura para que eu pudesse conversar pessoalmente – ou até mesmo por telefone – com o comandante da Polícia Militar para obter mais esclarecimentos sobre o assunto. A resposta chegou pela porta-voz Natalia Giovanni, 2ª Ten. PM Oficial Relações Públicas com um tratamento bastante impessoal a todas as questões.

Todos os jogos têm policiamento, mas como é montado o esquema de segurança para clássico?

Para todos os jogos é feito uma reunião preparatória com todos os envolvidos no evento. Nos clássicos o efetivo empregado é maior.

Qual a preparação que a Polícia de SP recebe para tratar as torcidas organizadas? Há alguma orientação especial?

Existem algumas peculiaridades para os torcedores organizados, eles possuem carteirinha de identificação e entram por portões determinados.

¹³ Entrevista concedida por e-mail em 3/08/2011

Como os policiais agem tendo que controlar as torcidas, uma vez que muitos também são apaixonados por seus times?

Todos os policiais trabalham com profissionalismo não deixando questões particulares influenciarem no horário de serviço, é claro que nos horários de folga muitos torcem por seus times.

São realizadas reuniões periódicas com representantes das torcidas? Como elas são?

Existem reuniões preparatórias para todos os jogos e é neste momento em que há o contato com os líderes das torcidas organizadas.

Existe uma opinião formada (consenso) da PM a respeito das torcidas organizadas?

Na opinião da Polícia Militar são cidadãos que se unem para torcerem por seus respectivos times.

Muitas vezes, a mídia retrata esses grupos como “quadrilha organizada” e acusa-os de envolvimento com crime. O que pensam a respeito?

Nós atuamos com imparcialidade, se eventualmente algum desses torcedores cometerem algum crime, será detido e encaminhado ao Distrito Policial.

Quais são as principais ocorrências em dias de clássicos?

A Polícia Militar trabalha ostensiva e preventivamente para coibir qualquer tipo de delito, lembrando que estamos sempre à disposição para sanar qualquer problema, no entanto devemos dar uma atenção maior a grande quantidade de ingressos falsos, e desentendimentos ocasionados pelo uso excessivo do álcool.

Como é tratada a segurança nos trajetos de ida e volta do estádio em dias de jogos?

Todas as torcidas organizadas, bem como as delegações dos times recebem escolta realizada pela ROCAM do 2ºBPChq.

No exterior, os torcedores que costumam provocar brigas são banidos das torcidas organizadas. Em sua opinião, no Brasil, se fosse adotada essa medida, ajudaria a diminuir casos desse tipo?

Cabe a Polícia Militar preservar e restabelecer a ordem pública. É válido ressaltar

que com a Lei Federal 12.299/10 (Novo Estatuto do Torcedor) esse tipo de conduta é crime que pode ser punido 1 a 3 anos de reclusão.

O contato com os representantes das torcidas é, em sua maioria, pacífico ou conflituoso?

Pacífico.

Existem muitas críticas sobre a maneira como a PM conduz sua intervenção em casos de brigas de torcida, inclusive alguns vídeos de agressão costumam cair na internet. Como se posiciona a respeito disso?

Todos os nossos policiais agem dentro da lei, observando sempre o uso escalonado da força, se eventualmente ocorrer algum abuso, existem mecanismos administrativos e penais para investigar e se for o caso punir o policial.

***CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS TORCIDAS ORGANIZADAS – CONATORG*¹⁴**

A CONATORG reúne as torcidas organizadas de diversos estados brasileiros e foi fundada em outubro de 2010, com decisão em Assembléia Geral realizada no auditório da CUT-DF (Central Única dos Trabalhadores do Distrito Federal). A reunião contou com 67 pessoas, entre presidentes, vice-presidentes e diretores de torcidas como Dragões da Real, Dragões Atleticanos-GO, Estopim da Fiel (p/ procuração), Facção Brasiense, Fiel Força Tricolor do Botafogo-SP, Gaviões da Fiel, Independente, Jovem do Sport, Máfia Azul, Mancha Verde, Os Fanáticos e outras.

Por ser um fato recente e pouco divulgado na mídia, quando surgiu a ideia de desenvolver esse projeto, eu não tinha conhecimento a respeito da existência da Confederação – o que veio à tona recentemente, durante as manifestações contra o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira. Para entender o seu funcionamento e no que reflete sua criação, entrei em contato com Wildner de Paulo Rocha (Pulguinha), o presidente – e membro da Gaviões da Fiel – da CONATORG.

Como surgiu a ideia de formar a CONATORG, qual foi a necessidade?

Na época, o Ministério dos Esportes convidou as torcidas para alguns debates e,

¹⁴ Entrevista feita por telefone em 19/08/2011

nessa situação, as torcidas resolveram se organizar a nível nacional. A partir daí começou esse movimento com as grandes torcidas de todos os estados.

Houve alguma resistência por parte de alguns membros das torcidas ou foi tranquilo?

Foi uma experiência nova, né? Essa organização a nível nacional é mesmo um processo novo, e ainda existem mais de 30 torcidas nesse processo de filiação. Mas precisamos atingir outras torcidas, porque em muitas no Brasil todo, né? Então, inicialmente, tem gente que tá conhecendo a ideia ainda, participou de algumas reuniões, mas em alguns estados a gente ainda tem que apresentar todo o grupo da Confederação.

E qual é a maior dificuldade nesse movimento? Porque, às vezes, a gente precisa esquecer o lado torcedor, para poder ouvir o que a torcida tem a dizer. Você enxerga essa dificuldade como presidente?

Ah não, a gente não tem problema em fazer um diálogo, até porque a ideia da Confederação é que a gente, junto, passe para o torcedor o espírito da torcida organizada, a mudar as coisas que são interesses de todos né? Então, na verdade, não tem esse problema não, de conversar com os demais dirigentes.

E como vocês se mantêm financeiramente? Existe uma sede ou não?

Nossa sede vai ser aqui na capital, em São Paulo e, no momento a gente não tá tendo custo nenhum, as nossas viagens ou outras coisas que precisamos fazer, cada torcida banca da sua parte, a Mancha paga a sua, a Independente paga a sua, a Gaviões paga a sua e assim vai.

E como você acha que os clubes estão vendo essa movimentação de vocês? De certa forma, a violência que é retratada acaba sendo um pouco combatida, né?

Bom, há alguns meses eles já têm conhecimento da nossa organização, a gente até já realizou um encontro para torcedor em junho, em Brasília, e os dirigentes também estavam lá. Então, eles sabem que a gente quer se organizar em benefício do torcedor, né? Acho que eles apoiam, mas eu não tenho a posição de vários. No caso do Corinthians, apoiou a iniciativa, até porque, o debate que a gente fez, contribui no processo para formar uma série de coisas que eles estão fazendo. Por exemplo, o Corinthians já tem esse costume de ouvir as torcidas organizadas para fazer qualquer mudança em relação aos jogos do Corinthians.

Acompanhando esses encontros que você falou, dá pra ver alguma diferença na relação da Gaviões com o seu clube e da Independente com o São Paulo?

A gente tem um acesso histórico no clube, né? A gente faz visita constantemente, a gente sempre é convocado para alguma conversa, como também o clube tem um espaço aqui. E essa relação dos Gaviões com o Corinthians é mais dinâmica, mas eu não tenho conhecimento das outras torcidas, não posso falar por elas, mas deve ter alguma dificuldade sim.

A CONATORG ganhou espaço na mídia, recentemente, devido à manifestação que vocês fizeram contra o Ricardo Teixeira. Dá pra considerar a Confederação como uma movimentação política também? Já que foi uma manifestação nacional, né?

O nosso caráter é de organização coletiva, não deixa de ter um caráter político, nós estamos brigando por algo. Mas o Ricardo Teixeira foi uma bandeira que nós escolhemos por ser sinônimo de corrupção no futebol brasileiro, um mandatário do futebol.

Vocês ainda estão começando, a CONATORG tem apenas um ano. O que está sendo planejado pro futuro, pra buscar um reconhecimento maior?

A gente tem essa preocupação mesmo, a gente quer brigar pelos direitos da torcida organizada e contribuir com um trabalho de prevenção da violência, né? Por enquanto, a gente tá atuando nas entrelinhas, fizemos alguns seminários lá em Brasília, sobre o Estatuto do Torcedor e outras questões que a gente tá encaminhando pro Ministério dos Esportes, também estamos contribuindo com outras organizações de vários estados, para rever essa relação de convivência. A gente também tá tendo um apoio da Promotoria para alguns planos de ação contra a violência, como a gente fez em Goiânia, Ceará, Santa Catarina, pra todo um trabalho com o policiamento.

Será que essas ações vão conseguir mudar a cobertura generalizada que a mídia faz das torcidas organizadas? De que tudo é violência?

Pra mim ficam muito claros os motivos porque a mídia se posiciona dessa forma sobre as torcidas, mas o nosso objetivo maior é lutar pelos nossos direitos. A organização do futebol brasileiro é falha e, na verdade, existe um problema motivado pela diversidade entre as torcidas e a gente quer fazer alguma coisa. A gente não trata o problema como outros setores tratam, criando uma série de leis,

regulamentando na imposição, mas tem todo um processo a mais a fazer né? É uma dimensão muito maior, não dá pra banir as torcidas do estádio e achar que vai controlar o problema!

RODRIGO BRAGHETTO¹⁵

Rodrigo Braghetto, de 36 anos, é graduado em Educação Física e Administração de Empresas. Atua como árbitro há 15 anos e foi escolhido para a entrevista por ter apitado a última partida entre São Paulo e Corinthians pelo Campeonato Brasileiro, quando o time do Morumbi foi derrotado por cinco a zero.

Você acompanha o jogo lá do meio. Como você vê a atuação das torcidas? De que forma elas influenciam o seu trabalho?

Eu sempre falei isso: quanto mais cheio o estádio, para mim, como árbitro, é melhor. Entro num estádio que tem pouca torcida e a motivação não é igual. Recentemente, apitei Corinthians e São Paulo¹⁶, o cinco a zero. Só de você entrar no campo pra fazer o aquecimento e ver o estádio quase lotado já é uma motivação a mais. Então, pra mim, a torcida também é uma motivação para o árbitro em termos de exigência: vai ter mais gente te assistindo, vai ter mais gente te cobrando. Em termos de pressão, não. Eu até brinco que, quando acontece um lance que a gente marca ou não e a torcida fica em cima, xinga, “hei, juiz..”, eu até corro mais, tá todo mundo olhando pra mim, mas que vá me dar uma pressão.

Já aconteceu de alguma organizada ir atrás de você depois de algum jogo, tanto para xingar, ou pela internet?

Eu era quarto árbitro no jogo Santos e Corinthians, se não me engano em 2005, naquele período em que tivemos o problema com o Edílson Pereira de Carvalho¹⁷. Esse jogo tinha sido remarcado; os dois times já tinham jogado, só que esse

¹⁵ Entrevista concedida pessoalmente na sede do Sindicato dos Árbitros de São Paulo em 18/07/2011

¹⁶ Braghetto se refere à partida válida pelo primeiro turno do Campeonato Brasileiro de 2011

¹⁷ Ex-árbitro de futebol, foi principal personagem da Máfia do Apito, em 2005, sendo acusado de receber entre dez e quinze mil reais por cada jogo que apitava. O fato levou a Confederação Brasileira de Futebol a anular e remarcar onze partidas arbitradas por ele. Edílson foi suspenso em dezembro de 2005 e, posteriormente, banido do futebol.

foi um dos jogos suspeitos. O árbitro era o Cléber Abade e o Santos tinha ganho do Corinthians. Só que, nesse jogo remarcado, o Corinthians ganhou do Santos, com um lance de pênalti a favor. Faltavam cinco minutos pra acabar o jogo e um jogador, o Giovanni, antes de dar saída, já chuta a bola pra fora do estádio e a torcida invade. Ali foi o momento mais difícil que passei com torcida organizada, porque a torcida começou a invadir de vários lugares e o policiamento tentando proteger a gente ali no meio. Graças a Deus conseguiram nos defender, tirar quem invadiu. A viatura do Choque conseguiu subir de Santos a São Paulo, porque eles falavam: “vai morrer, vai morrer”, coisa feia mesmo. Os torcedores que invadiram o campo foram presos e levados pra uma sala da Polícia Militar. A Polícia queria que a gente reconhecesse porque um deles deu um chute que pegou de raspão no árbitro, no Abade. E eu só falava: “cara, não dá pra reconhecer, não reconhece ninguém, por favor”.

E o que você acha que motiva uma pessoa, um torcedor, a agir assim? É amor ao time, raiva do outro, do árbitro?

Não. Ali foram dois motivos. Um é a rivalidade que existe entre Santos e Corinthians, que hoje é uma rivalidade gigantesca. O outro é o fato de o jogo ter sido remarcado; teve aquela suspeita de o jogo ter sido roubado e o Santos tinha ganho. E aí um suposto pênalti para o Corinthians que complicou tudo. Foi pênalti, mas foi um lance muito difícil. Eles acharam que não podia acontecer.

Dentro do campo, como você acha que os jogadores são influenciados? Eles sentem essa força da torcida ou conseguem ficar meio à parte quando estão em campo?

Influencia sim. Por exemplo, no jogo entre Corinthians e São Paulo, tava cinco a zero. Faltando ainda uns 20 minutos pra acabar, a torcida gritando “olé”, os jogadores tocavam a bola mais que o normal pra entrar naquele olé da torcida e humilhar o adversário. Aí a gente como árbitro tem que tomar muito cuidado, porque dali pra ser um tumulto generalizado entre jogadores e ir pra torcida é um minuto. Então, eu me aproximava dos jogadores e falava pra jogarem bola, jogar objetivo, pro gol, sem ficar enrolando. A gente sente também, quando um time tá perdendo, e aí de fato uma torcida que chama muito a atenção é a do Corinthians, eu nunca vi uma torcida que grita tanto quando um time gol. Isso é um diferencial, eu não vejo nenhuma outra torcida, em nenhum dos jogos que apitei, que faça isso.

Como você o trabalho da Polícia em São Paulo? Ela é bem preparada para lidar com os torcedores?

A segurança que a Polícia dá a nós, árbitros, é fantástica. Até digo às pessoas que nós estamos mais seguros do que qualquer pessoa que participe do evento. Depois a gente percebe também o tanto que a Polícia se prepara para um grande jogo: faz reuniões com os líderes de torcida e em alguns casos, até nesse Corinthians e São Paulo que tô falando, a gente foi fazer a volta no Pacaembu pra chegar até o vestiário, e a parte de cima onde tinha divisão da torcida mesmo, da rua, tava fechada com tapume, pra uma torcida nem ver a outra. Pra gente passar, tinha que passar na divisória, falar que éramos os árbitros e então permitiam que a gente passasse.

Há alguma organizada que você classificaria como a mais violenta, mais exacerbada?

Olha, aqui em São Paulo, dos quatro times grandes, não sinto esse tipo de agressividade, de violência. Antes de começar a apitar, eu ia a estádios, frequentava mesmo. De fato, a Independente sempre foi uma torcida que eu tive um pouco de medo por utilização de bombas, como em um jogo que eu estava agora, São Paulo e Santos, pela semifinal do Campeonato Paulista. O São Paulo tava perdendo por dois a zero e jogaram uma bomba, do meio da torcida do São Paulo pra torcida do Santos. A gente via pessoas com as mãos no ouvido, passando mal porque a bomba estourou no meio da torcida. Como eles fazem isso eu não sei. Então, citando esses lances, a do São Paulo se destaca por esse artifício. Outra torcida que a gente fala que é chata é a da Ponte Preta, que é bem fanática. Dos times do interior, a torcida da Ponte é a mais fanática e também um pouco violenta. Acho que até porque na época eles tinham a sede da torcida organizada na frente do estádio, na frente do nosso vestiário. A gente tem umas passagens de chacoalharem o carro, esse tipo de coisa.

Dá pra ver a diferença da atuação da torcida em dias de clássicos e dias de jogos mais tranquilos?

Sim, pela própria quantidade de torcedores. A rivalidade que a imprensa faz durante a semana, passa todos os dias lembrando o histórico da partida, resultados e geralmente situações ruins, estimulando isso. A torcida durante um clássico canta mais. A gente percebe quando uma torcida tá cantando hoje, que a maior parte é do time mandante. Quando a visitante começa a gritar, a outra começa a cantar pra cobrir o grito da torcida adversária. Aí dá pra perceber também.

Você falou que a mídia passa a semana inteira mostrando algumas situações. De certa, ela influencia nessa rivalidade, aumentando esse sentimento?

Sim, aumenta! Até o que fizeram recentemente no Campeonato Paulista, com o Paulo Cesar de Oliveira¹⁸, no jogo Palmeiras e Corinthians. Começaram a dizer que o sorteio é marmelada e criaram todo um clima em cima da arbitragem. Consequentemente, começaram a buscar jogos que o Paulo Cesar já fez. Por já ter feito muitos jogos dos times grandes, é natural que apareça mais lances polêmicos. Foram buscar todos os lances polêmicos que ele já teve contra o Palmeiras, tanto que o jogo teve expulsões e foi muito difícil de ser apitado, tudo pelo clima criado pela mídia.

Conversando com algumas torcedoras do São Paulo, elas falaram que, quando um time quer, ele derruba um técnico. Em sua opinião, a torcida também ajuda?

De fato, quando uma torcida começa a pegar no pé de um treinador, chamando de burro, essas coisas que eles gritam, eu sinto que vão derrubar o cara. A pressão é muito grande. Difícilmente ele passa a seguir no comando do time.

Você acha que se houvesse um diálogo melhor entre as organizadas e os clubes a situação poderia ser diferente, evitando esse tipo de situação e até mesmo confrontos?

Não, não acredito. Não acredito porque os torcedores são fanáticos, são torcedores desde pequenos e dizem que só querem o bem do clube, mas não sabem a dificuldade que é. Eles acham que é fácil tocar um elenco e lidar com 35 homens, entre jogadores e comissão técnica. “Tira um, põe outro”, não é assim. Às vezes um jogador que você mexe altera o time inteiro. Eles não têm essa noção, acham que tem que jogar e não ficar de palhaçada. Pra eles é tudo festa. Eu não acredito que isso vá melhorar, não. O torcedor não tem preparo pra aceitar e apoiar.

Alguns torcedores mais antigos acreditavam nessa relação mais fácil entre diretoria e a torcida, alegando que isso está mais difícil pro causa das drogas

¹⁸ Árbitro do quadro da FIFA. O Jornal da Tarde antecipou que ele apitaria o clássico entre Palmeiras e Corinthians, pela semifinal do Campeonato Paulista de 2011. A equipe alviverde já tentou barrá-lo por acusá-lo de influenciar resultados de jogos e não queria que ele fosse o árbitro da partida. A FPF, porém, disse que o sorteio não havia sido realizado ainda e que, como o fato não passou de coincidência, Paulo Cesar continuou escalado para a partida.

e de outras coisas que se envolveram e estão dentro das torcidas organizadas.

O que você pensa sobre isso?

Quando eu falo despreparo não é só no conhecimento sobre futebol, como administração. É nítido, não tem uma formação de caráter, de disciplina, de educação. É capaz do cara sentar com o presidente do clube e bater na mesa, “o que nós queremos é isso, isso e isso”. Não é assim! Eu não vejo um presidente de clube dando satisfação pra um presidente de torcida e o cara aceitar. Eu acho que se houvesse esse diálogo, ia ter que fazer tudo o que os caras querem. A partir do momento em que você falar que não vai fazer já vai dar briga. E é óbvio, essa parte que é difícil de a gente falar: o uso de drogas. O cara vai alterado e não tem como. O policial não vai falar: “olha, só vem conversar comigo quando você não estiver bêbado”.

Você conseguiu perceber algum tipo de diferença ou semelhanças entre as duas torcidas, a Gaviões e a Independente no jogo que apitou recentemente?

Não, até porque nesses jogos têm uma diferença muito de torcida, né, por causa da disponibilidade de ingressos. Eu cheguei a frequentar estádio, na época em que eu era torcedor, em que a gente tentava dividir o estádio metade e metade, pra torcida não ficar com um bloco menor e ser piada no outro dia. Hoje, como é já obrigado o cara a ficar ali no cantinho, não dá pra você medir. Quando eu ia, a gente media isso, quem levava mais gente, mais fogos, mais bandeiras, quem tinha mais cantos. Hoje você sente uma torcida que grita mais alto e uma que grita mais baixo porque tá em menor quantidade.

Você sente falta da época de torcedor? Porque você comentou que sente falta de ter essa visão...

Não que eu sinta falta, eu gosto de lembrar. Quando eu ia no estádio, acordava de manhã e ficava naquele clima, se não ganhasse o pessoal ia encher o meu saco. Desse friozinho na barriga que um clássico proporciona eu sinto. Até em um dos projetos nossos eu estava conversando com um professor e ele estava comentando que nunca tinha ido num clássico, que tinha medo. Ele é palmeirense. Ele ficava: “pô, cara é outra energia, muito legal!”. Isso é uma energia legal, isso sim. Torcer mesmo, não.

Você tem algum amigo que faz parte de alguma organizada?

Tenho, tenho sim. Eu sou diretor-fundador de uma ONG e o presidente do

nosso instituto é da diretoria da Gaviões da Fiel. Um jogo que apitei acho que em 2008, Palmeiras e Corinthians, ele tava no estádio e diz que me xingou! E eu até brinco, falo que um percentual do ingresso é pra xingar o juiz. Você paga o ingresso e extravasa, descarrega toda a raiva do seu chefe durante a semana no árbitro. É assim que a gente aprende. As pessoas xingam o juiz como uma forma de participar do evento. Eu brinco muito com esse pessoal de organizada, que é fanático e tal. E quando eles brincam comigo eu brinco também. “Pô, pra ficar perfeito, além dos cinco, só falava expulsar o Rogério Ceni!”. Aí, não adianta, tem que brincar também, falar que sabia que ele ia tomar tantos gols e um frango, e o cara ri.

***CEL. MARINHO*¹⁹**

O Tenente-Coronel Marcos Cabral Marinho de Moura (Coronel Marinho) é chefe da arbitragem de São Paulo desde 2005 e membro efetivo da Comissão Nacional de Prevenção da Violência para a Segurança dos Espetáculos Esportivos. É também um dos responsáveis pelo cadastramento de torcedores organizados. Entre 1988 e 2005 também trabalhou no 2o Batalhão de Polícia de Choque, sendo o responsável pelo policiamento em espetáculos públicos na cidade de São Paulo.

Como árbitro, dentro de campo, de que forma o senhor vê a atuação das torcidas? De que maneira elas influenciam o trabalho do árbitro?

As torcidas em geral agem com pressão para que o árbitro beneficie sua equipe. Mas você trabalha o lado da imparcialidade e do psicológico pra agüentar esse tipo de pressão. Eles não são intimidados e não levam isso em consideração. O que eles vêem dentro do campo é o cumprimento da regra, doa a quem doer.

E para os jogadores, essa questão da pressão é a mesma coisa ou é diferente, em sua opinião?

Lá o relacionamento é diferente. Há um envolvimento maior da torcida com o clube e uma cobrança muito maior com os atletas, com os técnicos e com os próprios dirigentes, principalmente nas torcidas organizadas, que são torcidas com um grande poder. Elas realmente influenciam e, dependendo da situação, ela realmente interfere.

¹⁹ Entrevista realizada por telefone em 17/08/2011

O senhor comentou sobre os dirigentes. De que forma o senhor acha que a diretoria reage à torcida? Elas são mais abertas ou mais fechadas a esse tipo de grupo?

O que acontece, por exemplo, no Corinthians: você tem o Andres²⁰, que inclusive vem da torcida organizada, que frequentou a Gaviões, então eles têm um diálogo mais aberto; ele aceita algumas ponderações, explica seu lado de dirigente. É um relacionamento até que sadio. No Palmeiras, por exemplo, Mustafa Contursi²¹ praticamente cortou relações com a Mancha Alviverde. Então vai muito da postura do dirigente e a forma como a torcida também cobra. Se for uma forma muito violenta, não tem diálogo, você estremece a relação entre eles.

O senhor é chefe de arbitragem. Como é o treinamento recebido para lidar com as torcidas?

Os árbitros passam por preparo psicológico, técnico e físico e não se intimidam em relação a qualquer torcida, de times grandes ou pequenos. Eles são conscientizados e preparados para que entrem em campo e façam o melhor trabalho em relação à aplicação da regra do jogo. Eles não cedem a pressões. A gente tem um preparo pra que eles sejam realmente imparciais. E eles são observados.

O senhor comentou sobre diversos incidentes envolvendo os grupos organizados. É possível identificar a origem da violência dentro das torcidas?

Eles têm aquela posição de torcedores fiéis, fanáticos, agem em grupo, daqueles que acompanham o time onde ele for. Você tem que saber lidar com eles e administrar isso. No caso dos dirigentes, é conversar, perguntar, explicar a situação, porque eles acham que o time é deles. Eles têm que saber que não é assim, às vezes até chamando a Polícia para que possa evitar esse tipo de situação.

Dentro desse contexto, o que é mais difícil no tratamento com os torcedores?

São pessoas que tem intolerância com outros grupos de torcidas, com a situação, não entendem que o time cai ou que o jogador está em má fase.

²⁰ Andrés Navarro Sánchez, atual presidente do Corinthians

²¹ Mustafá Contursi Goffar Majzoub, dirigente de futebol, presidente do Palmeiras entre 1993 e 2005.

Quando temos algum jogo considerado clássico, passamos a semana toda submetidos a imagens e dados que acirram a rivalidade entre os clubes e, consequentemente, as torcidas. Como o senhor enxerga a cobertura que a mídia faz sobre esporte e especialmente esse tema?

Infelizmente a mídia faz questão de exacerbar essa realidade que existe. É um “des-serviço” que a imprensa faz aqui no Brasil. Nós temos na Inglaterra uma situação completamente diferente, em que houve um pacto com as autoridades e a imprensa para que não mostrassem lances de violência entre as torcidas, para não promover isso. Aqui você tem uma briga em um estádio, por exemplo, e no dia seguinte você vai entrevistar o presidente da torcida, dá visão a eles. Lá na Inglaterra não acontece isso, nem a briga é mostrada; é mostrada a pessoa quando ela é procurada. Eu acho que o que mídia faz não contribui em nada no combate à violência que a gente tem. Leis, Estatuto do Torcedor, ações na área preventiva, reuniões, isso tudo é feito aqui. Nós temos o cadastramento de torcidas. Existe um controle muito maior por parte do Ministério Público e uma conscientização muito maior das lideranças em relação ao que é o trabalho deles; nesse trabalho da segurança eles são corresponsáveis, nós não isolamos eles da discussão. Todas as torcidas hoje têm estatutos, são entidades organizadas.

O senhor comentou sobre o Estatuto do Torcedor. Alguns membros de torcidas o consideram uma forma de repressão. De que forma o Estatuto pode mudar a realidade das organizadas?

Quando você tem uma doença, você precisa dar um remédio para que ela seja controlada. A violência e a impunidade fizeram com que as autoridades adotassem novas leis. Aí surgiu o Estatuto do Torcedor, com novos tipos penais, próprios ao que acontece no futebol. Tudo o que é considerado fora da lei hoje é processado e condenado. Não há outra forma de controlar a violência a não ser com punição. Com o advento do Estatuto do Torcedor e o agravamento das penas, nós temos aí uma preocupação maior com os torcedores e com as torcidas, porque as torcidas organizadas são responsáveis pelos seus membros. Hoje ela pode ser punida ou fechada. É uma forma de pressionar para que eles tenham o comportamento adequado que a sociedade quer deles: educação, respeito, tolerância. Você não vê mais aquelas grandes brigas que a gente via no passado, com mortes. É um resultado disso aí, uma nova legislação e trabalho de prevenção.

Podemos dizer, então, que o Estatuto do Torcedor já apresenta resultados?

Com certeza. Do que era antes, com o controle só da Polícia Militar, pro que temos hoje, a coisa mudou. Na verdade, antes você isolava as torcidas e pra eles era assim: “como não temos compromisso nenhum, vamos fazer o que a gente acha que é certo e ver no que dá”. Quando começamos a envolvê-los nesse trabalho da segurança, a coisa mudou de figura. Eles sentem essa responsabilidade e, como não querem perder o nome da torcida, têm que valorizar a entidade. Houve uma mudança de conceito em relação à abordagem do assunto. A mudança foi: envolver eles na conversa.

Há integrantes de grupos organizados que afirmam não terem voz nas reuniões realizadas com o Ministério Público e que apenas aceitam vontades impostas. Qual é a sua opinião sobre isso?

Eles querem uma série de coisas dentro do estádio: objetos, bandeiras, mastros, coisas que no passado era usadas como instrumentos de agressão. Eles têm que demonstrar que as coisas mudaram. À medida que as coisas mudaram, a sociedade vai concedendo outras coisas pra eles. No momento, a sociedade tá na expectativa. Será que as coisas mudaram? Será que merecem mesmo essa confiança? A gente ouve, dá conselhos, fala pra eles o que tem que ser feito. Então tem que mudar. Talvez a gente tenha que repensar algumas coisas, no sentido de que a festa volte mais sadia. Tem que demonstrar que merecem e convencer a sociedade.

Muitos torcedores, tanto comuns como membros de organizadas, falam sobre a dificuldade em conseguir ingressos diminui a beleza do espetáculo que é o futebol. De que forma vocês pensam em melhorar essa questão?

Precisamos modernizar os estádios. Os nossos estádios são ultrapassados em termos de concepção, de segurança. Precisamos de mais entradas, portões, mais acessos a cadeiras, todos encadeirados, que é uma coisa fundamental investir para que as pessoas se sentem no lugar certo. Temos hoje uma série de possibilidades, até não vender ingressos na porta do estádio. Temos um trabalho internacional no Corinthians, no Santos, que é o sócio-torcedor, aquele que é o sócio fiel. Quem é fiel ao seu clube, que vai a muitas partidas, tem prioridade na venda de ingressos. É uma forma de mudança no conceito de venda de ingressos: sem bilheteria, sem confusão, a pessoa procura na internet. Existe uma série de coisas pra você melhorar o atendimento ao torcedor. Eu acho que nós estamos nesse caminho; há clubes que já aderiram essa estratégia e acho que esse é o caminho.

Não desgasta torcedor, dirigente, autoridades. É uma coisa positiva pra todos e melhor pro produto futebol.

O sócio-torcedor é uma pessoa que tem que ser fiel, com possibilidade econômica de consumir bastante ingresso. Essa medida não pode levar à elitização do esporte, segregando uma parte da população que não conseguiria comprar via internet?

Isso é uma grande discussão, tá. É uma coisa que realmente tá na pauta, mas hoje os clubes têm bastante despesa e não vivem sem que as receitas sejam atreladas ao produto futebol de forma diferente. Aconteceu isso na Europa; o futebol lá se elitizou porque é caro fazê-lo. Aqui, o governo exige na Constituição que um dos direitos do povo seja o lazer, com o futebol embutido nisso; então, teria que ajudar o futebol, com menos impostos, por exemplo. Sozinho, o futebol não consegue sobreviver. Uma coisa tá ligada à outra: quando você tem um produto, há quem queira ter seu nome vinculado a ele. Quando você não tem um bom produto, quem vai querer reformar um estádio? Quem vai manter os jogadores, o espetáculo? Uma coisa chama a outra. Acho que nós temos que partir pra uma discussão mais ampla com todo mundo, com toda a sociedade.

Outra questão levantada ao longo da nossa entrevistada refere-se à segurança. O senhor acha que a Polícia de São Paulo é bem preparada?

Eu acho que sim, se adaptando a essa situação nova. O que acontecia antes: pra fazer com que as pessoas fossem punidas, você usava outras formas de violência, como o cassetete. Você punia ali o cara, porque sabia que não adiantava pegar ali a pessoa e levar pra uma delegacia; não ia acontecer nada. Hoje, temos formas de punir e responsabilizar as pessoas, proibir que elas entrem no estádio por um determinado período. É outra visão, mais prevenção; câmeras, monitoramento, trabalho de inteligência. A Copa tá aí, trazendo uma nova concepção pra segurança. O torcedor nosso, infelizmente, ainda não é educado. Ele não aceita sentar no lugar, a torcida organizada tem que ficar de pé. Por que tem que sentar? Pra eles não, tem que ficar de pé pra ficar mais próximo e tal. Então você tem que se adequar, ensinar, disciplinar. Eles não querem sentar? Então vamos achar um cantinho pra eles ficarem de pé. Mas 90% do estádio quer ficar sentado e quer ver o espetáculo dessa forma, entendeu?

O senhor comentou sobre a utilização de cassetetes e outra coisa que escutei bastante quando estava com os membros de organizadas é que muitas vezes há agressão gratuita por eles andarem com roupas da torcida e situações semelhantes. Como o senhor se posiciona a respeito disso?

Eles têm razão sim porque, como disse, existia uma coisa no passado. A Polícia tinha que interferir, agir do jeito dela. No momento em que você conscientiza o policial e cobra que ele tem que prender mais do que bater, a coisa é melhor pra todo mundo pra todo mundo, até pra ele, que não vai se envolver em processo. Isso é um trabalho de conscientização, de educação. Não é da noite para o dia que a gente vai mudar, mas vai com o tempo, com novas ações. Hoje, por exemplo, a Polícia usa câmeras, tanto a favor dela como contra ela. Quando a câmera filma ela batendo em alguém, tá errado. Tem que prender, não ficar batendo. Não sei se você sabe, mas na Polícia Militar todas as viaturas vão ter câmeras, vão filmar tudo; então o policial vai ficar sendo vigiado constantemente. Então você vê, vai ter que mudar de postura. Ele vai forçosamente mudar de postura e vai ver que é o melhor

É muito comum a gente ver a mídia misturando torcedores organizados com quadrilhas organizadas. Em sua opinião, por que isso acontece?

Eu acho que existem jornalistas preconceituosos. Há torcedores radicais, como também há jornalistas radicais. Precisam crescer também, ver o que eles fazem. Realmente tem problemas? Sim, temos problemas, mas precisamos discutir, não ficar radicalizando discursos. A imprensa também precisa participar mais ativamente; ela não participa desse tipo de discussão. Nessas reuniões que nós temos lá no Batalhão de Choque, quase ninguém comparece. É muito mais fácil ficar apontando desgraça, que dá ibope, do que você tentar mudar as coisas. E não é que eles não são convidados, porque diversas vezes a gente convidava, mas eles não têm interesse. Uma vez ou outra, em final de campeonato, vale a pena. Mas um trabalho de envolvimento mesmo, pra mudar o status da coisa, ninguém tem não. E fica complicado porque eles formam opinião, né? Eles têm um papel fundamental na educação das pessoas.

O senhor foi do Batalhão de Choque e é chefe de arbitragem. Ainda assim, há como ter um time?

Eu tenho simpatia por um time, não te dizer qual porque a sociedade ainda não tá preparada pra esse tipo de coisa. Mas eu tenho, brinco com meus ami-

gos, em casa por exemplo tem uma corintiana, uma são-paulina, uma enteada que é palmeirense roxa. É tudo brincadeira, é gozação lá. Eu não choro por time nenhum, não fico me matando. Posso morrer por outra coisa, mas por time...não!

SÉRGIO RIZZO²²

É jornalista graduado (1986) pela Universidade Metodista de São Paulo e concluiu seu mestrado em Artes/Cinema (1994) pela Escola de Comunicação de Artes da Universidade de São, onde também fez o doutorado em Meios e Processos Audiovisuais (2011). Já atuou em redações de revistas, emissoras de rádio, TV e portais na internet. Mantem uma relação próxima com o tema e é corintiano.

Em sua opinião, quando as torcidas se tornaram mais violentas?

As torcidas ficavam próximas num estádio e não acontecia nada. Você podia comemorar um gol perto do seu adversário que não tinha problema nenhum. Parece estranho, mas era assim. Tenho impressão que isso mudou no final dos anos 70, começo dos anos 80, quando, não sei se a Federação Paulista, ou a Polícia Militar, ou os dois, decidiram separar as torcidas nos estádios. Em paralelo a isso, as organizadas ganharam ainda mais força, viraram agremiações que tem atuação em outros campos, como, por exemplo, o carnaval. Elas se tornaram clubes paralelos ligados aos clubes. A formação desses grupos atrai gente que não necessariamente quer a grandeza de seu time, mas é a mesma motivação que leva jovens a fazerem parte de um grupo de skinheads, as tribos mais variadas: uma afirmação da identidade. Muitas vezes, nas torcidas organizadas, a afirmação de uma identidade se dá pela negação da identidade do outro; assim, o outro tem que ser combatido, estando na própria torcida ou em uma adversária. Não dá pra estudar esse assunto desvinculado do que aconteceu no cenário social das grandes cidades brasileiras nos últimos 30 anos. Há uma deterioração das relações que não é algo à parte. Se as torcidas cometem coisas que são condenáveis é porque elas não são punidas como deveriam. E isso não é um problema do futebol, mas um problema da sociedade brasileira.

²² Entrevista feita por telefone em 09/09/2011

Já que o senhor mencionou a questão da identidade, dá pra dizer que porque muitos membros de organizadas são de classes mais baixas e acabam sofrendo a questão do preconceito, levam para os estádios a questão da violência?

Não podemos generalizar, jamais, mas as organizadas carregam um pouco desse espírito de revolta social. Quando um time é desclassificado e parte da torcida tenta derrubar o alambrado, agredindo um patrimônio, achando que pode agredir outras pessoas, isso não tem a ver com futebol. É só um campeonato. Alguém que chega esse ponto está usando o esporte pra canalizar algum tipo de frustração. A maior parte das torcidas é formada de apaixonados pelo time, mas acaba atraindo pessoas que não pensam do mesmo modo. Você olha pro gramado e vê mais do que 22 jogadores, vê os responsáveis pela vitória da sua vida. Uma frustração dupla.

Com base nisso, o indivíduo age mais por ele, por vontades próprias, ou acaba motivado por um conjunto, tanto para cantar pelo time como para agredir outras pessoas?

Isso já foi muito discutido na Sociologia e é aplicado nas torcidas organizadas também no que acontece dentro e fora dos estádios, porque a maioria dos casos de violência acontece fora. Quando 20 integrantes de um grupo combinam de enfrentar outro grupo, a gente tá falando de gangues de ruas. Atualmente, essas gangues usam uniforme de alguma torcida, associada a um clube. Podia usar qualquer outra indumentária e estar agregados em torno de qualquer outro objetivo. E com certeza, a dinâmica de ação nesses casos é diferente da atitude de um indivíduo solitário.

De acordo com o Coronel Marinho, que já foi do Batalhão de Choque e hoje é chefe de arbitragem, uma das hipóteses cogitadas para diminuir a violência é elitizar o esporte e permitir vendas pela internet. Qual é a sua opinião sobre isso? A medida pode resolver ou é só uma forma de segregar a população?

Essa estratégia não me parece ser a mais razoável. Você finge que o problema não existe, tira aquilo que te faz lembrar. Essa história de elitização me faz lembrar os europeus, os hooligans, radicais. Eles não entram nos estádios, mas continuam fazendo arruaça nas ruas. Os ingleses não registram quase nenhuma ocorrência séria nos estádios, mas os enfrentamentos ainda acontecem. A gente fala de uma coisa específica, a segurança de quem vai ao estádio. Limitando, às vezes, você consegue, mas minhas experiências mostram que o problema não está lá dentro.

Se não me falha a memória, a final do Campeonato Brasileiro de 1995 não tinha divisão entre as torcidas e não me lembro de ter acontecido nenhum enfrentamento mortal. Eu preferiria que existisse punição, como nunca mais você poder assistir a um jogo do seu time no estádio, como é na Inglaterra. Agora, se o cara quebra o alambrado e na semana seguinte tá no clube e a diretoria o recebe para conversar, aí há um problema. Fora que a elitização não acontece porque a PM pediu, mas é porque os clubes querem gerar mais renda.

É um jeito de pensar no clube e no jogador, não no torcedor, então?

Isso. Você supor que um modelo de futebol que afaste torcedores da classe C e D é inventar um novo futebol no país, comprometendo inclusive a identificação do torcedor com o clube. É uma particularidade do esporte no Brasil.

O senhor comentou bastante a segurança. A Polícia paulista é bem preparada para lidar com os torcedores, tanto nos preparativos dos jogos como durante e depois das partidas?

Gosto de destacar que nem o futebol e nem a Polícia são fenômenos isolados. A Polícia é mal remunerada e mal preparada. Não é uma condenação, mas um reconhecimento de que eles merecem coisas melhores, equipamentos, acesso a cursos. Esse despreparo reflete a falta de importância que a sociedade dá à Polícia brasileira. Nunca estive perto de fazer nada e já levei bordoadas, já tive cavalo jogado contra mim. Imagino o que acontece com quem vai a estádio mais do que eu vou e se envolve em coisas mais sérias. Claro que há oficiais preparados e conscientes, mas tem gente que não sabe direito desempenhar sua função.

Conversando com membros de torcidas organizadas, eles comentaram são feitas reuniões com o Ministério Público e com a Polícia para decidir detalhes sobre a partida, como rotas que cada torcida vai seguir no dia do jogo. Além disso, eles afirmam que são feitas reuniões com os novos membros, para que passem instruções sobre o funcionamento do grupo. Essas atitudes podem colaborar para que as torcidas consigam uma imagem positiva?

Mudar a imagem é uma coisa bem complicada, porque a imagem que nós projetamos pode não ser a que outros veem; não é do nosso inteiro controle. Ela pode se esforçar para combater o que ela considerar negativo sobre si. As conversas beneficiam todo mundo, não é exclusividade delas. E isso não impede que incidentes sejam registrados em estações de metrô, por exemplo. São coisas que fogem do controle das torcidas organizadas. Não tem como garantir que eles vão

controlar seus membros. Podem instruir, mas não é um problema das torcidas; é um problema de agrupamento humano. Não tem como um pai garantir que todos os seus filhos vão se comportar da mesma forma. Você tem que identificar, entender e punir quem é o cara. Ele pode só estar escondido sob uma roupa. É uma mania que a sociedade brasileira tem, de querer achar remédio para uma doença que ela não sabe direito qual é. A impressão que eu tenho é que no caso do futebol, nós nem sabemos direito qual é a doença. Às vezes a gente acerta um remédio ou outro, por sorte, não por haver um diagnóstico que levasse ao cerne do problema.

O senhor acha que o Estatuto do Torcedor acaba sendo uma dessas tentativas, mas que deveria tomar cuidado com alguns pontos que acabam deixando de lado? Por exemplo, todo membro de organizado deve ser cadastrado, mas há fiscalização para saber se isso acontece?

No papel, o Estatuto é lindo, um passo adiante para solucionar alguns problemas. Em tese é assim. Na prática, ele não funciona como deveria. E relembro, o futebol está dentro da sociedade brasileira. Um membro que está sem carteirinha e usa a do amigo está fazendo a mesma coisa que ela pessoa que falsifica carteirinha de estudante para pagar meia-entrada no cinema. Qualquer um sabe até onde ir. Do mesmo jeito que você não prende alguém por falsidade ideológica por causa de entrar no cinema, você não prende o cara da torcida que entra com cadastro de outra pessoa. É a mesma situação e que remonta à mesma situação: Justiça. Depredar um carro sempre é depredar um carro, esteja com a camisa de um time ou não.



Rua 24 de Maio, 116: sede da Independente



Aliança entre Torcida Jovem e Independente



Careca e sua tatuagem



Revista nas bandeiras antes do jogo



Morumbi, São Paulo e Atlético-GO



Carol e o surdo,
coração da
arquibancada



